

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ALINE MELNYK

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RUGBY AOS ATLETAS DA CIDADE DE PONTA
GROSSA NO PARANÁ

PONTA GROSSA

2021

ALINE MELNYK

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RUGBY AOS ATLETAS DA CIDADE DE PONTA
GROSSA NO PARANÁ

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas. Linha de Pesquisa: História, Cultura e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo.

PONTA GROSSA

2021

M527 Melnyk, Aline
Representações sociais do rugby aos atletas da cidade de Ponta Grossa no
Paraná / Aline Melnyk. Ponta Grossa, 2021.
98 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de
Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta
Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo.

1. Rugby. 2. Representações sociais. 3. Ponta Grossa Rugby. 4. Esporte. I.
Carmo, Gonçalo Cassins Moreira do. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 394

TERMO DE APROVAÇÃO

ALINE MELNYK

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RUGBY AOS ATLETAS DA CIDADE DE PONTA GROSSA NO PARANÁ

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 26 de fevereiro de 2021.

Assinatura pelos Membros da Banca:



Prof. Dr. Gonçalo Cassius Moreira do Carmo - UEPG – Presidente

Prof. Dr. André Mendes Capraro – UFPR - Membro Externo

Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho – UEPG - Membro Interno

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – UTFPR - Suplente Externo

Prof. Dr. Alfredo César Antunes – UEPG - Suplente Interno

À memória de minha avó, Lídia Kujawski Felício.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por iluminar meus passos e me guiar até aqui.

Agradeço aos meus pais, Elias Melnyk e Maria Bernadete Felício Melnyk, às minhas irmãs, Elizabeth Melnyk e Gabriele Melnyk, aos meus avós, Meletei Felício e Lídia Kujawski Felício (em memória), e ao meu afilhado, Rafael Melnyk, por serem o meu suporte em todos os momentos.

Agradeço a Fabiana Manganotti por todo apoio, incentivo e, principalmente, por sempre me contagiar com seu otimismo mesmo nos momentos de maiores dificuldades.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo, por toda paciência, confiança, disponibilidade e incentivo. Obrigada por acreditar em mim e ser um grande exemplo de professor e profissional desde a graduação.

Agradeço ao Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho e ao Prof. Dr. André Mendes Capraro, pelas contribuições ao trabalho, disponibilidade e colaboração, que foram de grande importância para o desenvolvimento da dissertação.

Agradeço ao Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson e ao Prof. Dr. Alfredo César Antunes pela disponibilidade de serem membros suplentes da banca e pelas contribuições com a pesquisa.

Agradeço à equipe do Ponta Grossa Rugby e, em especial, ao presidente Matheus Stalhschmidt Gomes, por todo apoio, suporte e colaboração durante a realização deste estudo.

Agradeço aos professores e funcionários do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa, por todos os ensinamentos durante a graduação e após ela.

Agradeço aos meus colegas e professores do PIBID e CDR/UEPG por todos os anos de convivência e aprendizado.

Agradeço aos meus amigos por toda a parceria, amizade, momentos compartilhados e principalmente por fazerem parte e estarem presentes em mais esse momento.

Agradeço aos meus amigos e colegas de mestrado por trilharem comigo essa etapa, dividindo experiências e aprendizados.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida, a qual tornou possível a dedicação integral às atividades da pós-graduação.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa.

RESUMO

O objetivo da presente dissertação de mestrado foi compreender quais as representações sociais do termo indutor “rugby” para os atletas da equipe do Ponta Grossa Rugby. Para tal, utilizou-se dos seguintes objetivos específicos: verificar a produção acadêmica acerca da modalidade de Rugby na perspectiva Social; apontar a produção acadêmica acerca da modalidade de Rugby no Brasil; categorizar o rugby como elemento no campo esportivo, ou mais precisamente como um subcampo, segundo Pierre Bourdieu; demonstrar o rugby como uma possibilidade de temática a ser investigada a partir da teoria das representações sociais; e verificar as representações sociais da modalidade de Rugby aos praticantes na cidade de Ponta Grossa - PR. A construção desta dissertação se deu a partir da utilização do modelo escandinavo, também chamado de *multipaper*, que propõe uma estrutura composta por diferentes artigos, que possibilitem a compreensão do problema de pesquisa e tenham complementariedade. Para tal, foram elaborados cinco artigos, são eles: “Estado do conhecimento: estudos referentes à modalidade de rugby na perspectiva social”; “Rugby no Brasil: estado do conhecimento acerca dos estudos nacionais realizados sobre a modalidade”; “Amador x profissional: caracterização da modalidade de rugby na perspectiva de Pierre Bourdieu”; “A Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici: o rugby em foco”; e “Representação Social do “rugby” aos atletas da equipe de Ponta Grossa - Paraná”. Conclui-se que no Brasil as maiores produções sobre a modalidade abordam temas como desempenho esportivo, nutrição e suplementação, e a organização e gestão, já a produção acadêmica referente à modalidade de rugby em uma perspectiva social tem destaque na América do Sul, principalmente na Argentina, estando principalmente relacionada a três categorias referentes às classes sociais: construção de classe, mudanças sociais e luta de classes. Essa relação pode ser explicada a partir do contexto histórico da modalidade, diante da disputa existente entre os valores amadores (classe burguesa) e profissionalização (classes inferiores). Essa ligação pode ainda ser entendida utilizando-se da teoria dos campos de Bourdieu, na qual o rugby pode ser compreendido como um subcampo do campo esportivo, considerando as disputas referentes à manutenção de valores amadores, à popularização da modalidade e à profissionalização. Tais disputas podem ainda ser aspectos de investigação através da Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici e, mais especificamente, abordando a Teoria do Núcleo Central de Jean-Claude Abric, a qual propõe observar a estrutura de uma representação a partir do entendimento de suas características mais sólidas e mais fluidas. Utilizando-se da equipe de Ponta Grossa Rugby como possibilidade de entendimento da estruturação da representação sobre a modalidade para este grupo, observou-se, através do discurso dos atletas, que a representação se relaciona às condutas que eles julgam importantes para a prática dessa modalidade, tendo o termo “respeito” como destaque. Utilizando-se apenas do discurso ainda não é possível comprovar a relação destes códigos com a representação social do rugby, para essa comprovação é necessária a realização de mais estudos partindo das pistas aqui encontradas, a fim de verificar se a prática desse grupo é condizente com a fala dos atletas.

Palavras-chave: Rugby. Representações Sociais. Ponta Grossa Rugby. Esporte.

ABSTRACT

The objective of this master's thesis was to understand the social representations of the term "rugby" for athletes from the Ponta Grossa Rugby team. To this end, the following specific objectives were used: to verify the academic production about the Rugby modality in the Social perspective; to point out the academic production about the Rugby modality in Brazil; categorize rugby as an element in the sports field, or more precisely as a subfield, according to Pierre Bourdieu; demonstrate rugby as a possibility of thematic to be investigated from the theory of social representations; and to verify the social representations of the Rugby modality to the practitioners in the city of Ponta Grossa - PR. The construction of this dissertation took place from the use of the Scandinavian model, also called multipaper, which proposes a structure composed of different articles, which make it possible to understand the research problem and have complementarity. To this end, five articles were prepared: "State of knowledge: studies referring to rugby in the social perspective"; "Rugby in Brazil: state of knowledge about national studies carried out on the sport"; "Amateur vs. professional: characterization of rugby from the perspective of Pierre Bourdieu"; "Serge Moscovici's Theory of Social Representations: rugby in focus"; and "Social representation of" rugby "to the athletes of the Ponta Grossa - Paraná team". It is concluded that in Brazil the biggest productions on the modality deal with themes such as sports performance, nutrition and supplementation, and the organization and management, while the academic production referring to the rugby modality from a social perspective has prominence in South America, mainly in South America. Argentina is mainly related to three categories referring to social classes: class construction, social changes, and class struggle. This relationship can be explained from the historical context of the sport, given the dispute between the amateur values (bourgeois class) and professionalization (lower classes). This connection can also be understood using Bourdieu's theory of fields, in which rugby can be understood as a subfield of the sports field, considering the disputes regarding the maintenance of amateur values, the popularization of the sport, and professionalization. Such disputes can still be aspects of investigation through the Theory of Social Representations proposed by Serge Moscovici and, more specifically, addressing the Theory of the Central Nucleus of Jean-Claude Abric, which proposes to observe the structure of a representation from the understanding of its more solid and more fluid characteristics. Using the Ponta Grossa Rugby team as a possibility to understand the structure of the representation about the sport for this group, it was observed, through the athletes' discourse, that the representation is related to the conducts that they consider important for the practice of this sport, having the term "respect" as a highlight. Using only the discourse, it is not yet possible to prove the relationship of these codes with the social representation of rugby, for this verification it is necessary to carry out further studies based on the clues found here, to verify if the practice of this group is consistent with the speech of the athletes.

Keywords: Rugby. Social Representations. Ponta Grossa Rugby. Sport.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 PERCURSO METODOLÓGICO | 13 |
| 2.1 MODELO ESCANDINAVO..... | 13 |
| 2.2 ESTADO DO CONHECIMENTO..... | 14 |
| 2.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO..... | 15 |
| 2.4 BIBLIOGRAFIA E TEORIA DOS CAMPOS..... | 15 |
| 2.5 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EVOCAÇÃO DE PALAVRAS..... | 16 |
| 3 ESTADO DO CONHECIMENTO: ESTUDOS REFERENTES À MODALIDADE DE RUGBY NA PERSPECTIVA SOCIAL | 19 |
| 3.1 INTRODUÇÃO..... | 19 |
| 3.2 METODOLOGIA..... | 21 |
| 3.4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS..... | 23 |
| 3.5 APONTAMENTOS FINAIS..... | 29 |
| REFERÊNCIAS..... | 30 |
| 4 RUGBY NO BRASIL: ESTADO DO CONHECIMENTO ACERCA DOS ESTUDOS NACIONAIS REALIZADOS SOBRE A MODALIDADE | 33 |
| 4.1 INTRODUÇÃO..... | 33 |
| 4.2 METODOLOGIA..... | 35 |
| 4.3 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS..... | 37 |
| 4.5 APONTAMENTOS FINAIS..... | 44 |
| REFERÊNCIAS..... | 45 |
| 5 AMADOR X PROFISSIONAL: CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE DE RUGBY NA PERSPECTIVA DE PIERRE BOURDIEU | 48 |
| 5.1 INTRODUÇÃO..... | 48 |
| 5.2 METODOLOGIA..... | 50 |
| 5.3 TEORIA DOS CAMPOS..... | 50 |

| | |
|---|-----------|
| 5.4 O RUGBY: APROXIMAÇÃO COMO SUBCAMPO DO CAMPO ESPORTIVO..... | 53 |
| 5.5 APONTAMENTOS FINAIS | 57 |
| REFERÊNCIAS | 58 |
| 6 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERGE MOSCOVICI: O RUGBY EM FOCO | 60 |
| 6.1 INTRODUÇÃO | 60 |
| 6.2 RUGBY COMO UMA PROPOSTA DE ESTUDO..... | 62 |
| 6.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRINCIPAIS CONCEITOS..... | 63 |
| 6.4 APONTAMENTOS FINAIS | 72 |
| REFERÊNCIAS | 73 |
| 7 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO “RUGBY” AOS ATLETAS DE MASCULINOS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR | 75 |
| 7.1 INTRODUÇÃO | 75 |
| 7.2 METODOLOGIA | 77 |
| 7.3 RESULTADOS..... | 78 |
| 7.4 APONTAMENTOS FINAIS | 87 |
| REFERÊNCIAS | 88 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 90 |
| REFERÊNCIAS | 93 |

1 INTRODUÇÃO

O rugby é um esporte que objetiva o avanço territorial com a posse de bola. Cenamo (2010) explica que, segundo a lenda, o esporte teve origem na cidade de Rugby, na Inglaterra, durante uma partida de futebol na Rugby School. O estudante William Web Ellis teria agarrado a bola em suas mãos e percorrido todo o campo para marcar o gol na equipe adversária.

O campo de jogo apresenta as medidas de no máximo 144 metros de comprimento e 70 metros de largura. A bola é feita de borracha e tem o formato oval, tem 27 cm de comprimento por 76 cm de circunferência no maior eixo, com o peso entre 368 g e 435 g. (CBRU, 2020).

Segundo a regra, a bola só pode ser passada para jogadores que estejam atrás da linha da bola, o objetivo é atravessar o campo com a posse da bola ou marcar pontos realizando um chute a gol em formato de “H”. A modalidade pode ser dividida em Rugby 15 e Rugby 7, contendo quinze e sete jogadores titulares respectivamente. (CBRU, 2020).

Desde a sua criação, a modalidade é cercada das histórias de superação que a envolvem. A mais conhecida ocorreu na África do Sul durante a Copa do Mundo da modalidade de 1995. Nelson Mandela utilizou do rugby como uma estratégia de unificação entre negros e brancos no país. (HELAL; AMARO, 2011).

Outro evento em que o rugby teve destaque fora de campo ocorreu em um acidente aéreo no ano de 1972 com a seleção uruguaia da modalidade. O acidente envolveu 45 pessoas e os sobreviventes foram resgatados após 72 dias da queda do avião na Cordilheira dos Andes. (CENAMO, 2010).

Esses relatos e histórias são direcionados ao caráter formativo da modalidade, segundo Mello e Pinheiro (2014), seria o “espírito do rugby”, o qual norteia a prática e os envolvidos nesse esporte, correspondendo aos seguintes valores: espírito de equipe, respeito, divertimento, disciplina e esportividade.

Além dos valores, outra questão relacionada ao Rugby corresponde à disputa entre o amadorismo e a profissionalização. Historicamente, a International Rugby Union (entidade responsável por esse esporte) foi contrária à profissionalização, defendendo a vertente em que os valores da modalidade e seu caráter formativo estariam ligados ao amadorismo. (RICHARDS, 2011 *apud* GUTIERREZ, 2016).

A disputa entre amador e profissional também é explicada por Dunning (1992). Segundo o autor, a vertente amadora ganhou força ao representar a prática esportiva apenas voltada ao prazer pela prática, sem que houvesse interesse econômico. Com o incentivo

financeiro em alguns esportes, grupos de classes mais baixas começaram a praticar as modalidades que antes eram exclusivas de grupos da elite, havendo assim a profissionalização.

Especificamente no rugby, a principal instituição que representava a modalidade se posicionava contra a vertente do profissionalismo, isso contribuiu para que, no ano de 1897, fosse criada a Rugby League, que, ao contrário da Rugby Union, passou a permitir a profissionalização da modalidade. (RICHARDS, 2011 *apud* GUTIERREZ, 2016).

Todas essas peculiaridades que rodeiam essa modalidade apresentam fatores sociais envolvidos, seja pela questão das histórias de superação, mitos, valores ou pela disputa entre profissionalização e prática amadora, mas passa-se a refletir sobre alguns questionamentos iniciais, como: qual a relação entre o esporte e a sociedade? Como o esporte pode ser entendido como fator social?

Essa relação entre o esporte e a sociedade pode ser explicada por Damatta (1982, p. 23), “o esporte faz parte da sociedade tanto quanto a sociedade faz parte do esporte”, sendo assim, não podem ser analisados de maneira isolada.

Para Barroso e Darido (2006), o esporte deve ser pensado a partir de diferentes manifestações e pontos de vista, de forma que seja possível adentrar em uma nova perspectiva relacionada ao tema, utilizando-se de reformulações sobre o assunto para que o esporte possa ser entendido como um fenômeno sociocultural.

Pensando mais precisamente no esporte como possibilidade a ser estudada em ciências sociais, o tema vem sendo muito abordado nos últimos anos, esses estudos têm possibilitado maior autonomia e consolidação da temática nas áreas de educação física e da sociologia. (MOLETTA JR, 2005; FERREIRA *et al.*, 2013).

Nessa perspectiva, o rugby e as suas peculiaridades como modalidade esportiva podem ser inseridos no estudo das ciências sociais, possibilitando estudos com abordagens referentes à temática social.

Para isso, seria preciso compreender o rugby como objeto pertencente ao contexto social e de que forma isso ocorre. Para tal, optou-se por situá-lo a partir da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu.

De acordo com Souza e Marchi Júnior (2017), essa teoria permite compreender o mundo social através de conexões que são estabelecidas dentro de diferentes espaços que apresentam crenças, autonomia, estrutura e poder próprios.

Dessa forma, fez-se necessário compreender o rugby como um subcampo do campo esportivo, entendendo suas disputas próprias, o seu capital em disputa e as regras que permeiam esse campo.

Após essa contextualização, para atender uma das propostas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) referente à promoção de pesquisas e estudos que tenham como objetivo a reflexão e discussão de questões e demandas locais que estejam relacionadas à localização da universidade, optou-se por reflexões acerca do rugby na cidade de Ponta Grossa - PR.

O Ponta Grossa Rugby é o representante da categoria masculina adulta da modalidade na cidade de mesmo nome. A equipe já participou de competições como Jogos Abertos do Paraná e Copa Paraná. Atualmente, é composta por cerca de 20 atletas ativos.

Tratando-se especificamente desse grupo, passa-se a pensar nas seguintes reflexões: Quem são os praticantes de rugby na cidade de Ponta Grossa? Como conheceram o rugby? Quais os valores da prática do rugby? Como se dá essa prática? Qual a motivação e/ou interesse que permeiam a prática desse esporte?

O rugby, apesar de ser uma das modalidades mais praticadas do mundo, não é tão popular no Brasil quando comparada a outros esportes (MARQUES; CAFEO, 2014), e, conseqüentemente, esse fator tende a ser reproduzido na cidade de Ponta Grossa, dessa forma, como as primeiras respostas a serem obtidas através dos questionamentos anteriores, passa-se a refletir sobre a seguinte questão: qual o significado do rugby para seus praticantes?

Pensando em uma possibilidade de encontrar pistas acerca desses questionamentos, uma opção metodológica seria por meio da teoria das representações sociais de Moscovici (2012). Essa teoria é norteadora pela diversidade dos indivíduos, suas atitudes e os fenômenos, abordando o que é imprevisível. Tal teoria tem o objetivo de explorar a diversidade cultural de um indivíduo ou grupo a fim de que se torne possível a construção de um mundo estável e previsível.

Para Jodelet (2001), só é possível a existência de uma representação a partir da presença de um objeto, pois depende da forma como os indivíduos compreendem determinado objeto, que pode ser: pessoa, acontecimento, fenômeno, teoria, entre outros.

Estabelecendo essa relação entre objeto e sujeito, Jodelet (2001, p. 22) complementa essa perspectiva afirmando que: “a Representação Social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito)”.

Dessa forma, utilizando a definição anterior, entende-se que o rugby (objeto) pode ser observado a partir das representações que os atletas de equipe Ponta Grossa Rugby (sujeitos) têm acerca dele. Nessa perspectiva, a questão norteadora do presente estudo é: Quais as representações sociais que os atletas masculinos praticantes da modalidade de rugby na cidade de Ponta Grossa têm acerca desse esporte?

O objetivo do estudo foi compreender quais as representações sociais do termo indutor “rugby” para os atletas da equipe do Ponta Grossa Rugby. Para isso, o objetivo geral foi dividido em cinco objetivos específicos, são eles: verificar a produção acadêmica acerca da modalidade de Rugby na perspectiva Social; apontar a produção acadêmica acerca da modalidade de Rugby no Brasil; categorizar o rugby como elemento no campo esportivo, ou mais precisamente como um subcampo, segundo Pierre Bourdieu; demonstrar o rugby como uma possibilidade de temática a ser investigada a partir da teoria das representações sociais; e verificar as representações sociais da modalidade de Rugby aos praticantes na cidade de Ponta Grossa - PR.

Para dar conta dos objetivos propostos, a presente dissertação está distribuída da seguinte maneira: inicialmente está apresentado o percurso metodológico utilizado para a construção dos artigos, e na sequência estão apresentados os artigos que compõem o estudo, cada um deles abordando um objetivo específico, sendo eles:

- Artigo 1: “ESTADO DO CONHECIMENTO: ESTUDOS REFERENTES À MODALIDADE DE RUGBY NA PERSPECTIVA SOCIAL”.
- Artigo 2: “RUGBY NO BRASIL: ESTADO DO CONHECIMENTO ACERCA DOS ESTUDOS NACIONAIS REALIZADOS SOBRE A MODALIDADE”.
- Artigo 3: “AMADOR X PROFISSIONAL: CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE DE RUGBY NA PERSPECTIVA DE PIERRE BOURDIEU”.
- Artigo 4: “A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERGE MOSCOVICI: O RUGBY EM FOCO”.
- Artigo 5: “REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO “RUGBY” AOS ATLETAS DA EQUIPE DE PONTA GROSSA - PARANÁ”.

A partir dessas definições, entende-se que a presente dissertação atende a proposta de interdisciplinaridade do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), considerando que o diálogo aqui proposto, com relação aos conceitos e metodologias utilizadas referentes às representações sociais e ao rugby, é articulado em diferentes áreas de conhecimento, como: história, educação física, sociologia e antropologia.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, será apresentado o percurso metodológico do presente estudo, exibindo o formato de construção da dissertação, bem como os demais procedimentos utilizados durante este processo, descritos de maneira detalhada.

2.1 MODELO ESCANDINAVO

A construção da presente dissertação foi feita a partir da utilização do modelo escandinavo, também chamado de *multipaper*, que propõe que a estrutura da dissertação seja composta por diferentes artigos que possibilitem a compreensão do problema de pesquisa e tenham complementariedade.

Por muitos anos, as teses e dissertações apresentavam um formato definido como tradicional, sendo compostas por capítulos. Já o modelo escandinavo foi introduzido no Reino Unido entre os anos de 1960 e, mais tarde, foi utilizada nos Estados Unidos. (BADLEY, 2009 *apud* COSTA, 2013).

Nos últimos anos, esse formato apresenta crescimento lento, mas é possível verificar sua presença em teses e dissertações em diversos países, contemplando variadas áreas do conhecimento. (BADLEY, 2009 *apud* COSTA, 2013).

Esse método não possui consenso com relação à especificidade de suas normas, mas a estrutura mais comum corresponde a: 1. Introdução; 2. Objetivos; 3. Metodologia; 4. Artigos; e 5. Considerações finais.

Como vantagem desse método, Barbosa (2015) aponta que os resultados obtidos pelos artigos que compõem a dissertação estão mais propícios à socialização, isso ocorre pelo fato de que a publicação dos artigos em periódicos, geralmente em plataformas digitais, tem sua visibilidade e disponibilidade ampliada para outros pesquisadores.

Outra vantagem diz respeito à utilização de diferentes métodos de pesquisa, pois cada artigo, apesar de serem complementares e interdependentes com relação ao estudo mais amplo, apresenta certo grau de independência, sendo que individualmente precisam ser entendidos, sem que haja a necessidade da leitura completa da tese ou dissertação. Essa estrutura própria possibilita o contato com procedimentos e estratégias de investigação diversificados. (SANTANA, 2017).

Como desvantagem, Santana (2017) explica que, devido a esse grau de independência dos artigos, o texto completo apresenta uma ideia falsa de fragmentação, bem como pode haver

sobreposição com relação a alguns conceitos, ideias ou argumentos que podem aparecer em mais de um artigo. Para supri-las, orienta-se o desenvolvimento de um capítulo introdutório que demonstre o contexto no qual ocorreu o desenvolvimento da pesquisa e explique as conexões entre os estudos, assim como as principais características da utilização desse método.

2.2 ESTADO DO CONHECIMENTO

O estado do conhecimento é um método proposto por Morosini e Fernandes (2014) que objetiva a identificação, registro, categorização e sintetização de materiais de uma temática específica, que foram produzidos em uma área, espaço de tempo, periódicos, teses, dissertações e livros.

Para realizar o estado do conhecimento, Ferreira (2002) aponta que, no primeiro contato com a temática, é preciso observar e quantificar os dados para realizar o mapeamento dos períodos, locais e das áreas de produção.

Após essa coleta, o pesquisador deve refletir acerca das produções selecionadas, numa tentativa de imaginar possíveis tendências e ênfases, verificar escolas metodológicas e teóricas. Esse processo permite a aproximação e o afastamento dos trabalhos encontrados no processo. A autora aponta ainda algumas perguntas a serem utilizadas como direcionamento, são elas: “quando”, “onde”, “quem”, “o que” e “como” foram produzidos os estudos. (FERREIRA, 2002).

A metodologia do estado do conhecimento foi utilizada nos artigos “ESTADO DO CONHECIMENTO: ESTUDOS REFERENTES À MODALIDADE DE RUGBY NA PERSPECTIVA SOCIAL” e “RUGBY NO BRASIL: ESTADO DO CONHECIMENTO ACERCA DOS ESTUDOS NACIONAIS REALIZADOS SOBRE A MODALIDADE”

No primeiro deles, foram utilizados os termos indutores “Rugb* AND Soci*” nas plataformas de busca Scielo, Scopus e Periódicos CAPES. De maneira inicial, foram encontrados 5.030 artigos. Como delimitação, foram utilizados quatro critérios: 1) Termos presentes no assunto; 2) Publicação nos últimos 5 anos completos (2015, 2016, 2017, 2018 e 2019); 3) Estudo com acesso livre; e 4) Periódicos revisados por pares. Após esse processo, obteve-se 405 artigos e, após a leitura do título, resumo e palavras-chave, foram selecionados 11 estudos para análise.

No segundo artigo, os termos indutores “Rugby or Rugbi” foram utilizados nas plataformas Scielo, Scopus e Periódicos CAPES. Inicialmente, as buscas geraram 75.976 estudos. Na sequência, foram utilizados quatro critérios para a delimitação: 1) Estudos

publicados nos últimos 5 anos completos (2015, 2016, 2017, 2018 e 2019); 2) Estudos publicados no Brasil e em Português; 3) Estudos com acesso livre; e 4) Periódicos revisados por pares. Com isso, restaram 56 artigos e, após análise do título, resumo e palavras-chave, foram selecionados 19 estudos.

2.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A técnica intitulada como análise de conteúdo é proposta por Bardin (2011) e corresponde a:

[...] obter por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

Esse processo, segundo a mesma autora, se dá a partir de três diferentes fases: a pré-análise, a exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Para Bardin (2011), na fase de pré-análise, ocorre a organização, sistematização e verificação dos dados iniciais, de forma que sejam escolhidos os dados para a análise, como as hipóteses e/ou objetivos, por exemplo.

Na segunda fase, intitulada como exploração do material, os estudos são codificados e enumerados, a partir de regras já estabelecidas e deve-se criar categorias para serem utilizadas na análise. (BARDIN, 2011).

Por fim, ocorre o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Nesta última fase, Bardin (2011) aponta que os dados brutos devem ser transformados em significativos. Esses serão apresentados a partir de quadros e/ou diagramas, por exemplo, com os dados que foram obtidos através da análise.

2.4 BIBLIOGRAFIA E TEORIA DOS CAMPOS

Um estudo bibliográfico, segundo Gil (2002), é um método em que são utilizados os materiais bibliográficos já existentes acerca do assunto da pesquisa. Podem ser utilizados livros e/ou artigos científicos, por exemplo.

Essa metodologia foi utilizada no estudo “TEORIA DOS CAMPOS: CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE DE RUGBY NA PERSPECTIVA DE PIERRE

BOURDIEU”. Nesse estudo, utilizou-se da teoria dos campos de Pierre Bourdieu para categorizar o rugby como um subcampo do campo esportivo.

Para isso, os materiais bibliográficos levantados possibilitaram a compreensão da teoria dos campos, bem como o entendimento dos conceitos propostos pelo autor, como: campo, *habitus* e capital.

Como principais autores dessa etapa, utilizou-se de Bourdieu (2003; 2013), Souza e Marchi Junior, (2010a, 2010b, 2017) e Thiry-Cherques (2006) como suporte teórico referente à teoria do campo esportivo.

2.5 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EVOCÇÃO DE PALAVRAS

A teoria das representações sociais foi utilizada no estudo que tem por objetivo verificar as representações sociais do “Rugby” para os praticantes na cidade de Ponta Grossa - PR. Essa teoria é uma proposta de Serge Moscovici para estudos sociais, mas apresenta suas origens desde apontamentos em estudos de Émile Durkheim.

Para Durkheim, havia a necessidade de separação entre representações coletivas e individuais, sendo que as representações individuais têm relação com as sensações, ações e reações de um indivíduo, e as representações coletivas são representadas por ações que ocorrem a partir de troca de experiências com a sociedade. O indivíduo, então, tem dois componentes intrínsecos ligados a ele, sua individualidade e um componente social. (JODELET, 2011).

O mesmo autor aponta ainda a importância da definição do objeto de pesquisa, de forma que o estudo da sociologia estaria interligado aos fatos sociais de uma pesquisa, pois os fatos sociais englobam toda a relação de sociedade e a sua funcionalidade. Dessa forma, o objeto deve ser transformado em uma “coisa” e deve-se investigar de maneira profunda os fatos e contextos que envolvem o indivíduo.

Moscovici (2012) aponta a dificuldade em se definir uma representação social, relacionando-a a fenômenos de ordem psíquica e social utilizando-se de algumas colocações de Durkheim. Para o autor, uma representação social não pode ser relacionada a um mito, mas a uma verdade real e uma ciência total, em que as informações são orientadas por grupos sociais e se relacionam ao contexto em que estão contidos.

Em sua obra, são abordados os conceitos de imagem e opinião, sendo que o primeiro se relaciona à influência do que se é filtrado e das memórias selecionadas e o segundo trata-se da individualidade de opinião que afeta o que é considerado certo ou errado pela sociedade. O autor aponta ainda a importância da conversação para a disseminação de informações que

ocorrem através da relação existente entre os indivíduos de um grupo. Discorre também acerca do conceito de estranheza, quando não se sabe nada sobre a informação, e do conceito de familiarização, quando procura-se compreender o que é desconhecido.

Pensando nos métodos para se estudar representações sociais, Moscovici (2012) considera que não existe um modelo ideal, entretanto deve-se observar as vantagens e desvantagens de cada método.

Na obra de Sá (1998), ao retomar conceitos importantes, o autor explica que a ancoragem que ocorre a partir de uma representação social faz com que um conhecimento anterior seja usado para a compreensão. Aponta também a respeito do conceito de objetivação, que significa a percepção que é tida sobre determinada imagem.

O processo metodológico que será tomado no estudo será referente aos apontamentos de Sá (1998), que indica que deve haver a diferenciação entre fenômeno e o objeto.

Os fenômenos de representação social são mais complexos do que os objetos de pesquisa que construímos a partir deles. Isso quer dizer que há uma simplificação quando passamos do fenômeno ao objeto de pesquisa. [...] Quando simplificamos o fenômeno da representação social transformando-o em um objeto de pesquisa, fazemos isso através de uma teoria, a teoria das representações sociais. (SÁ, 1998, p. 22).

A partir disso, algumas decisões acerca do objeto de pesquisa devem ser tomadas pelo pesquisador, segundo Sá (1998), primeiramente deve-se enunciar o objetivo, evitando contaminações com outros objetos, em seguida é preciso selecionar os sujeitos de investigação e, por último, deve haver a definição do contexto social e sua natureza.

Perante essas colocações, o “rugby” foi definido como o objeto do estudo, no qual os atletas da equipe masculina da cidade de Ponta Grossa foram os sujeitos, e o contexto se deu a partir da participação em treinamentos e competições no último ano.

Sobre os métodos, é possível utilizar-se de diferentes caminhos a serem explorados sobre a teoria das representações sociais, Sá (1998, p. 81) enumera algumas dessas possibilidades:

Se quiséssemos insistir em uma apresentação esquemática e simplificada da questão, diríamos o seguinte: à perspectiva de Jodelet corresponde a métodos ditos qualitativos; à perspectiva de Doise, os tratamentos estatísticos correlacionais; à de Abric, o método experimental.

Para o estudo, será utilizada a Teoria do Núcleo Central, a partir da abordagem estrutural de Abric. Segundo Mazzotti (2002, p. 20), “a ideia essencial de Abric é a de que toda representação está organizada em torno de um núcleo central que determina, em simultâneo, sua significação e sua organização interna”.

Para tal, será utilizada técnica de evocação de palavras, segundo Paula (2018), essa técnica utiliza um termo indutor, “rugby” especificamente nesse caso, e, logo na sequência, os participantes devem escrever cinco palavras que lhes “vierem à mente” e enumerá-las de acordo com a importância que eles atribuem a elas.

Além da evocação de palavras, será realizada também a caracterização da amostra, a partir dos seguintes questionamentos: data de nascimento, qual o seu primeiro contato com o rugby? Como conheceu a equipe Ponta Grossa Rugby? Há quanto tempo você pratica o rugby? Quais as suas experiências em competições na modalidade de rugby?

Para tais questionamentos, será realizada uma entrevista estruturada que, segundo Gil (2002), requer relação entre as perguntas e possibilita a realização de uma análise quantitativa e padronização dos dados. As entrevistas serão realizadas através de plataformas online de acordo com a disponibilidade do entrevistado.

3 ESTADO DO CONHECIMENTO: ESTUDOS REFERENTES À MODALIDADE DE RUGBY NA PERSPECTIVA SOCIAL

Aline Melnyk

Gonçalo Cassins Moreira do Carmo

RESUMO: O rugby é uma modalidade cercada de mitos e fatores históricos e sociais desde a sua criação. Entendendo que o esporte deve ser pensado juntamente com a sociedade, o presente estudo tem o objetivo de realizar uma análise da produção acadêmica relacionada ao rugby abordado numa perspectiva social, apresentando a caracterização dos estudos e das revistas nas quais foram publicados, ressaltando os principais temas de abordagem propostos pelos autores, a partir da realização de um estado do conhecimento acerca do tema. Conclui-se que os grandes temas apresentados acerca da modalidade de rugby na perspectiva social são referentes à socialização esportiva e às classes sociais (construção de classe, mudanças sociais e luta de classes).

Palavras-chave: Rugby. Sociedade. Esporte.

3.1 INTRODUÇÃO

O rugby é uma modalidade de avanço territorial, que, segundo a Confederação Brasileira de Rugby (CBRU, 2020), pode ser dividida em rugby 15-a-side, também conhecido como rugby 15, na qual cada equipe inicia com quinze jogadores, e rugby 7, disputada com sete jogadores em cada lado. O objetivo do jogo é atravessar o campo obtendo a posse de bola ou realizar um chute de conversão em formato de “H”.

A bola utilizada no esporte tem o formato oval e seu material é de borracha. Apresenta 27 cm de comprimento por 76 cm de circunferência no seu maior eixo, com o peso entre 368 g e 435 g. Segundo as regras, ela só pode ser passada para jogadores que estejam posicionados atrás da linha da bola. As medidas do campo de jogo correspondem a, no máximo, 144 m de comprimento por 70 m de largura. (CBRU, 2020).

Como pontuação na partida, a International Rugby Board (IRB, 2008) explica que a primeira delas é o *try*, que equivale a cinco pontos. Ocorre quando um jogador com a posse da bola atravessa a linha de gol do adversário.

Outra possibilidade de pontuação ocorre por meio do chute de conversão. O chute é realizado após um *try* e, se convertido, vale dois pontos. A posição de onde o chute é realizado ocorre a 22 metros de distância do gol e em linha reta do local onde o *try* foi convertido. Para ser válido, a bola deve estar entre os postes do gol em formato de “H”. (IRB, 2008).

É possível ainda somar três pontos através de um chute de *Drop Goal*. Esse chute também tem o objetivo de fazer a bola acertar o gol em formato de “H”, entretanto,

diferentemente do chute de conversão, ele pode ocorrer a qualquer momento do jogo e a bola deve quicar ao solo antes de o chute ser realizado (IRB, 2008).

Por fim, existe ainda a pontuação chamada de chute de penalidade, que, assim como o *Drop Goal*, também equivale a três pontos. Esse chute ocorre quando a equipe beneficiada pela penalidade decide realizar um chute. Para ser convertido, a bola também deve passar pelo gol em formato de “H” (IRB, 2008).

Segundo o mito fundador, a modalidade teve origem na cidade de Rugby na Inglaterra. Conforme explica Cenamo (2010), o estudante William Web Ellis, durante uma partida de futebol na Rugby School, percorreu todo o campo segurando a bola nas mãos, numa tentativa de marcar o gol.

O rugby é uma modalidade cercada de mitos desde a sua criação. A história mais conhecida corresponde ao fato de a modalidade ser utilizada por Nelson Mandela, na tentativa de unificar a África do Sul durante o momento de segregação racial, no ano de 1995, mesmo ano da realização da Copa do Mundo da Modalidade. Helal e Amaro (2011, p. 6) apontam que, naquele contexto histórico, “o rúgbi era o esporte preferido da elite, e, por isso, odiado pelo resto da população, que era, em sua maioria, negra. Os negros preferiam praticar o futebol, já que não se viam representados pela seleção nacional de rúgbi, os Springboks”.

Outro fato relacionado à modalidade diz respeito a um acidente aéreo ocorrido no ano de 1972 na Cordilheira dos Andes, envolvendo a seleção uruguaia de Rugby. O acidente envolveu 45 pessoas, entre tripulantes, jogadores e familiares. Os sobreviventes só foram resgatados após 72 dias do ocorrido. (CENAMO, 2010).

Essas histórias de superação e as particularidades da modalidade despertaram o caráter formativo nesse esporte, o chamado “espírito do rugby”. Segundo Mello e Pinheiro (2014), este código foi divulgado por um documento da Rugby Football Union (RFU) da Inglaterra, engloba todas as pessoas envolvidas na modalidade e corresponde a cinco pontos principais: espírito de equipe, respeito, divertimento, disciplina e esportividade.

Esses valores eram defendidos pela International Rugby Union, principal entidade do esporte, a qual considerava que o profissionalismo prejudicaria o caráter formativo da modalidade. Entretanto, em 1897, a modalidade foi dividida em Rugby League e Rugby Union, o primeiro deles defendia a profissionalização do esporte, já o segundo preservava as questões amadoras e a pregação dos valores que envolviam os seus praticantes. (RICHARDS, 2011 *apud* GUTIERREZ, 2016).

Para Dunning (1992), a ideologia do amadorismo ganhou força no esporte com o discurso de que ele deveria ser praticado apenas pelo prazer e não por outros interesses, como

o econômico, no caso da profissionalização. Segundo o mesmo autor, essa vertente ganhou destaque a partir da profissionalização de alguns esportes, e, como consequência disso, grupos de classes médias e baixas foram atraídos para essas modalidades, de forma que elas deixassem de ser uma prática exclusiva dos grupos de elite.

A partir dessas perspectivas, é possível verificar que o rugby apresenta fatores sociais envolvidos, seja pela questão das histórias e sua relação com os mitos, dos valores ou pela disputa entre profissionalização e prática amadora.

A partir disso, passa-se a refletir acerca de alguns questionamentos: quais as perspectivas acerca do rugby? De que maneira o rugby vem sendo abordado a partir de fatores sociais?

Quando se pensa sobre o esporte, os temas geralmente estão relacionados a saúde, prazer, divertimento, mas também existem os aspectos históricos, sociais e de sociabilidade. (BRACHT; ALMEIDA, 2003).

Barroso e Darido (2006) apontam que os esportes vistos a partir de novas perspectivas possibilitam a reformulação do tema, fazendo com que esses passem a serem vistos como uma forma de manifestação corporal e/ou um fenômeno sociocultural.

Pensando mais precisamente no esporte como possibilidade a ser estudada em ciências sociais, o tema vem sendo muito abordado nos últimos anos, esses estudos têm possibilitado maior autonomia e consolidação da temática nas áreas de educação física e da sociologia. (MOLETTA JR, 2005; FERREIRA *et al.*, 2013).

Nessa perspectiva, o rugby e as suas peculiaridades como modalidade esportiva podem ser inseridos no estudo das ciências sociais, possibilitando estudos com abordagens referentes à temática social.

Dessa forma, busca-se compreender quais os aspectos do rugby vêm sendo estudados numa perspectiva social, a partir da realização de um estado do conhecimento, conforme propõem Morosini e Fernandes (2014), utilizando-se das bases de dados: Scielo, Scopus e Periódicos Capes, que foram publicados entre os anos de 2015 e 2019.

3.2 METODOLOGIA

A metodologia apontada como estado do conhecimento tem o objetivo de identificar, registrar, categorizar e sintetizar os materiais que vêm sendo produzidos em uma área, espaço de tempo, periódicos, teses, dissertações e livros acerca de determinada temática. (MOROSINI; FERNANDES, 2014).

A realização do estado do conhecimento deve seguir alguns direcionamentos segundo Ferreira (2002). Conforme a autora, no primeiro contato com a temática a ser pesquisada, deve-se observar os dados e quantificá-los a fim de realizar o mapeamento em determinado período, local e áreas de produção.

Num segundo momento, o protagonismo é do pesquisador, o qual pode refletir sobre a produção “[...] imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento”. (FERREIRA, 2002, p. 265).

Em síntese, Ferreira (2002) aponta que, para realizar o estado do conhecimento, o pesquisador deve refletir sobre alguns pontos acerca da produção pesquisada, apontando algumas perguntas para direcionamento, sendo elas: “quando”, “onde”, “quem”, “o que” e “como” foram produzidos os estudos.

Para análise dos estudos encontrados, utilizou-se da técnica de Bardin (2011) chamada de análise de conteúdo, de forma que seja possível

[...] obter por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

O procedimento se dá pela utilização de três fases distintas, sendo elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. (BARDIN, 2011).

A autora aponta que, na fase de pré-análise, os estudos são organizados, sistematizados e são verificados os dados iniciais, para que possam ser escolhidos os dados a serem analisados, como, por exemplo: objetivos, hipóteses e levantamento de indicadores. (BARDIN, 2011).

Na fase da exploração do material, ocorrem a codificação e enumeração do material, utilizando-se de regras pré-estabelecidas, e a criação de categorias que farão parte da análise. (BARDIN, 2011).

A última fase proposta pela autora diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nessa etapa, deve-se tornar significativos os resultados considerados brutos, podendo ser apresentados a partir de quadros, diagramas, modelos, etc., contendo os dados que foram retirados a partir da análise. (BARDIN, 2011).

Para contemplar os passos propostos por Ferreira (2002) e Bardin (2011), como busca preliminar, optou-se pela utilização dos termos “Rugb* AND Soci*” buscados nas seguintes plataformas: Scielo, Scopus e Periódicos Capes, obtendo nesta exploração inicial 5.030 artigos.

Para a filtragem dos estudos, optou-se pelos seguintes critérios de delimitação: 1) Termos presentes no assunto; 2) Publicação nos últimos 5 anos completos (2015, 2016, 2017, 2018 e 2019); 3) Estudo com acesso livre; 4) Artigos escritos em Português (BR), Espanhol e Inglês; e 5) Periódicos revisados por pares. Após o processo de delimitação, obteve-se 405 artigos.

Foi realizada a leitura do título, resumo e palavras-chave dos estudos encontrados na primeira delimitação. Nessa etapa, foram excluídos os artigos que apenas citavam a palavra “rugby” ou alguma palavra que remetia ao aspecto social, sem aprofundar ou relacionar os dois termos, e os artigos que, apesar de utilizarem o rugby como temática, não se aproximavam da perspectiva social.

Esse processo foi realizado para que houvesse a seleção de artigos que se aproximavam da presente proposta de estudo, ou seja, que abordassem o aspecto social da modalidade de rugby. Após a exclusão dos artigos que não se encaixavam nessa proposta, foram selecionados 10 estudos para a análise do presente estudo.

3.4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A partir do levantamento realizado, a tabela 1 contempla os primeiros resultados encontrados acerca dos termos de busca.

Tabela 1 - Levantamento inicial e artigos selecionados

| PLATAFORMA | ARTIGOS | SELECIONADOS |
|--------------|------------------------------|--------------|
| Scielo | 13 | 3 |
| Scopus | 74 | 6 |
| Capes | 318 | 6 |
| TOTAL | 405 | 17 |
| | TOTAL (SEM REPETIÇÃO) | 10 |

Fonte: Os autores.

Após esse levantamento realizado nas plataformas citadas, dos 405 estudos encontrados, foram selecionados 10 artigos para análise. Como critérios para essa seleção, foram descartados os estudos que apresentavam apenas algum dos termos indutores (Rugb* and Soci*) de maneira isolada sem realmente abordarem os temas e os estudos que se encontraram repetidos em mais de uma plataforma.

Sendo assim, pensando na proposta de Ferreira (2002), para responder “quando” e “quem” acerca dos estudos, organizou-se o quadro 1, no qual estão contidas as informações referentes ao título, à autoria e à data dos artigos selecionados.

Para facilitar a identificação dos estudos que apareceram de forma replicada nas plataformas, atribuiu-se a letra E, seguida de um número, que variou entre E1 e E10. O estudo de Fuentes (2018), por exemplo, recebeu a designação E1. Sendo assim, os estudos E1, E4, E6, E7 e E8, marcados com “*”, foram encontrados em mais de uma plataforma.

Ainda com o intuito de facilitar a identificação, optou-se por marcar em “Negrito”, os autores que foram encontrados em mais de um estudo, como no caso de Branz (2015, 2016), com autoria nos estudos E3 e E8.

Quadro 1 - Identificação, autoria e base de dados dos artigos.

(continua)

| BASE SCIELO | | |
|-------------|---|---|
| COD | TÍTULO | AUTOR |
| E1* | Rugby, educación solidaria y riqueza en las elites de Buenos Aires: la construcción de una clase moral Rugby, educação solidária e riqueza nas elites de Buenos Aires: a construção de uma classe moral. | FUENTES, S. G. (2018) |
| E2 | Érase una vez... la Nación Arcoíris: construcción de un mito de unidad nacional en la Sudáfrica postapartheid a partir de la ejecución de un dispositivo ritual extendido Era uma vez ... a Nação Arco-Íris: construindo um mito de unidade nacional na África do Sul pós-apartheid a partir da execução de um prolongado dispositivo ritual | LÓPEZ, A. M. S.; MORALES, A. M. (2017) |
| E3 | Estar cerca de Europa. Deporte, clase social y prestigio en Argentina Estar perto da Europa. Esporte, classe social e prestígio na Argentina | BRANZ, J. B. (2016) |
| BASE SCOPUS | | |
| COD | TÍTULO | AUTOR |
| E4* | 'If it weren't for rugby I'd be in prison now': Pacific Islanders, rugby and the production of natural Spaces "Se não fosse pelo rugby, eu estaria na prisão agora": Ilhas do Pacífico, rugby e produção de espaços naturais | MCDONALD, B.; RODRIGUEZ, L.; GEORGE, J. R. (2018) |
| E1* | Rugby, educación solidaria y riqueza en las elites de Buenos Aires: la construcción de una clase moral Rugby, educação solidária e riqueza nas elites de Buenos Aires: a construção de uma classe moral. | FUENTES, S. G. (2018) |
| E5 | A Case Study of aSport-for-Development Programmein Brazil Estudo de caso de um programa de desenvolvimento no esporte no Brasil | HALL, G.; REIS, A. (2018) |
| E6* | A New Model for Inclusive Sports? An Evaluation of Participants' Experiences of Mixed Ability Rugby Um novo modelo para esportes inclusivos? Uma avaliação das experiências dos participantes no Rugby de capacidade mista | CORAZZA, M.; DYER, J. (2017) |

Quadro 1 - Identificação, autoria e base de dados dos artigos.

(conclusão)

| BASE SCOPUS | | |
|------------------|--|---|
| COD | TÍTULO | AUTOR |
| E7* | A study on the introduction and institucionalization of rugby in Brazil Um estudo sobre introdução e institucionalização do rugby no Brasil | GUTIERREZ, D. M.; ANTONIO, V. S. R.; KATER, T.; ALMEIDA, M. A. B. (2017) |
| E8* | Ser macho y jugar al rugby. Estudio sobre masculinidades y sociabilidad entre hombres de sectores dominantes de la ciudad de La Plata Ser homem e jogar rugby. Estudo sobre masculinidades e sociabilidade entre homens de setores dominantes da cidade de La Plata | BRANZ, J. B. (2015) |
| PERIÓDICOS CAPES | | |
| COD | TÍTULO | AUTOR |
| E7* | A study on the introduction and institucionalization of rugby in Brazil Um estudo sobre introdução e institucionalização do rugby no Brasil | GUTIERREZ, D. M.; ANTONIO, V. S. R.; KATER, T.; ALMEIDA, M. A. B. (2017) |
| E6* | A New Model for Inclusive Sports? An Evaluation of Participants' Experiences of Mixed Ability Rugby Um novo modelo para esportes inclusivos? Uma avaliação das experiências dos participantes no Rugby de capacidade mista | CORAZZA, M., DYER, J. (2017) |
| E9 | "Good Players" or "Good People": Masculinities, Mobilities, and Class in Argentinian Rugby "Bons jogadores" ou "boas pessoas": masculinidades, mobilidades e classe no rugby argentino | FUENTES, S.; GUINNESS, D. (2019) |
| E10 | Nacionalismos deportivos con "clase": el rugby argentino en la era profesional/global Nacionalismo esportivo com "clase": rugby argentino na era profissional / global | FUENTES, S.; GUINNESS, D. (2018) |
| E8* | Ser macho y jugar al rugby. Estudio sobre masculinidades y sociabilidad entre hombres de sectores dominantes de la ciudad de La Plata Ser homem e jogar rugby. Estudo sobre masculinidades e sociabilidade entre homens de setores dominantes da cidade de La Plata | BRANZ, J. B. (2015) |
| E4* | 'If it weren't for rugby I'd be in prison now': Pacific Islanders, rugby and the production of natural Spaces "Se não fosse pelo rugby, eu estaria na prisão agora": Ilhas do Pacífico, rugby e produção de recursos naturais espaços | MCDONALD, B.; RODRIGUEZ, L.; GEORGE, J. R. (2018) |

Fonte: Os autores.

Observa-se a variação de publicação entre os anos de 2015 e 2019, sendo que em 2015 e 2016 foram publicados um artigo em cada ano. Em 2017, esse número corresponde a três estudos. Em 2018, observou-se uma quantidade maior de publicações, correspondendo a quatro estudos e, em 2019, foi encontrada uma publicação.

Verifica-se também a existência de 16 autores diferentes, ocorrendo apenas a repetição de três autores, sendo ele Branz, com autoria nas publicações E3 e E8; Guinness, autor do estudo E9 e E10; e Fuentes, com os estudos E1, E9 e E10.

Após responder “quando” e “quem” no quadro 1, ainda seguindo os passos de Ferreira (2002) para poder obter a resposta com relação à indagação “onde”. No quadro 2, encontram-se os países onde os estudos foram realizados e também as revistas nas quais foram publicados com seus respectivos *Qualis*.

Quadro 2 - Local de publicação e *Qualis* dos estudos.

| ESTUDO | PAÍS | REVISTA - ÁREA DE AVALIAÇÃO | QUALIS |
|--------|----------------------|---|-------------------|
| E1 | Argentina | <i>Etnográfica</i> - Sociologia | A1 |
| E2 | África do Sul | <i>Papel Político</i> – Interdisciplinar | B2 |
| E3 | Argentina | <i>Reflexiones</i> | sem <i>Qualis</i> |
| E4 | Ilhas do Pacífico | <i>Journal of Ethnic and Migration Studies</i> – Sociologia | A2 |
| E5 | Brasil | <i>Bulletin of Latin American Research</i> – Sociologia | A2 |
| E6 | Itália e Reino Unido | <i>Cogitatio</i> | sem <i>Qualis</i> |
| E7 | Brasil | <i>Journal of Physical Education</i> – Educação | A1 |
| E8 | Argentina | <i>Masculinities and Social Change</i> | sem <i>Qualis</i> |
| E9 | Argentina | <i>Journal of Latin American and Caribbean Anthropology</i> | sem <i>qualis</i> |
| E10 | Argentina | <i>Revista de Antropología y Arqueología</i> – Sociologia | B1 |

Fonte: Os autores.

Observando os dados contidos no quadro 2, buscando o questionamento de “onde” foram feitas as publicações, foi possível observar que sete países foram objeto dos dez estudos apresentados, são eles: Argentina, África do Sul, Ilhas do Pacífico, Brasil, Itália, Reino Unido e França. Apenas Argentina, com cinco estudos, e o Brasil, com dois, foram os países que se repetiram em mais de uma publicação.

Com relação às revistas, nenhuma das publicações se repetiu, apresentando assim dez revistas diferentes. A respeito da área de publicação, como critério, foi utilizada a área que tivesse melhor *Qualis* na revista, dessa forma, verificou-se que a sociologia aparece quatro vezes, interdisciplinar e educação aparecem uma vez cada. Já os *Qualis* das publicações ficaram em B2, A2 e A1, apresentando duas publicações em A1, duas em A2 e uma em B1 e B2. Quatro das revistas selecionadas não apresentaram a qualificação a partir do *Qualis*.

Dando sequência à proposta de Ferreira (2002), faz-se necessário compreender “o que” e “como” os estudos foram desenvolvidos. Para essa compreensão, será utilizado o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), de forma que os artigos fossem caracterizados e compreendidos a partir da sua proposta de estudo e metodologia empregada, conforme demonstra o quadro 3.

Quadro 3 - Proposta e metodologia dos estudos.

| ESTUDO | METODOLOGIA | PROPOSTA DE ESTUDO |
|--------|---|--|
| E1 | Etnografia. | Compreender a construção de uma classe moral das elites de Buenos Aires, a partir do Rugby e da educação solidária católica. |
| E2 | Revisão bibliográfica. | Apresentar as mudanças sociais da África do Sul pós-apartheid e a reconciliação e consolidação do país através da caracterização do Campeonato Mundial de Rugby de 1995 e do Presidente Nelson Mandela como ritual e mito, respectivamente. |
| E3 | Etnografia. | Pensar a classe social ligada ao esporte como um espaço de sociabilidade e de distinção na Argentina através de praticantes de rugby, investigando como estes dão sentido à sua posição social, econômica, política e cultural em relação direta ao esporte recriado coletivamente por setores dominantes na cidade. |
| E4 | Revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas no formato narrativo de Kaupapa Maori (Smith 1997; Linda Smith <i>apud</i> Denzin, Lincoln e Smith 2008), etnografia e análise documental e de mídia. | Examinar o papel positivo do esporte na construção social coesão e acumulação de capital social e cultural de jovens australianos através da função reguladora dos valores esportivos do rugby. |
| E5 | Estudo de caso. | Examinar o esporte em um programa de desenvolvimento aos seus praticantes utilizando-se da prática do rugby no Brasil como uma possibilidade de transformação social. |
| E6 | Estudo de caso. | Avaliar experiências de participantes de Rugby no modelo de Habilidade Mista e destacar as implicações para futuras iniciativas. |
| E7 | Pesquisa documental. | Discutir a introdução e institucionalização do rugby no Brasil durante os anos de 1891 e 1940 e construir uma narrativa desse esporte para demonstrar que a modalidade gozava de um grupo engajado e restrito de participantes e praticantes no Brasil desde o início do século XX. |
| E8 | Etnografia. | Discutir a construção de masculinidades entre homens praticantes de rugby, relacionando-o com seu caráter distintivo e seletivo de classes em La Plata e na Argentina. |
| E9 | Etnografia. | Analisar as reações da elite à profissionalização, a partir das experiências dos jogadores que retornam de contratos no exterior e as estratégias de mobilidade de homens jovens. |
| E10 | Etnografia. | Analisar o rugby como um espaço para a produção de formação nacional em alteridade que legitima o centrismo de Buenos Aires como um símbolo da nação, a partir da análise da disputa entre profissionais do esporte e defensores do amadorismo. |

Fonte: Os autores.

A partir dos dados apresentados no quadro 3, na tentativa de apresentar “como” os estudos foram realizados, verificou-se a utilização de seis procedimentos metodológicos distintos, sendo eles: etnografia, revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, estudo de caso, pesquisa/análise documental e análise de mídia.

Entre as metodologias mais utilizadas, destaca-se a etnografia, a qual foi utilizada em seis estudos, seguida das entrevistas semiestruturadas, que foram aplicadas em três casos. A revisão bibliográfica, o estudo de caso e as pesquisas documentais foram utilizadas em dois estudos cada. Por fim, análise de mídia apareceu em um estudo.

Para a análise mais detalhada das propostas de estudo com o intuito de responder ao questionamento “o que”, optou-se por categorizá-las a fim de encontrar pontos em comum que vêm sendo estudados referentes aos fatores sociais e à modalidade de rugby. Para isso, elaborou-se o quadro 4, o qual contém o estudo e sua categoria.

Quadro 4 - Categorização das propostas de estudo.

| ESTUDO | CATEGORIA | SUBCATEGORIA |
|--------|------------------------|----------------------|
| E1 | Classes sociais | Construção de classe |
| E2 | Classes sociais | Mudanças sociais |
| E3 | Classes sociais | Luta de classes |
| E4 | Classes sociais | Construção de classe |
| E5 | Classes sociais | Mudanças sociais |
| E6 | Socialização esportiva | - |
| E7 | Classes sociais | Luta de classes |
| E8 | Classes sociais | Luta de classes |
| E9 | Classes sociais | Mudanças sociais |
| E10 | Classes sociais | Luta de classes |

Fonte: Os autores.

Observa-se, a partir do quadro 4, a existência de duas categorias correspondentes às propostas dos estudos selecionados, sendo elas: classes sociais, correspondendo a nove artigos, e a socialização esportiva encontrada em um estudo.

Com relação ao artigo categorizado como “socialização esportiva”, o estudo é de autoria de Corazza e Dyer (2017) e destaca a socialização por meio do rugby para deficientes e não deficientes.

Ao verificar a diversidade de assuntos que a categoria “classes sociais” aborda entre os estudos, numa tentativa de verificar de maneira mais precisa do que o tema trata, a categoria foi dividida em três subcategorias: construção de classe, mudanças sociais e luta de classes.

A subcategoria “construção de classe” aparece em dois artigos. Em Fuentes (2018), aborda-se a construção de classes de praticantes de rugby da elite Argentina, e McDonald, Rodriguez e George (2018) abordam a construção de classe como uma reguladora de comportamentos.

Já as “mudanças sociais” correspondem a três estudos, apontando as mudanças sociais na África do Sul após o fim do *apartheid* (LÓPEZ; MORALES, 2017), apresentam a prática do rugby no Brasil como uma possibilidade de transformação social (HALL; REIS, 2018) e, por fim, apontam as mudanças sociais de jogadores de rugby que retornaram à Argentina após experiência com o esporte no exterior (FUENTES; GUINNESS, 2019).

Com relação à “luta de classes”, quatro artigos foram enquadrados nessa categoria. Em Branz (2016), ele aponta a relação da modalidade com a posição social, econômica, política e cultural de seus praticantes. Em outro estudo, o mesmo autor discute masculinidade e o caráter distintivo e seletivo de classes de praticantes de rugby. (BRANZ, 2016). Gutierrez *et al.* (2017) demonstram a prática do rugby no Brasil a partir de um grupo restrito de praticantes. Já Fuentes e Guinness (2018) analisam a modalidade perante a disputa entre amadores e profissionais para a consolidação de classe.

3.5 APONTAMENTOS FINAIS

O presente estudo teve como objetivo realizar uma análise da produção acadêmica relacionada ao rugby abordado numa perspectiva social, apresentando a caracterização dos estudos e das revistas nas quais foram publicados, ressaltando os principais temas de abordagem propostos pelos autores.

Conclui-se, com relação aos anos de publicação dos artigos, que houve um aumento expressivo de produções durante os anos de 2017 e 2018, quando essas foram comparadas com os três anos anteriores a estes, correspondendo a cerca de 63,6% das publicações do presente estudo.

Esse aumento na quantidade de publicações pode estar relacionado ao retorno da modalidade de Rugby aos Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro. Com essa retomada, o esporte ganhou maior visibilidade, possibilitando assim tornar-se um tema frequente em estudos acadêmicos.

A partir dos *Qualis* das publicações, foi possível concluir a grande variedade acerca dessa característica, sendo que variaram de publicações que não apresentam essa classificação, até publicações em revistas A1. Enfatizando-se que as maiores publicações foram realizadas nas classificações B2 e A2.

É possível apontar também os países com maior prevalência de estudos referentes ao tema, sendo que a Argentina seguida pelo Brasil foram os mais citados. Conclui-se então que o rugby na perspectiva social possui destaque na América do Sul, com relação aos outros continentes.

Ao analisar mais precisamente o conteúdo dos estudos, é possível concluir que as abordagens metodológicas mais utilizadas foram etnografia e entrevistas semiestruturadas. Vale destacar que, na grande maioria dos estudos, os autores optaram pela utilização de apenas uma metodologia em seus respectivos estudos.

Destaca-se também que, diante do levantamento de material e das delimitações propostas, os grandes temas apresentados acerca da modalidade de rugby na perspectiva social são referentes às classes sociais, o que foi abordado a partir de três linhas distintas, sendo elas: construção de classe, mudanças sociais e luta de classes.

Essa relação entre os esportes e as classes sociais pode ser verificada historicamente. A princípio, o amadorismo era defendido por classes de elite, a fim de alegar que o esporte não deveria ser praticado com benefícios financeiros, ou seja, eram contrários à profissionalização e conseqüentemente à entrada de outras classes no âmbito esportivo para benefícios financeiros.

Mais precisamente no rugby, esses valores também eram debatidos pela entidade máxima da modalidade, que durante anos se contrapunha à profissionalização do rugby, considerando que prejudicaria o caráter formativo do esporte.

Entende-se que a temática apresentada está inserida em um grande universo de produções acadêmicas e científicas, por esse motivo, utilizou-se de critérios para a delimitação da amostra a ser estudada. Dessa forma, os apontamentos finais do presente estudo condizem com o espaço específico no qual foi realizado e, para uma caracterização ampliada, geral e até mesmo complementar ao tema proposto, será preciso a realização de estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 4, p. 101 -114, dez. 2006.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p.87-101, mai. 2003.

BRANZ, J. B. Estar cerca de Europa. Deporte, clase social y prestigio en Argentina. **Rev. Reflexiones**, v. 95, n. 1, p. 131-142, 2016.

BRANZ, J. B. Ser macho y jugar al rugby. Estudio sobre masculinidades y sociabilidad entre hombres de sectores dominantes de la ciudad de La Plata. **Masculinities and Social Change**, v. 4, n.3, p. 298-320, 2015.

CENAMO, G. C. **História do rugby**. 2010, 54 p. Monografia (obtenção do grau de Bacharel em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. Conheça o Esporte. Disponível em:<http://www.brasilrugby.com.br>. Acesso em 12 mar. 2020.

CORAZZA, M.; DYER, J. A New Model for Inclusive Sports? An Evaluation of Participants' Experiences of Mixed Ability Rugby. **Social Inclusion**, v. 5, n. 2, p. 130 -140, 2017.

DAMATTA, R. **Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERREIRA, A. L. P. *et al.* Notas sobre o campo da Sociologia do Esporte: o dilema da produção científica brasileira entre as Ciências Humanas e da Saúde. **Movimento** (Porto Alegre), v. 19, n. 2, p. 251-275, 2013.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v.23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 06 out. 2018.

FUENTES, S. G. Rugby, educación solidaria y riqueza en las elites de Buenos Aires: la construcción de una classe moral. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 22, n. 1, 2018.

FUENTES, S.; GUINNESS, D. Nacionalismos deportivos con “clase”: el rugby argentino en la era profesional/global. **Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología**, v. 30, p. 85-105, 2018.

FUENTES, S.; GUINNESS, D. “Good Players” or “Good People”: Masculinities, Mobilities, and Class in Argentinian Rugby. **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**. v. 24, n. 2, p. 443–460, 2019.

GUTIERREZ, D. M.; ANTONIO, V. S. R.; KATER, T.; ALMEIDA, M. A. B. A study on the introduction and institucionalization of rugby in Brazil. **Journal of Physical Education**, v. 28, 10 p., 2017.

GUTIERREZ, D. M. **O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil**. 2016, 113 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2016.

HALL, G.; REIS, A. A Case Study of a Sport-for-Development Programme in Brazil. **Bulletin of Latin American Research**, 2018.

HELAL, R.; AMARO, F. Construindo a Nação Arco Íris: esporte e identidade nacional em Invictus. **Lumina**. v. 5, n. 1, 2011.

INTERNATIONAL RUGBY BOARD. **Guia de Principiantes do Rugby Union**. 2008, 16 p.

JONCHERAY, H.; LEVEL, M.; RICHARD, R. Identity socialization and construction within the French national rugby union women’s team. **Sociology of Sport**. v. 51, n. 2, p. 162–177, 2014.

LÓPEZ, A. M. S.; MORALES, A. M. É rase una vez... la Nación Arcoíris: construcción de un mito de unidad nacional en la Sudáfrica postapartheid a partir de la ejecución de un dispositivo ritual extendido. **Pap. Polít. Bogotá**, v. 22, n. 2, p. 451-485, 2017.

MCDONALD, B.; RODRIGUEZ, L.; GEORGE, J. R. ‘If it weren’t for rugby I’d be in prison now’: Pacific Islanders, rugby and the production of natural spaces. **Journal of Ethnic and Migration Studies**. 2018.

MELLO, J. B.; PINHEIRO, E. S., O rugby na educação física escolar: Relato de uma prática. **Cadernos de Formação RBCE**. p. 20-32, 2014.

MOLETTA JR, C. L. *et al.*, **Norbert Elias, uma nova abordagem para o estudo da história do futebol brasileiro**. 2005. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/comunicacao_oral/art5.pdf Acesso em: 29 set. 2018.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. Porto Alegre. **Educação Por Escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

RICHARDS, H. **A game for hooligans: The history of rugby union**. Londres: Random House; 2011.

4 RUGBY NO BRASIL: ESTADO DO CONHECIMENTO ACERCA DOS ESTUDOS NACIONAIS REALIZADOS SOBRE A MODALIDADE

Aline Melnyk

Gonçalo Cassins Moreira do Carmo

RESUMO: O rugby é uma modalidade de avanço territorial que vem ganhando mais visibilidade e praticantes no Brasil desde sua inclusão nas Olimpíadas de 2016. Entendendo a grande variedade de manifestações pelas quais os esportes podem ser abordados, o presente estudo tem o objetivo de analisar a produção acadêmica nacional acerca do rugby, caracterizando os estudos, revistas e os principais temas e abordagens dos artigos selecionados, através da realização de um estado do conhecimento acerca do tema proposto. Pode-se concluir que, diante das delimitações e do levantamento do material proposto no presente estudo, os temas nos quais o rugby vem sendo mais abordado no Brasil são referentes a desempenho esportivo, nutrição e suplementação, e organização e gestão. Vale destacar também a grande variedade de outros temas abordados.

Palavras-chave: Rugby. Brasil. Estado do Conhecimento.

4.1 INTRODUÇÃO

O rugby é o segundo esporte coletivo mais popular do mundo, ficando apenas atrás do futebol, sendo praticado em 120 países e por cerca de três milhões de pessoas. A modalidade surgiu na Inglaterra e é muito popular na Europa, Argentina, Uruguai, Chile, Nova Zelândia, Austrália, Irlanda e África do Sul. (MARQUES; CAFEO, 2014).

A modalidade corresponde a um esporte de conquista de território e com alto contato físico entre os atletas. O objetivo do rugby é atravessar a linha do *in-goal* (linha de fundo) para marcar um *try* (pontuação maior do jogo). (MARQUES; CAFEO, 2014).

O rugby profissional é disputado nas categorias Union, em que entram quinze atletas titulares em cada equipe, e o rugby Seven a side com sete jogadores. A Copa do Mundo da modalidade, segundo Marques e Cafeo (2014), é considerada o terceiro maior evento esportivo do mundo, ficando atrás apenas da Copa do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos.

No Brasil, o esporte também foi difundido no século XIX pelos imigrantes ingleses, e mais tarde ocorreu a fundação de clubes onde o esporte era praticado, como é o caso do Rio Cricket A. A., criado em 1872, o São Paulo Athletic Club – SPAC, fundado em 1888, e Clube Brasileiro de Futebol Rugby, no ano de 1891. (NOGUEIRA, 2007).

A primeira entidade de organização da modalidade no país foi criada no ano de 1963, a chamada União de Rugby do Brasil (URB) e mais tarde, em 1972, seria reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos e passaria a se chamar Associação Brasileira de Rugby (ABR). (CBRU, 2020; NOGUEIRA, 2007).

Naquele período, a modalidade começava a se popularizar em universidades e escolas, mas acidentes envolvendo a prática desse esporte contribuíram para o cancelamento de torneios da modalidade e também para a alteração de regras do rugby para garantir maior segurança aos seus praticantes. (MARTONI, 2010 *apud* CENAMO, 2010).

O autor aponta ainda que um acidente grave na década de 80 foi o ápice para o afastamento para com a modalidade e gerou ainda desconfiança com relação à prática do rugby dos envolvidos nas equipes escolares.

Durante uma partida da equipe da Escola Politécnica, um dos jogadores que também havia sido jogador do Colégio Santa Cruz, sofreu um acidente que provocou uma fratura na coluna cervical, gerando um quadro de tetraplegia. (MARTONI, 2010 *apud* CENAMO, 2010, p. 31).

Apesar desse regresso do esporte, Cenamo (2010) aponta o período marcante para o crescimento da modalidade no país, segundo ele:

A primeira década do século XXI foi marcada pelo aumento expressivo no número de clubes, jogadores e pela expansão do esporte pelo território nacional, influenciados pela fundação das primeiras federações regionais. (CENAMO, 2010, p. 35).

No ano de 2010, foi fundada a Confederação Brasileira de Rugby (CBRU), a qual passou a ser a entidade máxima desse esporte no país, passando a organizar campeonatos nacionais e estaduais de rugby, sucedendo assim a Associação Brasileira de Rugby e a União de Rugby do Brasil. (CBRU, 2020).

A mudança ocorreu por uma determinação do Comitê Olímpico Brasileiro, considerando que o rugby havia sido incluído nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. A alteração possibilitou o aumento de incentivo à modalidade através do amparo de leis governamentais voltadas ao desenvolvimento da modalidade no país. (CENAMO, 2010).

O investimento por parte de grandes empresas surge como um estímulo para que os clubes aprimorem a estrutura administrativa e desenvolvam as categorias de base. Algumas leis recém-criadas oferecem melhores condições para a estruturação de clubes e federações. A oportunidade da bolsa atleta e da participação nos Jogos Olímpicos servem de estímulo para os jogadores e treinadores brasileiros, o que gera a perspectiva para o início do profissionalismo no Brasil. As comissões técnicas começam a se tornar profissionais, ampliando assim o mercado de trabalho para as pessoas envolvidas com o rugby. (CENAMO, 2010, p. 38).

Segundo o estudo de Pinheiro *et al.*, (2013) o esporte vem ganhando popularidade no Brasil, apontando que, entre os anos de 2009 e 2012, o número de equipes que praticam a modalidade quase dobrou, passando de 114 para 227 equipes. Atualmente, segundo os dados

da Confederação Brasileira da modalidade (2020), o esporte apresenta cerca de 60 mil praticantes e mais de 300 agremiações pelo Brasil.

Dado o presente panorama de crescimento da modalidade no país, passa-se a pensar a modalidade como objeto de estudos e de pesquisas. Tenta-se, então, refletir acerca dos estudos que vêm sendo desenvolvidos e quais as perspectivas deles acerca da modalidade.

Para Marques, Almeida e Gutierrez (2007, p. 239), “o esporte é um rico campo de estudo e existem diferentes formas de abordá-lo e compreendê-lo, que vão desde uma perspectiva de performance física até a sua compreensão como elemento social”.

Outros autores também discorrem acerca de diferentes manifestações possíveis a partir do esporte, Paes (2002) aponta o esporte profissional, esporte dentro da escola, esporte como lazer e esporte adaptado.

Por sua vez, as três manifestações entendidas por Tubino (2002) correspondem a: esporte educação, no qual se pretende atingir a função de formação, esporte participação, voltado ao bem-estar, e esporte performance, voltado ao rendimento esportivo.

O presente estudo não pretende aprofundar-se em relação às formas de manifestação acerca do esporte, entretanto, cabe aqui citá-las como argumento para que seja possível a reflexão acerca de alguns questionamentos sobre o esporte, ou mais precisamente o rugby, sendo eles: O rugby vem sendo tema de estudo no âmbito nacional? Em quais perspectivas o rugby pode ser encontrado nos estudos? Quais lacunas podem ser verificadas relacionadas ao estudo da modalidade de rugby?

A partir desses questionamentos, objetiva-se neste estudo analisar a produção acadêmica nacional acerca do rugby, caracterizando os estudos, revistas e os principais temas e abordagens dos artigos selecionados.

Para dar conta do objetivo proposto, optou-se pela utilização do estado do conhecimento, proposto por Morosini e Fernandes (2014), no qual serão utilizadas as bases de dados Scielo, Scopus e Periódicos Capes para a seleção dos estudos.

4.2 METODOLOGIA

Morosini e Fernandes (2014) apontam que o estado do conhecimento é uma metodologia que busca a identificação, registro, categorização e sintetização de materiais produzidos em determinada área, espaço de tempo, periódicos, teses, dissertações e/ou livros, para que, a partir disso, seja possível trazer algo novo ao meio acadêmico e científico.

Existem dois momentos para a realização do estado do conhecimento, inicialmente, deve haver o primeiro contato do pesquisador com a temática de pesquisa, para que seja possível fazer a observação e a quantificação dos estudos por meio do mapeamento em periódicos, locais ou áreas de produção. (FERREIRA, 2002).

Para dar conta desse primeiro momento, como forma de busca preliminar acerca do tema, utilizou-se os termos indutores “rúgbi” OR “rugby”, nas plataformas de busca Scielo, Scopus e Periódicos Capes, nas quais foram encontrados um total de 75.976 resultados.

Como delimitação e para dar conta de responder ao objetivo proposto, optou-se pelos seguintes critérios: 1) Estudos publicados nos últimos 5 anos completos (2015, 2016, 2017, 2018 e 2019); 2) Estudos publicados no Brasil e em Português; 3) Estudos com acesso livre; e 4) Periódicos revisados por pares. Após o processo de delimitação, obteve-se 56 artigos.

Ferreira (2002) complementa que, na sequência, o pesquisador utiliza-se do material selecionado para refletir sobre possíveis tendências, processos metodológicos e abordagens teóricas que foram utilizadas, ou não, nos estudos, assumindo assim o protagonismo nesse segundo momento.

A mesma autora aponta ainda alguns direcionamentos que podem ser utilizados para essa reflexão, destacando cinco perguntas que devem ser feitas acerca do material levantado inicialmente, sendo elas: “quando”, “onde”, “quem”, “o que” e “como” foram produzidos os estudos. (FERREIRA, 2002).

Utilizou-se ainda da técnica de análise de estudos propostas por Bardin (2011), nomeada de análise de conteúdo, por meio da qual se busca:

[...] obter por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

A autora aponta ainda as três fases que devem ser utilizadas no procedimento. A primeira delas é a pré-análise, na qual os estudos devem ser organizados e sistematizados para depois serem escolhidos e analisados. (BARDIN, 2011).

A segunda fase corresponde à exploração do material, nessa etapa o material é codificado e enumerado utilizando-se de regras já estabelecidas e da criação de categorias para a análise. Por fim, a última fase representa o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesse momento, os elementos encontrados se tornam significativos e passam a ser apresentados dados acerca dos conteúdos. (BARDIN, 2011).

Seguindo os passos de Ferreira (2002) e Bardin (2011), utilizando-se dos 56 estudos obtidos na busca preliminar, foi realizada a leitura do título, resumo e palavras-chave. Nessa etapa, foram excluídos os estudos que apenas citavam a modalidade de rugby, sem que esta fosse realmente o tema de estudo. Após essa análise, restaram 19 artigos que se enquadram na proposta do presente estudo, os quais serão apresentados a seguir.

4.3 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A partir do levantamento realizado, apresentado na metodologia, a tabela 1 contempla de maneira geral os resultados quantitativos encontrados acerca dos termos indutores “rugby” OR “rugbi”, nas plataformas Scielo, Scopus e Periódicos Capes.

Tabela 1 - Levantamento inicial e artigos selecionados.

| PLATAFORMA | ESTUDOS | DELIMITAÇÃO | SELECIONADOS |
|------------------------------|---------|-------------|--------------|
| Scielo | 108 | 7 | 7 |
| Scopus | 5.997 | 9 | 7 |
| Capes | 69.871 | 40 | 16 |
| TOTAL | 75.976 | 56 | 30 |
| TOTAL (SEM REPETIÇÃO) | | | 19 |

Fonte: Os autores.

Para facilitar a identificação dos estudos que apareceram de forma replicada nas plataformas, atribuiu-se a letra “A”, seguida de um número, que variou entre A1 e A19. O estudo intitulado como “Influência da resistência ao rolamento no desempenho de velocidade no rúgbi em cadeiras de rodas”, por exemplo, recebeu a designação A1. Sendo assim, os estudos A3, A4, A5, A6, A7 e A9, também marcados com “*”, foram encontrados em mais de uma plataforma.

Quadro 1 - Titulação, plataforma e codificação dos estudos.

(continua)

| SCIELO | |
|--------|---|
| ARTIGO | TÍTULO |
| A1 | Influência da resistência ao rolamento no desempenho de velocidade no rúgbi em cadeiras de rodas |
| A2 | Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado |
| A3* | Aptidão física no rúgbi: comparações entre backs e forwards |
| A4* | Produção de forma no esporte: sobre a estética do rúgbi |
| A5* | Dieta elevada em carboidratos complexos minimiza necessidade de suplementação durante jogo-treino de rúgbi: foco no sistema imune |

Quadro 1 - Titulação, plataforma e codificação dos estudos.

(conclusão)

| SCOPUS | |
|------------------|--|
| ARTIGO | TÍTULO |
| A6* | Incidência, tipo e natureza das lesões dos atletas do Rúgbi São José na temporada de 2014 |
| A7* | O financiamento público do rugby brasileiro: a relação Governo Federal e Confederação Brasileira de Rugby (CBRU) |
| A8 | À sombra do futebol: experiências com o rugby nas duas primeiras décadas do século XX |
| A3* | Aptidão física no rúgbi: comparações entre backs e forwards |
| A4* | Produção de forma no esporte: sobre a estética do rúgbi |
| A5* | Dieta elevada em carboidratos complexos minimiza necessidade de suplementação durante jogo treino de rúgbi: foco no sistema imune |
| A9* | Desempenho muscular isocinético dos ombros em atletas de rúgbi |
| A6* | Incidência, tipo e natureza das lesões dos atletas do Rúgbi São José na temporada de 2014 |
| A7* | O financiamento público do rugby brasileiro: a relação Governo Federal e Confederação Brasileira de Rugby (CBRU) |
| PLATAFORMA CAPES | |
| ARTIGO | TÍTULO |
| A10 | Avaliação nutricional de jogadores de rúgbi |
| A4* | Produção de forma no esporte: sobre a estética do rúgbi |
| A3* | Aptidão física no rúgbi: comparações entre backs e forwards |
| A11 | Efeitos do excesso de treinamento em atletas de rugby: Uma revisão sistemática |
| A9* | Desempenho muscular isocinético dos ombros em atletas de rúgbi |
| A6* | Incidência, tipo e natureza das lesões dos atletas do Rúgbi São José na temporada de 2014 |
| A5* | Dieta elevada em carboidratos complexos minimiza necessidade de suplementação durante jogo-treino de rúgbi: foco no sistema imune |
| A7* | O financiamento público do rugby brasileiro: a relação Governo Federal e Confederação Brasileira de Rugby (CBRU) |
| A12 | Um estudo sobre introdução e institucionalização do rugby no Brasil |
| A13 | Perfil antropométrico, consumo alimentar, uso de recursos ergogênicos e perda hídrica de jogadores de rugby |
| A14 | A prática da accountability em uma organização esportiva: o caso da Confederação Brasileira de Rugby (CBRU) |
| A15 | Efeito de uma pré-temporada de treinamento sobre a capacidade aeróbia de jogadores de rugby XV |
| A16 | Efeito da potencialização pós-ativação do agachamento com salto em teste de scrum no Rugby Union |
| A17 | Perfil antropométrico, frequência alimentar e utilização de recursos ergogênicos em jogadores juvenil de rugby de Caxias do Sul-RS |
| A18 | Perfil antropométrico e aeróbio de jogadoras de uma equipe de rugby sevens: Diferenças entre posições táticas |
| A19 | A prática da governança corporativa e sua influência para os Stakeholders envolvidos no desenvolvimento de um projeto esportivo do SESI-SP |

Fonte: Os autores.

Dando sequência à apresentação dos resultados, foi utilizada a proposta de questionamento acerca dos artigos de Ferreira (2002), para que seja possível responder “quando” foram publicados e “quem” foram os autores. Os resultados podem ser observados no quadro 2.

Com o intuito de facilitar a identificação, optou-se por marcar em “negrito”, os autores que foram encontrados em mais de um estudo, como no caso de Alves, (2016, 2017) com autoria nos estudos A13 e A17.

Quadro 2 - Autoria e data de publicação dos artigos selecionados.

| ARTIGO | AUTORES | ANO |
|--------|---|------|
| A1 | OLIVEIRA, S. F. M.; OLIVEIRA, L. I. G. L.; COSTA, M. C. | 2019 |
| A2 | BECERRA, M. A. G.; MANZINI, M. G.; MARTINEZ, C. M. S. | 2019 |
| A3 | PINHEIRO, E. S.; COSWIG, V. S.; RIBEIRO, Y. S.; DEL VECCHIO, F. B. | 2018 |
| A4 | GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. | 2017 |
| A5 | CÂNDIDO, R. F.; BARBOZA, S. D.; ROGERIO, A. P.; MOTA, G. R.; MENDES, E. L. | 2017 |
| A6 | TOLEDO, L. E.; EJNIAMAN, B.; ANDREOLI, C. V. | 2015 |
| A7 | SILVA, M. M.; MEZZADRI, F. M.; SOUZA, D. L.; SOUZA, P. M. | 2015 |
| A8 | MELO, V. A.; GONÇALVES, M. C. | 2019 |
| A9 | TADIELLO, G. S.; SANTOS, L. H. B. A.; SCOPEL, T.A.; ZARDO, B. S.; SCHMITT, V. M.; BONETTI, L.V. | 2017 |
| A10 | NAVES, A. C. V. S.; ISIZUKA, K. M.; RUAS, O. M.; RAMADA, A. R.; NACIF, M. | 2016 |
| A11 | PEREIRA JUNIOR, M.; MARTINS, L. C. | 2016 |
| A12 | GUTIERREZ, D. M.; ANTONIO, V. S. R.; KATER, T.; ALMEIDA, M. A. B. | 2017 |
| A13 | DUARTE, C. B. F.; STREIT, G. S.; ALVES, M. K. | 2017 |
| A14 | MOLINA, R. C.; MELO, H. C. | 2017 |
| A15 | PIERO, L.; RAMOS, P. V.; GONZÁLEZ, L. G.; LUNARDI, M.; PUPO, J.; FREITAS, C. R. | 2017 |
| A16 | MULLER, C. B.; BORTOLAS, A. B.; COSWIG, V. S.; PINHEIRO, E. S.; DEL VECCHIO, F. B. | 2018 |
| A17 | RODRIGUES, D.; MOTA, L.; ALVES, M. K. | 2017 |
| A18 | SOUSA, N. M. F.; STINGUEL, H.; MAIRINK, R. S.; BAIA, D. P.; BERTUCCI, D. R.; MARTINS, R. A. S. | 2016 |
| A19 | VAROTTI, P. F.; MALAIA, J. M. | 2016 |

Fonte: Os autores.

Verificando o quadro 2, para responder ao questionamento “quem”, foi possível identificar a existência de 65 autores distintos entre os estudos, sendo que apenas 5 deles têm mais de um artigo, como é o caso de Alves, autor dos artigos A13 e A17; Gonçalves, com autoria nos estudos: A4 e A8 e Pinheiro, Coswig e Del Vecchio, que foram os autores dos artigos A3 e A16.

Ainda com dados do quadro 2, ao questionar o “quando”, observa-se também os anos de publicação dos estudos, verifica-se que o ano de 2015 obteve duas publicações, em 2016 foram quatro estudos, em 2017 esse valor dobrou em relação ao ano anterior equivalendo a oito publicações. Já em 2018, foram encontradas duas publicações e, no ano de 2019, obteve-se três estudos.

Após a apresentação das perguntas “quem” e “quando”, ainda se utilizando dos passos propostos por Ferreira (2002), no quadro 3 estão contidas as informações referentes às revistas em que foram feitas as publicações e aos respectivos *Qualis*, na tentativa de compreender “onde” estas foram publicadas.

Quadro 3 - Revistas e *Qualis* dos estudos.

| ARTIGO | REVISTA – ÁREA | QUALIS |
|--------|--|--------|
| A1 | Journal of Physical Education – Educação física | B5 |
| A2 | Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional – sem <i>Qualis</i> | - |
| A3 | Revista Brasileira de Ciências do Esporte – Educação física | B1 |
| A4 | Revista Brasileira de Ciências do Esporte – Educação física | B1 |
| A5 | Revista Brasileira de Ciências do Esporte – Nutrição | B3 |
| A6 | Revista Brasileira de Medicina do Esporte – Medicina | B4 |
| A7 | Revista da Educação física / UEM – Administração pública e de empresas, ciências contábeis e turismo | B1 |
| A8 | Movimento (UFRGS) – História | B1 |
| A9 | <i>Scientia Médica</i> – Medicina | B3 |
| A10 | Revista Brasileira de Nutrição Esportiva – Nutrição | B5 |
| A11 | Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício – Educação física | B3 |
| A12 | <i>Journal of Physical Education</i> – Educação física | B5 |
| A13 | Revista Brasileira de Nutrição Esportiva – Nutrição | B5 |
| A14 | <i>Podium: Sport, Leisure and Tourism Review</i> – Administração pública e de empresas, ciências contábeis e turismo | B3 |
| A15 | Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício – Educação física | B3 |
| A16 | Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício – Educação física | B3 |
| A17 | Revista Brasileira de Nutrição Esportiva – Nutrição | B5 |
| A18 | Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício – Educação física | B3 |
| A19 | <i>Podium: Sport, Leisure and Tourism Review</i> – Administração pública e de empresas, ciências contábeis e turismo | B3 |

Fonte: Os autores.

Como resposta ao questionamento “onde”, tendo em vista as revistas nas quais os artigos selecionados foram publicados, foi possível observar a existência de 10 revistas, sendo que a Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício apresentou mais publicações, totalizando 4, seguida das revistas Revista Brasileira de Nutrição Esportiva e Revista Brasileira de Ciências do Esporte com 3 estudos. Com 2 estudos aparecem as revistas *Podium: Sport, Leisure and Tourism Review* e *Journal of Physical Education*. As demais revistas apresentaram apenas 1 artigo publicado. Observou-se também a publicação em 5 áreas diferentes: Educação Física, em 8 estudos; Nutrição, com 4 publicações; Administração pública e de empresas, ciências contábeis e turismo, com 3 artigos, medicina em dois artigos e história com uma publicação.

Os *Qualis* das publicações variaram entre B5 e B1, sendo que apenas uma revista não é classificada pelo *Qualis*. A classificação B3 é a que mais aparece, totalizando 8, seguida da B1 e B5 com 4 publicações e B4 em 2 estudos.

Após a apresentação de “onde” os estudos foram publicados, ainda segundo Ferreira (2002), deve-se questionar “o que” e “como” os artigos foram realizados. No quadro 4, serão apresentados os dados brutos encontrados a partir dos estudos selecionados.

Quadro 4 - Proposta e metodologia dos estudos.

(continua)

| ESTUDO | METODOLOGIA | PROPOSTA DE ESTUDO |
|--------|--|---|
| A1 | Testes físicos: Avaliação da resistência ao rolamento - procedimento de campo proposto por Vinet <i>et al</i> (1998) e Avaliação da velocidade e da potência propulsiva em 20 metros - um protocolo pertencente à bateria Beck de Yilla e Sherrill (1998), validado por Gorla <i>et al</i> (2011). | Verificar as possíveis associações entre o desempenho de velocidade e a resistência ao rolamento das cadeiras de rodas em atletas de rúgbi paralímpico. |
| A2 | Entrevistas semiestruturadas. | Identificar a percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. |
| A3 | Registro de anamnese, medidas antropométricas, dobras cutâneas e testes físicos: Teste de esforço progressivo (BILLAT; KORALSZTEIN, 1996); Sentar e alcançar (WELLS; DILON, 1952); Teste de resistência de força no supino reto com carga fixa (YMCA) (KIM; MAYHEW; PETERSON, 2002); Teste de carga para 1 repetição máxima (1RM) (TAGESSON; KVIST, 2007); Illinois Agility Test (IAT) (HACHANA <i>et al.</i> , 2012); Salto vertical (SV) (VILLAREAL; GONZALEZ BADILLO; IZQUIERDO, 2008); Running-based Anaerobic Sprint Test (RAST) (RIBEIRO; DEL VECCHIO, 2011); Teste de tempo limite (TLim) (BILLAT; KORALSZTEIN, 1996) | Descrever e correlacionar variáveis antropométricas e de desempenho físico de jogadores amadores de <i>Rugby Union</i> . |
| A4 | Incursões etnográficas e de entrevistas semiestruturadas | Entender como atletas mulheres representam esteticamente a modalidade de rúgbi. |
| A5 | Randomizado, duplo-cego e placebo controlado. | Analisou a imunidade oral após treino de rúgbi em atletas submetidos à dieta com alto teor de carboidratos. |
| A6 | Estudo transversal e questionário. | Reportar a incidência, local, natureza, tratamento das lesões e o tempo de afastamento de atletas do Rúgbi São José na temporada de 2014 em função das lesões. |
| A7 | Análise documental. | Compreender como se estruturam as formas de financiamento do governo federal destinadas à Confederação Brasileira de Rugby (CBRU) |
| A8 | Análise documental de periódicos, jornais e revistas. | Investigar as experiências com o rúgbi promovidas nas duas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, cidades nas quais os britânicos tiveram notável presença em função do processo de diversificação econômica. |
| A9 | Estudo transversal, retrospectivo e teste de desempenho muscular isocinético a partir do | Verificar a existência de assimetrias dos músculos rotadores externos e internos entre os |

| | | |
|--|---|--|
| | banco de dados do Instituto de Medicina do Esporte e Ciências Aplicadas ao Movimento Humano da Universidade de Caxias do Sul (IME-UCS). | dois ombros, em atletas amadores de rúgbi do gênero masculino. |
|--|---|--|

Quadro 4 - Proposta e metodologia dos estudos.

(conclusão)

| | | |
|-----|---|---|
| A10 | Avaliação antropométrica, aferindo peso e altura, medidas de circunferências corporais, dobras cutâneas e percentual de gordura corporal. Aplicação de um recordatório de 24 horas (R24h). | Avaliar os dados antropométricos e de consumo alimentar de jogadores de um time de rúgbi de uma universidade privada de São Paulo. |
| A11 | Revisão sistemática. | Investigar o excesso de treinamento, assim como suas consequências, em atletas de rúgbi por meio de uma revisão sistemática. |
| A12 | Pesquisa documental. | Discutir a introdução e institucionalização do rugby no Brasil durante os anos de 1891 e 1940 e construir uma narrativa desse esporte para demonstrar que a modalidade gozava de um grupo engajado e restrito de participantes e praticantes no Brasil desde o início do século XX. |
| A13 | Perfil antropométrico (peso, estatura, índice de massa corporal e circunferência da cintura), consumo alimentar de quatro dias da semana, uso de recursos ergogênicos (SCHNEIDER <i>et al.</i> , 2008) e perda hídrica (cálculo da diferença de peso inicial e peso final). | Avaliar o perfil antropométrico, o consumo alimentar e o uso de recursos ergogênicos pelos atletas, além da perda hídrica de jogadores de rugby. |
| A14 | Estudo de caso, entrevistas semiestruturadas. | Analisar a prática da Accountability na Confederação Brasileira de Rugby. |
| A15 | Protocolo Yo-Yo Intermittent Recovery Test (nível 1). | Analisar o pico de velocidade e a distância percorrida alcançados por jogadores semiprofissionais de rugby XV. |
| A16 | Estudo experimental, randomizado, teste TESR (CREWETHER <i>et al.</i> , 2011). (simulador de gesto específico do rugby). | Avaliar a reprodutibilidade de teste específico de <i>scrum</i> para rugby (TESR) e, após, analisar os efeitos da potencialização pós-ativação (PPA) no desempenho no TESR em jogadores amadores da modalidade. |
| A17 | Estudo transversal descritivo, perfil antropométrico (peso, estatura, índice de massa corporal (WHO, 2004), circunferência da cintura e dobras cutâneas (THORLAND <i>et al.</i> , 1984), a frequência alimentar (FONSECA, 1999) e o uso de recursos ergogênicos (SCHNEIDER <i>et al.</i> , 2008). | Avaliar o perfil antropométrico, a frequência alimentar e o uso de recursos ergogênicos pelos atletas do time juvenil de rugby. |
| A18 | Avaliação antropométrica (estatura, massa corporal, índice de massa corporal (IMC - normas da Organização Mundial de Saúde), percentual de gordura (BC-533, TANITA, ARLINGTON HEIGHTS, IL, USA), avaliação cardiorrespiratória (YAZBEK JUNIOR <i>et al.</i> , 1998). | Avaliar e comparar entre as diferentes posições o perfil antropométrico e de performance aeróbia de jogadoras de rugby sevens. |
| A19 | Estudo de caso, observação e participação direta, análise de documental, entrevistas semiestruturadas. | Analisar como a Transparência, Equidade, Prestação de Contas e Responsabilidade Corporativa, ou seja, boas práticas de Governança Corporativa, foram utilizadas para desenvolvimento do projeto esportivo TRY Rugby-SP. |

Fonte: Os autores.

Com o intuito de aproximar os dados contidos no quadro 4, numa tentativa de categorização e aproximação dos estudos referentes ao rugby no Brasil para responder “o que” e “como” foram realizados, foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), já descrita na metodologia do presente estudo. Os dados referentes aos métodos e categorias referentes aos artigos podem ser observados no quadro 5.

Quadro 5 - Metodologia e categorização das propostas de estudo.

| ARTIGO | METODOLOGIA | CATEGORIA |
|--------|---|--------------------------|
| A1 | Testes físicos | Desempenho |
| A2 | Entrevista semiestruturada | Esporte Adaptado |
| A3 | Testes físicos; Antropometria; Teste específico | Desempenho |
| A4 | Entrevista semiestruturada; Etnografia | Gênero |
| A5 | Randomizado | Nutrição e suplementação |
| A6 | Transversal; Questionário | Lesões |
| A7 | Análise documental | Organização e gestão |
| A8 | Análise documental | História |
| A9 | Transversal; Testes físicos | Composição corporal |
| A10 | Antropometria; Teste específico | Nutrição e suplementação |
| A11 | Revisão sistemática | Treinamento |
| A12 | Análise documental | Social |
| A13 | Antropometria; Teste específico | Nutrição e suplementação |
| A14 | Estudo de caso; Entrevista semiestruturada | Organização e gestão |
| A15 | Testes físicos | Desempenho |
| A16 | Experimental; Randomizado; Teste específico | Desempenho |
| A17 | Transversal; Antropometria; Teste específico | Nutrição e suplementação |
| A18 | Antropometria; Testes físicos | Desempenho |
| A19 | Estudo de caso; Entrevista semiestruturada | Organização e gestão |

Fonte: Os autores.

A partir da verificação dos dados do quadro 5, na tentativa de responder “como”, foi possível verificar a existência de 33 métodos distintos para a realização dos estudos. Destaca-se a utilização de testes específicos dos estudos, como, por exemplo, o recordatório utilizado no artigo A10. Esse modelo de teste pode ser observado em 5 estudos.

As metodologias mais utilizadas são os testes físicos e medidas antropométricas, os quais aparecem em 5 estudos cada. Em 4 estudos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, já estudos transversais e análise documental foram identificados em 3 ocasiões.

Foi possível encontrar ainda a utilização de estudos randomizados e estudo de caso em 2 artigos. Estudo experimental, etnografia, revisão sistemática e questionário foram utilizados como metodologia em apenas 1 estudo cada.

Passando para a verificação de “o que” vem sendo produzido, a partir da categorização apresentada no quadro 6, verifica-se a existência de 10 categorias diferentes nas quais a proposta de estudo dos artigos se enquadra.

A categoria relacionada ao desempenho é o assunto mais recorrente entre os estudos, estando presente em 5 deles. Na sequência, a categoria nutrição e suplementação pode ser observada em 4 estudos e 3 artigos foram enquadrados na categoria referente à organização e gestão.

As categorias que não se repetiram foram sete, sendo elas: esporte adaptado, questões de gênero, lesões, história, composição corporal, treinamento esportivo e perspectiva social.

4.5 APONTAMENTOS FINAIS

O presente estudo teve como objetivo realizar uma análise da produção acadêmica nacional acerca do rugby no Brasil caracterizando os estudos, revistas e os principais temas e abordagens dos artigos selecionados.

Com relação ao ano de publicação dos estudos, conclui-se que o ano de 2017 foi o ano mais significativo em número de publicações, sendo que estas dobraram em relação ano anterior e também diminuíram de maneira significativa em 2018 e 2019. Esse aumento tende a estar relacionado ao retorno da modalidade de rugby às Olimpíadas de 2016, o que proporcionou o aumento da visibilidade do esporte, acarretando possivelmente a redação e elaboração de estudos sobre o tema.

A partir da verificação dos *Qualis* das publicações, foi possível concluir que estes variaram entre sem classificação e entre B1 e B5, destacando-se a publicação em revistas cujo *Qualis* é B3.

É possível concluir também com relação às abordagens metodológicas dos estudos selecionados que os testes físicos e as medidas antropométricas foram as mais utilizadas. Destaca-se, também, grande variedade de procedimentos, assim como a utilização de testes específicos para o tema proposto.

Diante das delimitações e do levantamento do material proposto no presente estudo, verifica-se que os temas nos quais o rugby vem sendo mais abordado no Brasil são referentes

ao desempenho esportivo, nutrição e suplementação, e a organização e gestão. Vale destacar também a grande variedade de outros temas abordados.

Espera-se que este estudo, através do recorte e mapeamento proposto, traga contribuições acerca da utilização da modalidade de rugby como tema de estudos que foram realizados no Brasil.

Entende-se que os apontamentos finais aqui listados condizem com as delimitações e espaço específico que o estudo se propôs a analisar. Esse recorte é necessário devido ao grande universo de produções científicas e acadêmicas, na qual a temática se insere, devido a isso, para a realização de uma caracterização mais abrangente ou como complementação do presente artigo, faz-se necessária a realização de estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BECERRA, M. A. G.; MANZINI, M. G.; MARTINEZ, C. M. S. Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. **Cad. Bras. Ter. Ocup.** v. 27, n. 3, São Carlos, 2019.

CÂNDIDO, R. F.; BARBOZA, S. D.; ROGERIO, A. P.; MOTA, G. R.; MENDES, E. L. Dieta elevada em carboidratos complexos minimiza necessidade de suplementação durante jogo treino de rúgbi: foco no sistema imune. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 39, n.1, Porto Alegre, 2017.

CENAMO, G. C. **História do rugby**. 2010, 54 p. Monografia (obtenção do grau de Bacharel em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. Conheça o Esporte. Disponível em: <http://www.brasilrugby.com.br>. Acesso em 12 mar. 2020.

DUARTE, C. B. F.; STREIT, G. S.; ALVES, M. K. Perfil antropométrico, consumo alimentar, uso de recursos ergogênicos e perda hídrica de jogadores de Rugby. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo. v. 11. n. 67. p. 843-850, 2017.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v.23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 06 out. 2018.

GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Produção de forma no esporte: sobre a estética do rúgbi. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, p. 347-354, 2017.

GUTIERREZ, D. M.; ANTONIO, V. S. R.; KATER, T.; ALMEIDA, M. A. B. A study on the introduction and institutionalization of rugby in Brazil. **Journal of Physical Education**, v. 28, 10 p., 2017.

INTERNATIONAL RUGBY BOARD. **Guia de Principiantes do Rugby Union**. 2008, 16 p.

MARQUES, J. C.; CAFEO, M. R. G. Mulheres fazem isso? Análise das estratégias de gestão do rúgbi feminino no Brasil. **Podium**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 26-40, 2014.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, 2007.

MELO, V. A.; GONÇALVES, M. C. À sombra do futebol: experiências com o rugby nas duas primeiras décadas do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, 2019.

MOLINA, R. C.; MELO, H. C. A prática da accountability em uma organização esportiva: o caso da Confederação Brasileira de Rugby (CBRU). **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 6, n. 2, 2017.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. Porto Alegre. **Educação Por Escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

MULLER, C. B.; BORTOLAS, A. B.; COSWIG, V. S.; PINHEIRO, E. S.; DEL VECCHIO, F. B. Efeito da potencialização pós-ativação do agachamento com salto em teste de scrum no Rugby Union. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 12, n. 79, p.893-901, 2018.

NAVES, A. C. V. S.; ISIZUKA, K. M.; RUAS, O. M.; RAMADA, A. R.; NACIF, M. Avaliação nutricional de jogadores de rúgbi. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 10, p. 612-618, 2016.

NOGUEIRA, J. **Apostila rugby para todos**. Curso de capacitação de monitores. São Paulo: FS Digital Printing, 2007.

OLIVEIRA, S. F. M.; OLIVEIRA, L. I. G. L.; COSTA, M. C. Influência da resistência ao rolamento no desempenho de velocidade no rúgbi em cadeiras de rodas. **J. Phys. Educ**, Maringá, v. 30, 2019.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR., D.; *et al.* **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.89-98.

PEREIRA JUNIOR, M.; MARTINS, L. C. Efeitos do excesso de treinamento em atletas de rugby: Uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v.10, n. 62, p.798-805, 2016.

PIERO, L.; RAMOS, P. V.; GONZÁLEZ, L. G.; LUNARDI, M.; PUPO, J.; FREITAS, C. R. Efeito de uma pré-temporada de treinamento sobre a capacidade aeróbia de jogadores de Rugby XV. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 12, n. 77, p. 734-742, 2017.

PINHEIRO, E. S.; COSWIG, V. S.; RIBEIRO, Y. S.; DEL VECCHIO, F. B. Aptidão física no rúgbi: comparações entre backs e forwards. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, p. 257-265, 2018.

PINHEIRO, E. S.; MIGLIANO, M.; BERGMANN, G. G.; GAYA, A. Desenvolvimento do rugby brasileiro: panorama de 2009 a 2012. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, n. 9, p. 990-995, 2013.

RODRIGUES, D.; MOTA, L.; ALVES, M. K. Perfil antropométrico, frequência alimentar e utilização de recursos ergogênicos em jogadores juvenil de Rugby de Caxias do Sul-RS. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo, v. 11, n. 68, p. 1036-1041, 2017.

SILVA, M. M.; MEZZADRI, F. M.; SOUZA, D. L.; SOUZA, P. M. O financiamento público do rugby brasileiro: a relação governo federal e Confederação Brasileira de Rugby. **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 26, n. 2, p. 213-222, 2015.

SOUSA, N. M. F.; STINGUEL, H.; MAIRINK, R. S.; BAIA, D. P.; BERTUCCI, D. R.; MARTINS, R. A. S. Perfil antropométrico e aeróbio de jogadoras de uma equipe de rugby sevens: Diferenças entre posições táticas. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo. v. 10, n.58, p.282-289, 2016.

TADIELLO, G. S.; SANTOS, L. H. B. A.; SCOPEL, T.A.; ZARDO, B. S.; SCHMITT, V. M.; BONETTI, L.V. Desempenho muscular isocinético dos ombros em atletas de rúgbi. **Sci. med.** Porto Alegre, v. 27, a. 2, 2017.

TOLEDO, L. E.; EJNISMAN, B.; ANDREOLI, C. V. Incidência, tipo e natureza das lesões dos atletas do Rúgbi São José na temporada de 2014. **Rev Bras Med Esporte**, v. 21, n. 3, 2015.

TUBINO, M. J. G. Uma Visão Paradigmática das Perspectivas do Esporte para o Início do Século XXI. In: GEBARA, A. *et al*; MOREIRA, W. W. (org.). **Educação física & esportes: Perspectivas para o século XXI**. 9ª edição. Campinas: Papirus, 2002, p. 125-139.

VAROTTI, P. F.; MALAIA, J. M. A prática da governança corporativa e sua influência para os Stakeholders envolvidos no desenvolvimento de um projeto esportivo do SESI-SP. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**. v. 5, n. 1, 2016.

5 AMADOR X PROFISSIONAL: CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE DE RUGBY NA PERSPECTIVA DE PIERRE BOURDIEU

Aline Melnyk

Gonçalo Cassins Moreira do Carmo

RESUMO: A teoria dos campos de Bourdieu (2013) inicialmente propôs discutir o estruturalismo francês, mas pode ser transferido para diferentes esferas da sociedade, uma delas o campo esportivo. Como possibilidade dentro do campo esportivo, encontra-se o rugby, uma modalidade com peculiaridades que podem ser utilizadas para sua contextualização nesse campo. Diante disso, o presente estudo tem o objetivo de categorizar o rugby como elemento no campo esportivo, ou mais precisamente como um subcampo, utilizando-se dos principais conceitos que envolvem a teoria dos campos de Pierre Bourdieu. Foi desenvolvido através de revisão bibliográfica e norteado pela teoria dos campos de Bourdieu. Pode-se concluir que, a partir dos enfrentamentos no rugby correspondentes à manutenção dos valores x mudanças de regras; amadorismo x profissionalização; e esporte de elite x esporte popular, é possível utilizar esses valores para a contextualização do rugby como um subcampo do campo esportivo, de forma que ele apresenta seus próprios embates e capital em disputa.

Palavras-chave: Rugby. Teoria dos campos. Profissionalização esportiva. Esporte amador.

5.1 INTRODUÇÃO

O esporte é um tema com diferentes possibilidades e abordagens, Tubino (2002) aponta que essas manifestações podem ser divididas em: educação e formação, participação e bem-estar, e performance e rendimento.

Trazendo uma perspectiva mais ampla relacionada ao tema, Marques, Almeida e Gutierrez (2007) apontam que o esporte pode ser compreendido e abordado tanto relacionado às questões físicas, quanto às sociais.

Pensar no esporte remete a questões como prazer e divertimento, saúde e rendimento, mas também é um conteúdo que pode se aproximar de aspectos históricos, sociais e de sociabilidade. (BRACHT; ALMEIDA, 2003).

Estudar o esporte, pensando nas suas diferentes manifestações e pontos de vista, segundo Barroso e Darido (2006), proporciona uma nova perspectiva ao tema, a de ser entendido como um fenômeno sociocultural.

Com relação aos estudos considerados precursores dessa temática, Dunning (2004) aponta trabalhos referentes à caça à raposa realizados por Peter Beckford (1976), sobre o pugilismo de autoria de Pierce Egan (1812) e ainda as pesquisas referentes à história do futebol, rugby e atletismo de Montagu Shearman realizados nos anos 1887 e 1889.

Já a subárea de investigação do esporte nas Ciências Sociais surgiu nos anos 60, principalmente em países europeus e na América do Norte, desenvolvendo-se assim a Sociologia e a Antropologia do esporte. (ASSUMPÇÃO *et al.*, 2010).

Apresentando um panorama histórico acerca da adentrada do esporte no campo das ciências sociais, Souza e Marchi Junior (2010b) apresentam autores clássicos da área que se utilizaram do tema. Entre eles, encontra-se Thorstein Veblen citando esporte na sua Teoria da classe ociosa de 1899, Marcel Mauss utilizando-se de técnicas corporais e sua relação com corpos e sociedade no ano de 1902, dois anos mais tarde, Max Weber problematiza o esporte em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

Nas décadas seguintes, são citados os estudos de Heinz Hisse (1921); Johan Huizinga (1938); Adorno e Horkheimer (1947); Gregory P. Stone (1955); Anthony Giddens (1961); Eric Dunning (1961); John W. Loy e Gerard S. Kenyon, (1969); Harry Edwards (1973); Allen Guttmann (1978); Pierre Bourdieu (1978), Marie Brohm (1978). (SOUZA, MARCHI JUNIOR, 2010b).

Para os autores, algumas mudanças importantes começam a ocorrer entre os anos 1980 e 1990, segundo eles, começou a se desenvolver a amplificação da sociologia esportiva, que passou a ser inserida em novos contextos. Isso ocorreu pelo fato de que os pesquisadores desse período, além de apresentarem propostas para modelos de análise do esporte, também “buscaram dar continuidade aos legados teóricos que balizaram o campo das Ciências Sociais em termos de produção de conhecimento durante os séculos XIX e XX.” (SOUZA, MARCHI JUNIOR, 2010b, p. 53).

Essas aproximações, bem como a realização de estudos sobre a temática, vêm possibilitando a sua consolidação e gerando autonomia, tanto na área da educação física, quanto da sociologia. (MOLETTA JR, 2005; FERREIRA *et al.*, 2013).

Entre as possibilidades da sociologia de se estudar os esportes, pode-se utilizar das teorias de Pierre Bourdieu. Segundo Souza e Marchi Júnior (2017), Bourdieu figura entre os principais autores que desenvolveram um suporte teórico para a compreensão do esporte moderno.

Os mesmos autores apontam ainda que as teorias de Bourdieu não eram referentes apenas a uma estrutura social, mas que poderiam ter diferentes aplicações desenvolvendo

[...] um modelo macroexplicativo do mundo social que permite estabelecer uma série de conexões entre o que se passa no interior de cada um desses microcosmos com crenças próprias – esses campos relativamente autônomos – e a estrutura do campo do poder. (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017, p. 244).

Entre as contribuições, Bourdieu (2013) aborda a teoria dos campos, que inicialmente teve o propósito de discutir o estruturalismo na França, mas acabou se instalando em outras esferas da sociedade, uma delas, o campo esportivo.

Esse campo específico foi descrito pelo próprio autor, no ano de 1978, em seu trabalho intitulado *Sport and Social Class*, fato que foi considerado um marco na sociologia esportiva segundo Souza e Marchi Junior (2010a).

Pensando nessa possibilidade de se estudar esporte por meio da relação do tema com a sociologia, direcionando o presente estudo para a compreensão do campo esportivo e, mais precisamente, de um esporte dentro desse campo, optou-se pela utilização da modalidade de rugby como uma possibilidade.

O rugby é uma modalidade com grande contato físico cujo objetivo é atravessar o campo adversário, tendo a posse de bola. Segundo a teoria mais famosa sobre seu surgimento, ele nasceu na cidade de Rugby na Inglaterra durante uma partida de futebol. (CENAMO, 2010).

Bourdieu já apresenta relação histórica com o rugby, pois o autor, segundo Chartier (2002), praticava a modalidade durante sua juventude. Além disso, a modalidade também foi citada como exemplo durante alguns trabalhos que desenvolvia.

Dada a presente contextualização, o estudo propõe categorizar o rugby como elemento no campo esportivo, ou mais precisamente como um subcampo, utilizando-se dos principais conceitos que envolvem a teoria dos campos de Pierre Bourdieu.

5.2 METODOLOGIA

Para dar conta do objetivo proposto, o presente estudo foi desenvolvido através de revisão bibliográfica e norteado pela teoria dos campos de Pierre Bourdieu, de forma que esses conceitos sejam utilizados como base para compreender o rugby como um subcampo do campo esportivo.

Esse processo foi dividido em duas seções, a primeira delas conta com o suporte teórico acerca dos conceitos de *habitus*, campos e capital. Na segunda seção, é apresentada a relação entre o rugby e o campo esportivo.

5.3 TEORIA DOS CAMPOS

Antes de adentrar na teoria dos campos, cabe aqui uma contextualização em síntese acerca do pensamento de Pierre Bourdieu dentro da sociologia do século XX. Nesse período, houve inúmeras abordagens e pensamentos acerca da vida social, entretanto o pensamento do sociólogo francês é considerado um marco da sociologia nos anos 1970, por romper com teorias calcadas na polarização e fragmentação. (CARVALHO, 2003).

Para Thiry-Cherques (2006), Bourdieu apresenta uma epistemologia que sugere a “objetivação do sujeito objetivantes”, a autoconsciência e o auto posicionamento. Essas características superam os exemplos e a rigidez dos modelos acerca da vida social, entendendo que as ações sociais realizadas não podem ser compreendidas por testemunho, explicações e reações pessoais ou sentimentos do sujeito.

Dessa forma, apresenta um “construtivismo fenomenológico”, considera a integração que ocorre entre os indivíduos e/ou grupos para com as instituições, na tentativa de encontrar uma “estrutura historicizada” que influencia e estabelece os pensamentos e as ações. (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 30).

A partir disso, Bourdieu propõe uma nova forma de análise do mundo social, utilizando-se de conceitos para essa teoria. Os principais conceitos são “*habitus*”, campo e capital.

Nas suas obras, o conceito central a ser utilizado é o de campo, sendo definido como “espaços estruturados de posição (ou de opostos) cujas propriedades dependem de sua posição nestes espaços e que podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes” (BOURDIEU, 2003, p. 119).

Podem existir diferentes campos, com suas especificidades, entretanto, as particularidades desses campos só são expressas em funções secundárias, pois todo campo é gerido por leis gerais invariáveis. (BOURDIEU, 2003).

Bourdieu (2003, p. 120) aproxima o campo a um jogo que ocorre de maneira constante e, para garantir sua funcionalidade, “é necessário que haja paradas em jogo e pessoas prontas a jogar esse jogo, dotadas do *habitus* que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, das paradas do jogo, etc.”.

O campo é estruturado pela relação de forças de seus agentes ou das instituições na luta pelo capital acumulado por disputas anteriores, dessa forma, o *habitus* é condicionante para a existência do campo e é também resultado do seu funcionamento. (BOURDIEU, 2003).

Esse capital tem as especificidades do seu campo, podendo não representar o mesmo capital em outro campo distinto. Assim, o capital específico está em disputa, de forma que esta luta tem o intuito de manter ou modificar sua estrutura do campo. (BOURDIEU, 2003).

Os que, num estado determinado da relação de força, monopolizam (mais ou menos completamente) o capital específico, fundamento do poder e da autoridade específica característica de um campo, inclinam-se para estratégias de conservação, [...] ao passo que os menos providos de capital (que são também muitas vezes os recém-chegados e, portanto, as mais das vezes, os mais jovens) inclinam-se para as estratégias de subversão. (BOURDIEU, 2003, p. 121).

Dentro do jogo, as estratégias de subversão devem obedecer aos limites, quando estas estratégias não colocam em risco o jogo, são consideradas “revoluções parciais”. Já as “revoluções totais” acarretam a destruição tanto dos dominantes e dominados, quanto do próprio jogo. (BOURDIEU, 2003)

Para evitar as revoluções totais, Bourdieu (2003, p. 122) explica que é de fundamental importância “o investimento, em tempo, em esforços, etc., que a entrada no jogo supõe e que, como as provas dos ritos de passagem, contribui para tornar impensável praticamente a destruição pura e simples do jogo”. O autor aponta ainda que outra possibilidade de estratégia para proteção do campo é mantê-lo relacionado ao seu passado, conservando aquilo que foi produzido dentro desse campo.

As estratégias mais comuns são as centradas: na conservação das formas de capital; no investimento com vistas à sua reprodução; na sucessão, com vistas à manutenção das heranças e ao ingresso nas camadas dominantes; na educação, com os mesmos propósitos; na acumulação, econômica, mas, também, social (matrimônios), cultural (estilo, bens, títulos) e, principalmente, simbólica (status). (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 39).

Essas estratégias, segundo o autor, apesar de serem orientadas em relação aos fins, podem não ser os fins buscados ou os ganhos específicos, mas ocorrem devido à relação inconsciente existente entre um *habitus* e um campo. (BOURDIEU, 2003).

Habitus, como seu nome diz, representa ações que já foram aprendidas pelo indivíduo, ou mais precisamente, como define Bourdieu (2003, p. 125, grifo do autor):

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para esse fim.

Esse mecanismo apresenta em si mesmo todo o conhecimento, o reconhecimento dos jogos e as regras específicas de um campo. Influencia na ação, percepção e na reflexão, sendo resultado da experiência biológica, histórica e da interação entre elas. (THIRY-CHERQUES, 2006).

O *habitus* apresenta ainda certa característica de autonomia, o que corresponde basicamente ao “inconsciente-condicionado e o intencional-calculado”. Apesar de apresentar uma perspectiva de liberdade na ação do agente, essa liberdade está regulada pelas regras dominantes do campo no qual está inserido. (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 34).

Com relação ao capital, como já colocado anteriormente, ele tem a especificidade de cada campo a que pertence, correspondendo também ao objeto de disputa entre os agentes do campo. (BOURDIEU, 2003).

Apesar de o termo “capital” apresentar relação com a questão econômica, o seu significado é mais complexo. O autor não considera apenas o capital econômico, mas, segundo ele, existe ainda o capital cultural, social e simbólico. (THIRY-CHERQUES, 2006).

O capital econômico representa a riqueza material, dinheiro, patrimônios e outros bens. Por sua vez, o capital cultural corresponde às “qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família ou pelas instituições escolares”. Podem apresentar as formas de: estado incorporado (forma corporal, como se apresenta em público); estado objetivo (posse de bens culturais, como obras de arte); e estado institucionalizado (gerado por instituições, como títulos). (THIRY-CHERQUES, 2006).

O capital social representa as conexões, relações, redes, relacionamentos e acessos sociais. Por fim, o capital simbólico representa o reconhecimento social, prestígio e honra. É considerado como uma síntese dos capitais cultural, econômico e social. (THIRY-CHERQUES, 2006).

Os capitais não estão distribuídos pelo campo de maneira igualitária, por essa razão que os campos se encontram em constante conflito, gerado pela defesa dos privilégios dos dominantes e pela busca de privilégios dos demais indivíduos. (THIRY-CHERQUES, 2006).

Para Bourdieu (2003), ainda é possível ocorrer a conversão de um capital para o outro, pois, em alguns momentos, o tipo de capital se torna inoperante e, para se tornar produtivo, é preciso que este capital passe por uma transmutação.

5.4 O RUGBY: APROXIMAÇÃO COMO SUBCAMPO DO CAMPO ESPORTIVO

Em seu estudo, Bourdieu contextualiza historicamente a passagem do jogo para o esporte, afirmando que essa mudança ocorreu a partir da ressignificação de jogos populares por parte de famílias burguesas nas escolas de elite da época. Entre as mudanças, houve a inserção de regras, uma nova funcionalidade e calendário, transformando-se em prática de elite. (BOURDIEU, 2003).

Segundo o mito fundador, o rugby surgiu a partir de um jogo de futebol, na Inglaterra na Rugby School. Assim como outros esportes, sua difusão e criação também estão associadas a práticas de caráter formativo realizadas em escolas inglesas no século XIX. (GUTIERREZ, 2016).

A Rugby School teve papel importante na regulamentação de regras da modalidade e, conseqüentemente, na difusão da prática para outras escolas inglesas. A criação de regras surge pela necessidade de padronizar a prática, visto que outros esportes praticados de maneira semelhante também ocorriam em cidades da Escócia e no leste europeu. (CENAMO, 2010).

A história, por mais apócrifa que seja, foi registrada pela primeira vez na década de 1870, e se firmaria como o grande mito fundador do esporte, reconhecida por todos os participantes. [...] A consagração definitiva dessa história viria em 1895, com a colocação de uma placa na *Rugby School* reconhecendo seus feitos. E continuaria a crescer, tanto que na primeira edição da Copa do Mundo de Rugby, em 1983, se decidiu chamar a taça de William Webb Ellis. (GUTIERREZ, 2016, p. 14-15).

Se para Bourdieu a ressignificação de jogos populares tratava-se de uma forma de aproximar a prática como atividade de elite, a Rugby School, ao normatizar a modalidade, pode ter proporcionado o primeiro passo para ressignificação de esporte, para que fosse possível ser praticado em camadas sociais específicas, como os estudantes, nesse exemplo.

Collins (2009 *apud* GUTIERREZ, 2016) explica que a história de fundação da modalidade apresenta valores fundamentais, sendo que esses podem ter reinterpretções por diversos atores, e que, de maneira inicial, a lenda representou os princípios do esporte para a classe média.

Essa mudança no significado é explicada por Gutierrez (2016) ao comparar o rugby com o futebol durante o período do século XX. Para o autor, apesar de ambos os esportes terem origens parecidas, eles apresentam diferentes valores. A lenda da criação do rugby apresenta-se de maneira diferente em países com a popularidade do futebol, sendo que ela serve como “um convite para aqueles que não se enquadram nos requisitos físico-técnicos do futebol, mostrando o rugby como um esporte onde a vontade, mais do que a habilidade, é o elemento fundamental”. (GUTIERREZ, 2016, p. 16).

A difusão da modalidade se deu pela adoção das regras da Rugby School por outras escolas na Inglaterra, Alemanha, França e Irlanda a partir dos anos 1860. Por outro lado, a prática da modalidade não se difundiu apenas pelas competições escolares. Ex-alunos passaram a fundar clubes com a prática do chamado “Rugby Football”, e essa atividade passou a fazer parte das práticas de lazer da elite europeia. (GARCIA, 1964 *apud* CENAMO, 2010).

Devido a essa difusão, a prática do rugby passou por algumas adaptações, um exemplo disso é a partida entre Inglaterra e Escócia em 1871, em que havia combinados entre as equipes com relação ao número de jogadores. (JONES, 1958; GARCIA, 1964 *apud* CENAMO, 2010).

Em Gutierrez (2016, p.17), o amadorismo é tido como um dos principais valores acerca da modalidade de rugby, principalmente no século XIX, entretanto

[...] a crescente popularidade do rugby levaria a sua prática muito além das escolas públicas inglesas, com um crescente número de clubes, o início da espetacularização do esporte através do aumento do público, e a diversificação do perfil econômico dos participantes.

Essas mudanças fizeram com que, no ano de 1871, clubes ingleses se reunissem e fundassem a “Rugby Football Union”, instituição que seria responsável pela padronização das regras e a organização da modalidade. (JONES, 1958 *apud* CENAMO, 2010).

Novamente, é possível verificar a “disputa” pela busca de padronização das regras do esporte. Os ingleses, intitulados como “criadores” da modalidade, criaram uma instituição capaz de regularizar e determinar o direcionamento da prática do rugby.

Outro ponto, além da normatização, diz respeito ao caráter de cavalheirismo e formação de virtudes tomado pelo esporte pela classe burguesa, que é explicado por Bourdieu através do *fair play*: “O *fair play* é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam tomar pelo jogo a ponto de esquecer que se trata de um jogo [...]” (BOURDIEU, 2003, p. 186).

Se para a elite o esporte apresenta valores morais, para os populares o interesse não está na prática esportiva de caráter amador, mas o esporte é visto como possibilidade de ascensão, por meio do profissionalismo e do alto rendimento. (BOURDIEU, 2003).

Como na maioria dos esportes, o conflito entre o amador x profissional foi característico na história do rugby, sendo que a Rugby Football Union era contrária à sua profissionalização.

A Rugby Union manteve-se contrária ao profissionalismo para que não fosse alterado o espírito e os valores relacionados ao esporte, na tentativa de manter assim a tradição do rugby. A cultura de amadorismo se manteve até o ano de 1995, quando finalmente a International Rugby Board (IRB) passou a permitir jogadores profissionais participando de jogos de rugby. (GARCIA, 1964 *apud* CENAMO, 2010, p. 11).

O chamado “espírito do rugby” foi um manual, divulgado pela Rugby Football Union que trazia códigos a serem seguidos por todas as pessoas envolvidas na prática do rugby, são elas: espírito de equipe, respeito, divertimento, disciplina, esportividade. (MELLO; PINHEIRO, 2014).

Richards (2011 *apud* GUTIERRIZ, 2016) define essa ruptura como cisma de 1895. Para ele, diferentemente do futebol que gradualmente cedeu ao profissionalismo, o rugby tomou outro caminho, pois a modalidade manteve a sua defesa sobre o amadorismo e conseqüentemente sobre os valores de classe.

Esses valores estariam voltados à prática amadora, sendo que não estão incluídas questões que direcionam ao rendimento. Para a Rugby Union, o profissionalismo prejudicaria o caráter formativo da modalidade. (RICHARDS, 2011 *apud* GUTIERREZ, 2016).

Garcia (1964 *apud* CENAMO, 2010) aponta que, no final do século XIX, algumas equipes, contrariando a prática amadora defendida dela “Rugby Union”, passaram a oferecer incentivos aos seus atletas. Isso resultou, em 1895, na criação da “Rugby League”, que permitiria o profissionalismo e a modificação de regras da modalidade, mas a entidade não atingiu a popularidade da “Rugby Union”.

É possível aproximar as questões históricas da modalidade com as teorias de Bourdieu. O “Espírito do rugby” pode ser entendido como o *fair play* apresentado pelo autor, de forma que a prática do rugby deveria ocorrer apenas pelo jogo, sem relação com o profissionalismo e rendimento.

Para Gutierrez (2016, p. 18), os valores relacionados ao rugby também estão contidos na “obrigatoriedade das confraternizações após o jogo, os famosos terceiros tempos”, nesse momento citado pelo autor, as equipes se reúnem após a partida como uma forma de transmitir o espírito da amizade e do companheirismo. É nesse momento que os jogadores “se reúnem para beber. Comer e conversar sobre o jogo, mostrando que a rivalidade e a violência são elementos presentes apenas dentro de campo”.

O caráter amador da modalidade também era defendido com o discurso de não modificar seus princípios, alegando que a profissionalização prejudicaria o aspecto formativo da modalidade.

A defesa intransigente do amadorismo, que duraria quase 100 anos, caindo apenas em 1994, constitui um dos traços mais marcantes do subcampo. O ideal amador serviria para enraizar diversas noções, presentes até hoje, mantendo a visão do rugby como um jogo feito para a diversão dos participantes, não dos espectadores, deixando os aspectos plásticos de lado em prol de prover uma melhor experiência dentro de campo. (RICHARDS, 2011 *apud* GUTIERREZ, 2006, p. 17).

No campo esportivo, as lutas existentes correspondem ao monopólio da prática. Sobre essas disputas, Bueno e Rodrigues (2014, p. 876), ao operacionarem a teoria de Pierre Bourdieu, explicam que elas podem ser verificadas entre: “esporte amador versus esporte profissional; esporte coletivo versus esporte individual, esporte de elite versus esporte de massa”.

A questão do amadorismo relacionado ao rugby é um fator que gera grande discussão, pois, mesmo com a grande defesa dos praticantes amadores contra a profissionalização e o caráter classicista da modalidade, esses esforços não foram suficientes para impedir a popularização do rugby e apenas adiaram a sua profissionalização, gerando, assim, conflitos dentro desse subcampo esportivo. (RICHARDS, 2011 *apud* GUTIERREZ, 2006).

Dessa forma, as disputas que ocorreram correspondentes à manutenção dos valores do rugby x mudanças de regras e também a corrente amadora x profissional são disputas do campo esportivo que buscam deter o privilégio da prática do rugby para a sua respectiva classe.

5.5 APONTAMENTOS FINAIS

O presente estudo teve como objetivo categorizar o rugby como elemento no campo esportivo ou, mais precisamente, como um subcampo, utilizando-se dos principais conceitos que envolvem a teoria dos campos de Pierre Bourdieu.

Adentrando na perspectiva social, Bourdieu apresenta uma epistemologia voltada à objetivação do sujeito objetivante, pensando em um construtivismo fenomenológico, trazendo uma nova proposta de análise do mundo social.

A teoria dos campos de Bourdieu apresenta como principais conceitos o “*habitus*”, campo e capital. A teoria gira em torno de espaços com características e leis específicas em que se dá a disputa pelo capital em questão.

O principal embate corresponde à manutenção do capital, quando os indivíduos buscam estratégias para isso: os dominantes tendem a evitar as grandes mudanças no campo e os dominados buscando as revoluções acerca desse. Esse capital pode ser econômico, cultural, social e simbólico, não sendo distribuído de maneira igual aos integrantes, dessa forma o campo se mantém em constante conflito.

Desde a sua criação, o rugby é cercado de lendas e valores, apresentando caráter formativo nas escolas inglesas e sendo praticado por estudantes da elite burguesa no século XIX. A normatização da prática da modalidade pela Rugby School tratou-se do primeiro passo relacionado à ressignificação do esporte, descrito por Bourdieu. Por outro lado, não impediu a difusão da modalidade e a adaptação de regras de acordo com os interesses de seus praticantes.

O maior conflito com relação às mudanças ocorridas na modalidade diz respeito à manutenção do amadorismo no rugby. Para a elite, a vertente amadora proporcionava ao esporte a conservação dos seus valores, por sua vez, para as classes inferiores, o profissionalismo era visto como uma oportunidade de ascensão social.

Entre os valores que cercam o rugby, verifica-se a importância do *fair play* ou, mais precisamente, das questões morais relacionadas ao esporte, o que é chamado de “espírito do rugby”, defendendo a prática da modalidade a partir do espírito de equipe, respeito, divertimento, disciplina, esportividade e da confraternização após o jogo, conhecido como “terceiro tempo”.

Como explica a teoria de Pierre Bourdieu a respeito das constantes disputas no campo, a partir dos enfrentamentos no rugby correspondentes à manutenção dos valores x mudanças de regras; amadorismo x profissionalização; e esporte de elite x esporte popular, é possível utilizar esses valores para a contextualização do rugby como um subcampo do campo esportivo, de forma que ele apresenta seus próprios embates e capital em disputa.

Cabe ressaltar aqui que se sabe que as dualidades apresentadas anteriormente não se esgotam em apenas categorias fechadas, mas que existe uma gama de variações e interpretações delas, entretanto o presente estudo não propõe a exploração a fundo desses desdobramentos, mas utilizou-se dos termos citados de maneira simplista como embasamento para demonstrar essas características como formas de disputas pertencentes ao subcampo rugby.

Dessa forma, entende-se que o rugby pode ser considerado um subcampo do campo esportivo, tendo como destaque a relação de disputa existente a respeito da manutenção de valores amadores e a adentrada da popularização e da profissionalização esportiva.

REFERÊNCIAS

ASSUMPCÃO, L. O. T.; SAMPAIO, T. M. V.; CAETANO, J. N. N.; CAETANO JÚNIOR, M. A.; SILVA, J. V. P. Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, a. 2, p. 92-99, 2010.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 4, p. 101 -114, dez. 2006.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal LDA, 2003.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p.87-101, mai. 2003.

BUENO, I. A. S.; RODRIGUES, F. X. F. A Teoria dos Campos de Pierre Burdieu e o fenômeno esportivo: uma análise sobre as disputas em torno das "obras da Copa". In: **Anais do Seminário**

do ICHS – Humanidades em Contexto: desafios contemporâneos. Mato Grosso, 2014. Disponível em:

<https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs/seminarioichs2014/paper/viewFile/1660/396>. Acesso em: 23 jun. 2020.

CARVALHO, K. F. Os conceitos de *habitus* e campo na teoria de Pierre Bourdieu. **Diário de Campo:** Revista de Ciências Sociais, 2003.

CENAMO, G. C. **História do rugby.** 2010, 54 p. Monografia (obtenção do grau de Bacharel em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CHARTIER, R. **Pierre Bourdieu e a história.** Rio de Janeiro: Topoi, 2002, p. 139-182.

DUNNING, E. Sociology of sport in the balance: critical reflections on some recent and more enduring trends, **Sport in Society**, Lancashire, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2004.

FERREIRA, A. L. P. *et al.* Notas sobre o campo da Sociologia do Esporte: o dilema da produção científica brasileira entre as Ciências Humanas e da Saúde. **Movimento** (Porto Alegre), v. 19, n. 2, p. 251-275, 2013.

GUTIERREZ, D. M. **O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil.** 2016, 113 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2016.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, 2007.

MELLO, J. B.; PINHEIRO, E. S., O rugby na educação física escolar: Relato de uma prática. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 20-32, 2014.

MOLETTA JR, C. L. *et al.*, **Norbert Elias, uma nova abordagem para o estudo da história do futebol brasileiro.** 2005. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/comunicacao_oral/art5.pdf Acesso em: 29 set. 2018.

SOUZA, J.; MARCHI JUNIOR, W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 293-315, 2010a.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Movimento** (ESEF/UFRGS), v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010b.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP Rio de Janeiro**, v. 40, a. 1, p. 27-55, 2006.

TUBINO, M. J. G. Uma Visão Paradigmática das Perspectivas do Esporte para o Início do Século XXI. In: GEBARA, A. *et al*; MOREIRA, W. W. (org.). **Educação física & esportes: Perspectivas para o século XXI.** 9ª edição. Campinas: Papirus, 2002, p. 125-139.

6 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERGE MOSCOVICI: O RUGBY EM FOCO

Aline Melnyk

Gonçalo Cassins Moreira do Carmo

RESUMO: O campo de investigação da sociologia voltada ao esporte está em desenvolvimento no Brasil, estando em um momento de afirmação e consolidação, estudos acerca do assunto possibilitam debates, incompreensões, dúvidas e ansiedades. Uma das possibilidades de se estudar o esporte se dá por meio das Representações Sociais, cujo objetivo é explicar fenômenos sociais e os conceitos que estão englobados a eles a partir da exploração da diversidade cultural individual ou do grupo, para a construção de um mundo estável e previsível. O presente estudo tem como objetivo apresentar os principais conceitos e abordagens a serem utilizados em estudos sobre representações sociais, utilizando-se do rugby como uma possibilidade de estudo através das abordagens dessa teoria. Para tal, o estudo trata-se de uma pesquisa exploratória, na qual serão utilizados materiais bibliográficos já produzidos acerca do tema. Como conclusão, é possível afirmar que o rugby pode ser investigado a partir de Jodelet enfatizando o senso comum de diferentes grupos acerca da modalidade. Na perspectiva social, o foco do rugby pode estar voltado a condutas de grupos fora do campo de jogo. A partir da abordagem estrutural, é possível verificar as estruturas concretas e flexíveis que compõem a representação social do rugby.

Palavras-chave: Esportes. Representações sociais. Rugby.

6.1 INTRODUÇÃO

A investigação sociológica voltada ao esporte está em desenvolvimento no Brasil segundo Assumpção *et al.* (2010). Sendo um campo relativamente novo, ele está em um momento de afirmação e consolidação, estudos acerca do assunto possibilitam debates, incompreensões, dúvidas e ansiedades.

Como objeto da sociologia, torna-se importante compreender processos envolvendo o esporte moderno, como sua estrutura, surgimento, conhecimentos históricos, institucionalização, políticas públicas e privadas, processos de mercantilização e de espetacularização. (LOVISOLO, 2011).

Além das características citadas anteriormente, Assumpção *et al.* (2010) entendem que como objeto da sociologia é necessário o entendimento do papel, função e significado do esporte para os seus praticantes, telespectadores e/ou consumidores.

Esta relevância social e cultural do estudo do esporte contribuiu para uma crescente a respeito das investigações sobre o tema na área das Ciências Sociais, desenvolvendo assim áreas ou subáreas específicas como a Sociologia e a Antropologia do Esporte. (ASSUMPÇÃO *et al.*, 2010).

Historicamente, os estudos que foram precursores nessa área foram realizados no ano de 1796 a respeito da caça à raposa de Peter Beckford, e em 1812 sobre o pugilato realizado

por Pierce Egan. Entre os anos de 1887 e 1889, quase 70 anos após os primeiros estudos, é que foram realizados outros trabalhos sobre o esporte por Montagu Shearman e contavam a história e desenvolvimento do futebol, rugby e atletismo. (DUNNING, 2004).

Para Souza e Marchi Junior (2010), a ampliação da sociologia do esporte passou a ter grandes mudanças a partir dos anos 1980. Nesse período, pesquisadores passaram a inserir o esporte em outros contextos, apresentando novas propostas de análise e também buscando continuar legados teóricos já produzidos até essa época.

Entre as possíveis vertentes de se estudar esporte dentro da sociologia, o presente estudo trata da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici como uma dessas possibilidades.

Há mais de meio século, a teoria das representações sociais vem ganhando espaço nas ciências sociais e ciências humanas. Essa teoria se originou na psicologia social, entretanto o tema abrange diferentes áreas do conhecimento, sendo utilizado na sociologia, antropologia, linguística e ciências políticas. (ALMEIDA, 2009).

As representações sociais são consideradas por Sá (2004) uma teoria com o objetivo de explicar fenômenos sociais e os conceitos que estão englobados a eles a partir da exploração da diversidade cultural individual ou do grupo, para a construção de um mundo estável e previsível.

Para Almeida (2009, p. 717), a teoria das representações sociais não se esgota apenas nos conceitos e estudos realizados por Moscovici, isso porque

Em Moscovici encontramos conceitos importantes, que funcionam como princípios gerais que oferecem uma estrutura de análise capaz de detalhar o processo de construção ou gênese de uma representação social, mas que não têm a pretensão de esgotar todas as possibilidades teóricas que este campo de estudo suscita.

Sá (1998) corrobora essa informação e explica que, mesmo a partir da teoria principal de Serge Moscovici, surgem diferentes abordagens, sendo elas: processual, como principal autora Denise Jodelet, societal de Willen Doise e a abordagem estrutural proposta por Jean-Claude Abric. (SÁ, 1998).

A partir do contexto histórico e pensando nas diferentes vertentes acerca do estudo dos esportes e mais precisamente utilizando-se das representações sociais, o presente estudo tem o objetivo de demonstrar o rugby como uma possibilidade de temática a ser investigada a partir da teoria das representações sociais.

Para tal, o estudo trata-se de uma pesquisa exploratória que, para Gil (2002), tem o objetivo de aprimorar ideias, descobertas e intuições para que seja possível a aproximação com o tema. Para isso, serão utilizados materiais bibliográficos já produzidos acerca de representações sociais.

6.2 RUGBY COMO UMA PROPOSTA DE ESTUDO

O rugby é considerado um dos esportes de equipe mais praticado do mundo e trata-se de uma modalidade cujo objetivo é conquistar o território adversário, tendo a posse de bola. (MARQUES; CAPEO, 2014).

Assim como outras modalidades esportivas, apresenta algumas peculiaridades que podem ser utilizadas como objeto de estudo, diante disso, nesta seção serão apresentadas algumas características do rugby para que seja possível levantar questionamentos, reflexões e novas possibilidades aproximando esse esporte da teoria das representações sociais.

O rugby é uma modalidade esportiva que objetiva o avanço territorial e apresenta grande contato físico, de forma que os jogadores se utilizam da força, técnica e velocidade para driblar os adversários e atravessar a linha do *try*¹, marcando assim a pontuação. (CENAMO, 2010).

Apesar de a modalidade poder ser compreendida por alguns como violenta, devido ao contato físico eminente, os praticantes tendem a seguir o que seria o manual da prática da modalidade, o chamado “espírito do rugby”. Segundo Mello e Pinheiro (2014), todas as pessoas envolvidas na prática desse esporte devem seguir os seguintes princípios: espírito de equipe, respeito, divertimento, disciplina e esportividade.

Outra questão que pode ser analisada utilizando-se do rugby diz respeito ao caminho diferenciado que a modalidade teve em contrapartida do futebol, considerado paixão nacional, pensando nos aspectos da massificação e profissionalização.

Para Gutierrez (2016) apesar de as duas modalidades apresentarem origens semelhantes em meados do século XX, o rugby serviria como um convite para pessoas que não apresentavam condições físicas e técnicas para praticar o futebol, pois, no rugby, além da habilidade, seria necessária a força de vontade, sendo esta o elemento principal da prática da modalidade.

¹ A linha localizada ao final do campo adversário. Ao atravessar a linha obtendo a posse de bola, a equipe conquista cinco pontos.

Com relação à vertente amadora da modalidade, a Rugby Union, a principal entidade do rugby, manifestava-se contra o profissionalismo, defendendo que o esporte apresentava o caráter formativo, e recursos financeiros iriam contra essa conduta. (GUTIERREZ, 2016).

Em 1895, devido a esse posicionamento contra o profissionalismo, foi fundada a Rugby League, entidade na qual seria permitida a profissionalização do rugby e apresentaria algumas adaptações nas regras, entretanto, ela não se popularizou como a Rugby Union. (CENAMO, 2010).

Entendendo que os aspectos citados anteriormente são apenas algumas das possibilidades de se utilizar o rugby como objeto de estudo das Ciências Sociais, no presente estudo utilizou-se dessas disputas com relação à profissionalização x amadorismo, aspectos violentos x as normas de conduta dos praticantes do rugby, e esporte massificado x esporte de elite como possibilidades de investigação do tema dentro da Teoria das Representações Sociais.

6.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRINCIPAIS CONCEITOS

Antes de adentrar de maneira específica na teoria das representações sociais e sabendo que Moscovici utiliza-se de Durkheim, cabe aqui apresentar de maneira breve o conceito de representações individuais e coletivas.

Jodelet (2011) explica que Durkheim propôs a separação entre as representações coletivas e individuais. A primeira delas correspondia a ações realizadas a partir de trocas de experiências com a sociedade, por sua vez as representações individuais dizem respeito a sensações, ações e reações de um único indivíduo. Dessa forma, uma pessoa apresenta não só sua individualidade, mas apresenta também de maneira intrínseca o componente social.

Moscovici utiliza-se dos conceitos de Durkheim de representação individual e coletiva como o ponto de partida para as representações sociais, com a proposta de estabelecer uma ciência mista, não trabalhando de maneira isolada, mas relacionando a psicologia e a sociologia. (JODELET, 2011; MOSCOVICI, 2012).

O autor utiliza, como orientação para sua teoria, as formas como as coisas sofrem modificações dentro da sociedade, pensando assim nos processos sociais, nos quais ocorrem novidades e mudanças de maneira contínua e fazem parte do cotidiano. (MOSCOVICI, 2012).

Sá (1993, p. 19) explica o termo representação social como “tanto um conjunto de fenômenos, quanto o conceito que os engloba, e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psico-sociológicos”.

As representações sociais utilizam-se da diversidade individual, de atitudes e de fenômenos, considerando toda a estranheza e a imprevisibilidade que os cerca, para que, a partir disso, torne-se possível a construção de um mundo estável e previsível. (MOSCOVICI, 2012).

Ao pensar acerca da variação e a diversidade, entende-se que as sociedades modernas são heterogêneas. Essas diferenças ocorrem devido à distribuição não igualitária do poder que consequentemente irá refletir na heterogeneidade das representações. (MOSCOVICI, 2012).

Moscovici (2012) explica que a existência de pontos de tensão ou de ruptura dentro de qualquer cultura possibilita o surgimento de novas representações sociais. Quando se tem uma tensão ou ruptura com relação a algo, inevitavelmente se tem a falta de sentido, aparecendo assim o que o autor aponta como o “não familiar”. É nesse percurso que se tem a finalidade das representações sociais: o processo de familiarizar o que não é familiar.

A criação de uma nova representação social está ligada a dois processos considerados pelo autor como interdependentes, são eles: a ancoragem e a objetivação. O primeiro deles representa a mudança de algo que nos causa intriga e é considerado estranho e/ou perturbador a partir da comparação com algo que já é familiar, classificando-o e nomeando-o. (MOSCOVICI, 2012).

Após a ancoragem, ocorre o processo de objetivação, o qual tende a realizar a reprodução de um conceito em uma imagem, o que irá resultar em uma representação social. Em outras palavras, a objetivação consiste na união entre a ideia do que não é familiar com a realidade, tornando concreto aquilo que não era familiar anteriormente. (MOSCOVICI, 2012).

Para Moscovici (2012), o elemento central para a construção, a manutenção e até mesmo a modificação de representações sociais é a comunicação. É a partir da troca de conversas que uma representação social recebe influências para o processo de se tornar senso comum.

Segundo o mesmo autor, as representações sociais apresentam a função de convencionalizar e prescrever. Moscovici (2012, p. 34) explica a característica de convencionalizar objetos, pessoas ou acontecimentos das representações sociais, para ele:

Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Assim, nós passamos a afirmar que a terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha, inflação como decréscimo do valor do dinheiro.

Além disso, a característica prescritiva das representações sociais é capaz de impor uma força de característica irresistível. “Essa força é uma combinação de uma estrutura que

está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado”. (MOSCOVICI, 2012, p. 36).

A considerada grande teoria das representações sociais, cujos conceitos foram desenvolvidos por Moscovici, foi utilizada por outros autores numa tentativa de complementá-la, assim surgiram algumas teorias como a abordagem processual de Denise Jodelet, a abordagem societal de Willen Doise e a abordagem estrutural de Jean-Claude Abric. (SÁ, 1998).

Para Sá (1998), essas teorias complementares apresentam alguns pontos de divergência, entretanto os desacordos entre as teorias não são capazes de torná-las incompatíveis, pois, ao compará-las, verifica-se que o número de pontos que as distanciam é muito menor em relação aos fatores de convergência delas.

Diante do exposto, passa-se agora a apresentar as três abordagens que derivaram da perspectiva de Serge Moscovici e relacioná-las com propostas de estudos inserindo a modalidade de rugby, considerando que Sá (1998) explica que essas abordagens podem ser utilizadas como recursos metodológicos para diferentes pesquisas na temática das representações sociais.

Segundo Paula, Sousa e Antunes (2018), a perspectiva de Denise Jodelet é a vertente que mais se aproxima da grande teoria das representações sociais de Moscovici, e, além disso, a teoria da autora possibilita a complementação e a sistematização das representações sociais objetivando-a em termos científicos.

A autora define representação social como:

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, essa forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 2001, p. 22).

Ao comparar o saber científico com o senso comum, é possível verificar que a autora aponta a legitimidade do saber derivado do senso comum, relacionando-o com a vida social das pessoas e os processos cognitivos. Dessa forma, as representações sociais são geradas a partir de ações, informações e problemas que emergem do nosso dia a dia. (JODELET, 2001).

Para Jodelet (2001), como as representações sociais estão no cotidiano das pessoas, elas podem ser percebidas por meio dos discursos, feitos por mensagens ou imagens. Essas

representações são transformadas em comportamentos e em formas de organizações materiais e/ou espaciais.

Apesar de ser um fenômeno que está presente no dia a dia e ser reproduzido por meio do senso comum, a autora aponta a complexidade das representações sociais:

Em sua riqueza como fenômeno, descobrimos diversos elementos (alguns, às vezes, estudados de modo isolado): informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. Contudo, estes elementos são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade. É esta totalidade significativa que, em relação à ação, encontra-se no centro da investigação científica, a qual atribui como tarefa descrevê-la, analisá-la, explicá-la em suas dimensões, formas, processos e funcionamento. (JODELET, 2001, p. 21).

Aproximando o rugby, ou o que se pensa com relação à modalidade, com o senso comum, uma das possibilidades de investigação pode ser referente ao entendimento da modalidade como um esporte violento e quais discursos poderiam justificar essa imagem.

A autora aponta ainda que uma representação acerca de um objeto pode ser: pessoa, coisa, fenômeno, ideia, teoria ou acontecimento de origem material, psíquica ou social. Ou seja, a representação social “é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito)”. (JODELET, 2001, p. 22).

O objeto a partir de uma representação passa a ser simbolizado e interpretado, ou seja, é substituído e ganha um significado relacionado a ele, isso ocorre pelo fato de que a representação do objeto é uma construção ou expressão do sujeito. (JODELET, 2001).

Essas atividades de significações podem vir de processos cognitivos, o que torna o sujeito observável pelo aspecto psicológico, entretanto, as representações sociais se diferem de outras análises pelo fato de observar o sujeito a partir da participação de grupos sociais. (JODELET, 2001).

Para Jodelet (2001), a representação é tida como modelização do objeto, e o saber prático das representações deve ser qualificado a partir da sua produção, contextos e as formas de agir do sujeito.

Ao aproximar o objeto rugby, é fundamental saber que o entendimento que cada grupo terá desta modalidade irá variar de acordo com o contato que se tem com ela, bem como as crenças e condutas partilhadas por esses sujeitos.

Para nortear um estudo que tenha como método as representações sociais, Jodelet (2001, p. 28) aponta três direcionamentos que devem ser respondidos para a produção da pesquisa, são eles: “Quem sabe e de onde sabe?”; “O que e como sabe?”; “Sobre o que sabe e com que efeitos?”.

A autora completa afirmando que essas questões desenvolvem três modelos diferentes de problemáticas, “a) condições de produção e de circulação; b) processos e estados; c) estatuto epistemológico das representações sociais”. (JODELET, 2001, p. 28).

Os questionamentos de Jodelet enfatizam novamente a diferença entre as informações perante grupos sociais distintos, ora não se pode dizer que uma equipe de rugby profissional tenha o mesmo entendimento do rugby do que telespectadores, ou apenas jogadores amadores.

Tendo em vista essa afirmação, já pode ser explorada uma variedade de entendimentos acerca do rugby em diferentes grupos que apresentam a modalidade no seu dia a dia, seja ligada ao aspecto amador ou profissional, ou compreender o entendimento de violência a partir de modalidades esportivas de grande contato físico.

Com relação à abordagem societal liderada por Willem Doise, Almeida (2009) aponta que essa é também conhecida em alguns meios acadêmicos como Escola de Genebra, e a trajetória de Doise passa por oito pontos principais, são eles:

- 1) a TRS como a grande teoria; 2) a criação do Laboratório de Psicologia Social Experimental na Universidade de Genebra por Willem Doise; 3) os estudos experimentais sobre o desenvolvimento social da inteligência; 4) os estudos experimentais das RS; 5) os quatro níveis de análise em Psicologia Social; 6) as relações grupais; 7) o paradigma das três fases; 8) a pesquisa sobre os direitos humanos. (ALMEIDA, 2009, p. 716).

A proposta de Doise e de seu grupo de estudos de Genebra consiste na utilização das representações sociais em um viés um pouco mais sociológico de acordo com o grupo que está sendo estudado, pois o comportamento entre os grupos pode servir como uma possível justificativa para alguns comportamentos. (ALMEIDA, 2009).

Ao falar sobre o nível de análise e as suas articulações, Doise (2002, p. 27-28) aponta que os estudos realizados sobre a influência social, intergrupo e desenvolvimento social da inteligência tinham como objetivo:

[...] articular explicações de ordem individual com explicações de ordem societal; de mostrar como o indivíduo dispõe de processos que lhe permitem funcionar em sociedade e, de maneira complementar, como dinâmicas sociais, particularmente interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais, orientam o funcionamento desses processos.

Refletindo sobre a concepção de diferentes grupos acerca do rugby, pode-se entender alguns comportamentos adotados pelo grupo, pois, segundo Doise, um comportamento pode servir como justificativa para outro. Dessa forma, tanto o rugby quanto outros esportes podem

servir para o entendimento de alguns comportamentos de grupos sociais que são reproduzidos (ou não) durante as disputas dentro do campo de jogo.

Doise (2002) retoma seu estudo de *European Journal of Social Psychology* de 1980, para explicar a existência de análises frequentemente utilizadas por psicólogos sociais. Segundo o autor, deve-se utilizar quatro níveis de análise para dar conta da perspectiva anterior.

O primeiro desses níveis corresponde aos “processos intraindividuais”, muito comuns em pesquisas referentes ao equilíbrio cognitivo, esse nível trata da “[...] maneira pela qual os indivíduos organizam suas experiências com o meio ambiente” (DOISE, 2002, p. 28).

Para Doise (2002, p. 28), o segundo nível diz respeito aos “processos interindividuais e situacionais”, em que se considera que os indivíduos fazem trocas e que a partir da interação é possível explicar as dinâmicas que envolvem esse nível. O autor traz como exemplo pesquisas a respeito de redes comunicativas, segundo ele, essas pesquisas conseguem ilustrar o segundo nível e também demonstram “experiências com jogos de motivações mistas”.

As “diferentes posições que os atores sociais ocupam no tecido das relações sociais” são apontadas como o terceiro nível por Doise (2002, p. 28) e correspondem às “pesquisas com grupos de *status* diferentes, dominantes e dominados, majoritários e minoritários, que se situam neste nível”.

Por fim, Doise (2002, p. 28) aponta que “um quarto nível remete-nos aos sistemas de crenças, representações” que são capazes de dar significados à forma como os indivíduos se comportam, e também “dão suporte às diferenciações sociais em nome de princípios gerais”.

Essa distinção em 4 níveis de análise não deve servir apenas a objetivos classificatórios. Ela deve, sobretudo, facilitar a realização de articulações de análises. Análises articulando vários níveis teóricos são mais completas; elas conduzem a uma melhor descrição de um processo conceitualizado em um dos níveis, precisando, prioritariamente, as condições de sua atualização, a partir dos outros níveis de análise. (DOISE, 2002, p. 28).

A utilização desses níveis de análise como uma proposta acerca das representações sociais se dá pelo entendimento de que as representações são “princípios geradores de tomada de posição ligados às inserções sociais específicas, organizando os processos simbólicos que interferem nas relações sociais” (ALMEIDA, 2009, p. 724).

Doise (2002, p. 30) retoma então a teoria de Moscovici (1961), apontando que através das representações é possível a construção da psicologia societal, utilizando-se de estudos acerca dos “sistemas cognitivos no nível do indivíduo no estudo dos sistemas relacionais e sociais”, desse modo, a teoria das representações sociais “necessita que se coloque em relação

os sistemas cognitivos complexos do indivíduo com os metassistemas de relações simbólicas que caracterizam uma sociedade”.

Para dar conta da compreensão deste metassistema, Doise (2002, p. 30) apresenta um quadro teórico e metodológico do estudo das representações sociais pelo método quantitativo. Esse quadro foi desenvolvido com as contribuições de Alain Clémence e Fabio Lorenzi-Cioldi, no qual eles definiram as representações sociais como “[...] princípios organizadores das relações simbólicas entre indivíduos e grupos”.

Nessa perspectiva, são apontadas três hipóteses importantes para Doise (2002, p. 30) relacionadas à partilha de crenças entre o grupo social, à tomada de posição referente ao campo e à influência da ancoragem na hierarquia de valores e troca de experiências.

Uma primeira hipótese é que os diferentes membros de uma população estudada partilham efetivamente certas crenças comuns concernentes a uma dada relação social. As representações sociais (RS) se constroem nas relações de comunicação que supõem referentes ou pontos de referência comuns aos indivíduos ou grupos implicados nessas trocas simbólicas. Uma segunda hipótese refere-se à natureza das tomadas de posições individuais em relação a um campo de (RS). A teoria das representações sociais deve explicar como e porquê os indivíduos diferenciam entre si nas relações que eles mantêm com essas representações. Isto implica que essas variações nas tomadas de posição individuais são organizadas de uma maneira sistemática. Uma terceira hipótese considera a ancoragem das tomadas de posição em outras realidades simbólicas coletivas, como as hierarquias de valores, as percepções que os indivíduos constroem das relações entre grupos e categorias e as experiências sociais que eles partilham com o outro.

Analisando as hipóteses de Doise, Almeida (2009, p. 728) complementa que na primeira delas é possível realizar a identificação e organização dos elementos de uma base em comum, ou mais precisamente “tratar-se do campo comum das representações sociais”.

Almeida (2009, p. 728) aponta ainda que a segunda hipótese significa “identificar os princípios organizadores das variações individuais” e a terceira e última, “além de exprimirem um consenso entre indivíduos, marcado por certas modulações ou oposições individuais, são também caracterizadas por ancoragens das tomadas de posição em outras realidades simbólicas coletivas”.

Ao analisar a proposta tridimensional indicada por Doise, Clémence e Lorenzi-Cioldi, Almeida (2009) explica que esse método nos traz um suporte quantitativo para análise das representações sociais, isso permite que as análises feitas a partir dessa proposta identifiquem eixos e/ou fatores regais de organização de uma representação social.

Aproxima-se das colocações de Doise, pensando na existência de um caráter formador na prática esportiva, que também esteve presente no rugby. Dessa forma, o comportamento

relacionado ao esporte pode servir como entendimento de outros comportamentos em distintas camadas da sociedade.

Possíveis reflexões acerca das condutas de jogadores de rugby dentro do campo de jogo, consideradas como um código de ética para eles, podem ser pensadas a partir do entendimento dessas condutas para diferentes grupos de atletas, comparando, por exemplo, o discurso de profissionais e amadores da modalidade.

A abordagem estrutural apresentada por Abric (2000) explica que, para uma representação social ser analisada, depende de uma dupla identificação, na qual é preciso fazer a análise da representação e a compreensão do funcionamento dela para entender o seu conteúdo e a sua estrutura. (PARREIRA *et al.* 2019).

Por esse motivo, a teoria do núcleo central de Abric avança com relação às representações sociais,

[...] apontando para a existência de uma região de difícil explicitação das representações sociais, que designou de ‘zona muda’. Basicamente, esta zona corresponde a um subconjunto específico de cognições e de crenças que, mesmo estando disponíveis, não são expressas pelos sujeitos nas condições normais, regra geral, devido aos valores morais e/ou às normas valorizadas pelo grupo e pela sociedade em que o indivíduo se insere. (PARREIRA *et al.*, 2019, p. 66).

Entre os autores que desenvolveram estudos sobre a representação social, Abric foi o único que não se limitou apenas a complementar a grande teoria de Moscovici, mas propôs uma nova teoria a partir da sua tese de doutorado, a chamada Teoria do Núcleo Central. (ABRIC, 2000).

A representação funciona como um sistema de interpretação da realidade e rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas. A representação é um guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais. Ela é um sistema de pré-codificação da realidade porque ela determina um conjunto de antecipações e expectativas. (ABRIC, 2000, p. 28).

A partir dessa concepção, Abric (2000) apresenta as “Funções das representações sociais”, definidas pelo autor como: função de saber, função identitária, função organizadora e função justificadora.

A primeira delas consiste na compreensão da realidade e do senso comum, a segunda, por sua vez, permite ao grupo social adquirir sua identidade própria. Já a função organizadora irá influenciar e dar direcionamento às ações daquele grupo, e, por fim, a função justificadora, como seu próprio nome diz, permite justificar as ações que foram realizadas. (ABRIC, 2000).

A partir dessa perspectiva, Abric (2000) explica que as representações sociais direcionam uma ação e as relações sociais, e essas representações são divididas em dois núcleos.

O núcleo duro ou central é onde estão localizadas as informações mais estáveis das representações, já o núcleo periférico contém informações menos estáveis o que gera uma maior facilidade para a mudança.

O núcleo periférico, segundo o autor, é o componente essencial para uma representação social, pois a partir deles se tem a reformulação de representações, bem como o controle de mudanças, de interpretações e contradições. Isso ocorre pelo fato de que mudanças no sistema periférico nem sempre afetam o núcleo central, mas, se houver uma mudança no núcleo duro, ocorre uma alteração completa na representação social. (ABRIC, 2000).

É a existência deste duplo sistema que permite compreender uma das características básicas das representações, que pode parecer contraditória: *elas são, simultaneamente, estáveis e móveis, rígidas e flexíveis*. Estáveis e rígidas posto que determinadas por um núcleo central profundamente ancorado nos sistemas de valores partilhados pelo grupo; móveis e flexíveis, posto que alimentando-se das experiências individuais, elas integram os dados do vivido e da situação específica, integram a evolução das relações e das práticas sociais nas quais se inserem os indivíduos ou os grupos (ABRIC, 2000, p. 34).

Abric (2000, p. 34) discorre ainda sobre algumas contradições com relação aos núcleos, segundo ele, para o grupo ser considerado homogêneo, não é necessário que todos os seus membros tenham consenso em uma representação, mas é preciso que sua representação tenha origem “em torno do mesmo núcleo central, do mesmo princípio gerador do significado que eles dão à situação ou ao objeto com o qual são confrontados”.

Sintetizando as informações acerca do núcleo central e periférico, Abric (2000, p. 34) apresenta uma comparação entre os núcleos. Para o autor, o núcleo central tem ligação com “a memória coletiva e a história do grupo”, é consensual, pois é ele quem “define a homogeneidade do grupo”, é estável, coerente e rígido, tem pouca sensibilidade com relação ao contexto imediato, e tem como funções gerar o significado da representação e determinar a sua organização.

Por sua vez, o núcleo periférico “permite a integração de experiências e histórias individuais”, é tolerante com relação às questões heterogêneas do grupo, é flexível e tolerável a contradições, permite evoluções e é muito sensível ao contexto imediato. Apresenta como funções a permissão com relação à adaptação à realidade e permite a diferença e o conteúdo. (ABRIC, 2000, p. 34).

A partir da perspectiva de Abric, pode-se entender a estrutura da representação do rugby para diferentes grupos, compreendendo aspectos que já estão concretos para estes grupos e aspectos que se encontram flexíveis.

Pode-se, dessa forma, compreender o entendimento do rugby, ou até mesmo das disputas que ocorrem dentro do campo de jogo, através da perspectiva de atletas profissionais e amadores, buscando as concepções que cada grupo apresenta acerca da modalidade.

6.4 APONTAMENTOS FINAIS

O presente estudo teve como objetivo apresentar os principais conceitos e abordagens a serem utilizados em estudos sobre representações sociais, utilizando-se do rugby como uma possibilidade de estudo através das abordagens dessa teoria. A partir disso, é possível verificar que a Grande Teoria proposta por Serge Moscovici trouxe conceitos gerais, tais como familiarização, ancoragem e objetivação.

É importante destacar ainda que Moscovici aponta que o objetivo delas é de convencionalizar e prescrever objetos, pessoas ou acontecimentos, e o autor traz a comunicação como um elemento central acerca das representações.

O rugby é uma das modalidades coletivas mais praticada no mundo e tem o objetivo de avanço territorial, com grande contato físico, uso de força, técnica e velocidade. A modalidade é cercada de peculiaridades como: disputa entre profissionalização x amadorismo, aspectos violentos x as normas de conduta dos praticantes do rugby, e esporte massificado x esporte de elite. Esses aspectos podem ser utilizados como possibilidades de investigação dentro da Teoria das Representações Sociais.

Com as contribuições de Jodelet, com relação à abordagem processual, observa-se que a autora é a que mais se aproxima dos conceitos iniciais de Moscovici. Ela enfatiza a importância do senso comum para as representações sociais e do surgimento delas por meio do cotidiano. A autora ainda aponta contribuições a respeito da relação sujeito e objeto de uma representação social.

Entende-se que o rugby, nessa perspectiva, pode ser entendido através do senso comum de diferentes grupos, pensando na vertente de ser considerado como esporte violento, das disputas acerca do profissionalismo e amadorismo, para compreender a imagem dessa modalidade para grupos distintos.

A partir da abordagem societal de Willem Doise e de seu grupo de pesquisa em Genebra, as representações sociais ganham um caráter mais sociológico, enfatizando a relação e a variação de uma representação social a partir da inserção do indivíduo em determinado grupo social.

Essa relação é apresentada por Doise utilizando-se de três hipóteses: partilha de crenças entre os indivíduos do grupo; a natureza das posições do indivíduo com relação ao grupo; e a ancoragem na qual a tomada dessa posição é realizada.

Diante da perspectiva societal, a prática do rugby pode ser investigada como uma possibilidade para o entendimento de possíveis condutas sociais de grupos, discutindo acerca do caráter formador do esporte e dos códigos de conduta dentro do campo de jogo.

A perspectiva de Jean-Claude Abric, por sua vez, trata-se da perspectiva estrutural de uma representação social. O autor traz grande contribuição ao, diferentemente dos autores anteriores, propor uma nova teoria: a teoria do Núcleo Central.

Abric diferencia o núcleo central do periférico de uma representação, atribuindo características a esses núcleos, sendo o primeiro responsável por gerar e manter a representação, e o segundo permite a diferença entre os pensamentos individuais e permite contradições.

A partir da perspectiva de Abric, é possível entender a estruturação da representação social do rugby, das disputas que ocorrem na prática do esporte a partir da concepção de grupos distintos, a fim de entender os aspectos concretos e flexíveis dessas representações.

Entende-se que as propostas e possibilidades de se utilizar o rugby como objeto na teoria das representações sociais não se esgotam nas perspectivas citadas anteriormente, mas enfatiza-se que o desenvolvimento de estudos acerca das representações sociais, bem como do rugby na perspectiva social, tende a fortalecer as áreas envolvidas e a gerar novos conhecimentos e pistas que possibilitem o entendimento das particularidades da modalidade, bem como de suas disputas dentro do campo de jogo.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-37.

ASSUMPÇÃO, L. O. T.; SAMPAIO, T. M. V.; CAETANO, J. N. N.; CAETANO JÚNIOR, M. A.; SILVA, J. V. P. Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, a. 2, p. 92-99, 2010.

ALMEIDA, A. M. O. Abordagem Societal das Representações Sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/05.pdf> . Acesso em: 23 jun. 2020.

CENAMO, G. C. **História do rugby**. 2010, 54 p. Monografia (obtenção do grau de Bacharel em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DOISE, W. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, v.18, n. 1, p. 27-35, jan./abr. 2002.

DUNNING, E. Sociology of sport in the balance: critical reflections on some recent and more enduring trends. **Sport in Society**, Lancashire, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GUTIERREZ, D. M. **O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil**. 2016, 113 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2016.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 17 - 44.

LOVISOLO, H. R. Sociologia do esporte: temas e problemas. **Cadernos de formação RBCE**. v. 2, n. 2, p. 80-91, 2011.

MARQUES, J. C.; CAFEO, M. R. G. Mulheres fazem isso? Análise das estratégias de gestão do rúgbi feminino no Brasil. **Podium**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 26-40, 2014.

MELLO, J. B.; PINHEIRO, E. S., O rugby na educação física escolar: Relato de uma prática. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 20-32, 2014.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PARREIRA, P., MÓNICO, L., OLIVEIRA, D., CAVALEIRO, J., GRAVETO, J. **A abordagem estrutural das representações sociais**. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331866117_capitulo_5_a_abordagem_estrutural_da_s_representacoes_sociais . Acesso em: 23 jun. 2020.

PAULA, E. F.; SOUSA, D. P.; ANTUNES, A. C. Teoria das representações sociais e software IRAMUTEQ: uma possibilidade metodológica para estudos nas ciências sociais e humanas. In: FREITAS JUNIOR, M. A., RAUSKI, E, F. (org.). **Possibilidades metodológicas para a abordagem do esporte nas ciências socais**. Ponta Grossa: Texto e contexto, 2018, p. 77-105.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110 p.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010.

7 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO “RUGBY” AOS ATLETAS DE MASCULINOS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR

Aline Melnyk

Gonçalo Cassins Moreira do Carmo

RESUMO: O presente estudo teve o objetivo de identificar as Representações Sociais que os atletas da equipe masculina do Ponta Grossa Rugby têm sobre o termo indutor “rugby”. Para tal, utilizou-se da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e, mais precisamente, da Teoria dos Núcleos Centrais de Abric. Foi utilizado um questionário online com 4 questões abertas, 6 fechadas e 3 referentes à evocação de palavras, o qual obtinha questões referentes ao perfil dos participantes, à afinidade com o rugby e à evocação de palavras. A participação foi voluntária e composta por 17 atletas da equipe masculina de Ponta Grossa Rugby. Para a análise, foi utilizado o *Software interface de R pour les analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ). Como apontamentos finais, foi possível traçar um perfil com relação à amostra, observando que em sua maioria é natural ou reside há mais de 10 anos em Ponta Grossa. A influência de familiares e amigos foi o que aproximou os atletas do rugby e da equipe de Ponta Grossa Rugby. Os atletas em sua maioria jogaram rugby pela primeira vez na equipe de Ponta Grossa, praticam a modalidade há pelo menos 5 anos. Apesar de praticarem outros esportes, têm o rugby como favorito. Os atletas também acompanham partidas de rugby transmitidas pela TV e as notícias sobre a modalidade. Com relação ao Núcleo Central, os termos que compõem a centralidade da representação são relacionados a princípios que condizem com as condutas para prática da modalidade de rugby, tendo como elemento de maior destaque o “respeito”.

Palavras-chave: Representações sociais. Núcleo Central. Rugby. Ponta Grossa Rugby.

7.1 INTRODUÇÃO

O rugby é um esporte coletivo e de avanço territorial que tem o objetivo de atravessar a extensão do campo mantendo a bola de formato oval em sua posse para marcar a maior pontuação do jogo: *try*. (CENANO, 2010).

No Brasil, a modalidade chegou por volta do século XIX por meio de imigrantes ingleses. Nesse período, diversas práticas esportivas eram difundidas no país pelas elites burguesas, enquanto o rugby apresentava-se apenas como uma prática realizada de maneira festiva e esporádica. (GUTIERREZ *et al.*, 2017).

Na década de 20, as primeiras equipes da modalidade começaram a surgir em São Paulo e no Rio de Janeiro, em consequência disso, iniciaram-se também as organizações de eventos e partidas entre esses estados. (NOGUEIRA, 2007).

No estado do Paraná, a primeira equipe a ser fundada foi o Curitiba Rugby Clube (CRC), criada em 1984, já o primeiro campeonato estadual da modalidade ocorreu apenas em 2006 e contou com a participação de quatro equipes que representavam as cidades de Curitiba, Londrina, Guarapuava e Ponta Grossa. (MOURA, 2015).

Apesar de haver grupos que praticavam a modalidade em Ponta Grossa anteriormente à criação da equipe, o Ponta Grossa Rugby foi fundado oficialmente em 2008. No ano de 2010,

passou a ser chamada de Pinheiros Rugby, dois anos mais tarde voltou a de ter seu nome relacionado à cidade.²

Atualmente no Brasil, segundo a estimativa da Confederação Brasileira de Rugby (CBRU, 2020), a modalidade apresenta em torno de 60 mil praticantes e conta ainda com mais de 300 agremiações do esporte.

Pensando nesse crescimento recente da modalidade no âmbito nacional e considerando que a cidade de Ponta Grossa foi uma das pioneiras no estado a participar de competições, passa-se a refletir sobre as seguintes questões: qual a motivação para a prática do rugby? Como iniciou a prática e como novos atletas são “inseridos” no grupo? Qual o significado de ser um rugbier?

No caso específico de Ponta Grossa, o Ponta Grossa Rugby conta com 20 atletas na sua equipe masculina e participa de competições estaduais como Jogos Abertos do Paraná e Copa Paraná. Como principal conquista, a equipe sagrou-se campeã da Copa Paraná em 2015.

Entendendo que os questionamentos anteriores são complexos e amplos e com a proposta de aproximar essas questões da cidade de Ponta Grossa, optou-se pela utilização dos atletas masculinos da equipe Ponta Grossa Rugby como amostra. Dessa forma, o estudo pretende responder à seguinte questão problema: o que o rugby representa aos praticantes dessa modalidade na cidade de Ponta Grossa?

Pensando nessa relação entre rugby e equipe, optou-se pela utilização da teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici para nortear a pesquisa. Essa teoria possibilita a exploração de diversidades culturais existentes, para a construção de um mundo com características estáveis e previsíveis. (MOSCOVICI, 2011).

Segundo apontamentos de Jodelet (2001), a representação social necessita de um sujeito e um objeto, considerando que uma representação social sempre é de alguém (sujeito) e sobre algo (objeto). A partir dessa definição, o presente estudo tem como sujeitos a equipe masculina de Ponta Grossa Rugby e como objeto a modalidade de rugby.

Nessa perspectiva, utilizando-se da teoria de Serge Moscovici, o presente estudo teve o seguinte objetivo: identificar as Representações Sociais que os atletas da equipe masculina de Ponta Grossa Rugby têm sobre o termo indutor “rugby”.

² Informação fornecida por Matheus Stalhschmidt Gomes, presidente do Ponta Grossa Rugby (2020) em agosto de 2020.

7.2 METODOLOGIA

A teoria das representações sociais apresenta algumas possibilidades teóricas e metodológicas que se diferenciam a partir do que se busca compreender, Sá (1998) diferencia os aspectos de três vertentes de estudo:

Se quiséssemos insistir em uma apresentação esquemática e simplificada da questão, diríamos o seguinte: à perspectiva de Jodelet corresponde a métodos ditos qualitativos; à perspectiva de Doise, os tratamentos estatísticos correlacionais; à de Abric, o método experimental. (SÁ, 1998, p. 81).

Para contemplar o objetivo do presente estudo, optou-se pela utilização das contribuições de Abric a partir da abordagem estrutural das representações sociais, utilizando-se da Teoria do Núcleo Central.

A principal ideia da teoria proposta por Abric é que existe uma organização de elementos dentro das representações sociais, os quais se organizam ao redor do núcleo central, que tem características sólidas e determina o significado e a organização interna de uma representação (MAZZOTTI, 2002).

Para determinação do núcleo central, optou-se pela realização da evocação de palavras, em que se utiliza um termo indutor, nesse estudo especificamente a palavra “rugby” e, na sequência, solicita que sejam escritas as cinco primeiras coisas que vierem à mente. Após isso, as palavras devem ser enumeradas de acordo com o grau de importância e, por fim, deve-se justificar o porquê da escolha da primeira palavra. (PAULA, 2018).

Como instrumento, utilizou-se um questionário online com 13 questões, sendo 4 questões abertas, 6 fechadas e 3 referentes à evocação de palavras. O questionário era dividido em quatro seções, a primeira continha o termo de consentimento livre e esclarecido, do qual todos os participantes deveriam estar cientes para concordarem com a pesquisa. A segunda seção correspondeu às informações referentes ao perfil dos participantes: nome, data de nascimento, naturalidade, profissão e o tempo que reside em Ponta Grossa.

A terceira parte do questionário foi referente à afinidade do atleta com a modalidade de rugby, abordando as questões sobre o primeiro contato com o esporte e a equipe, tempo de prática e a relação com o rugby. A seção quatro correspondeu à evocação de palavras, à ordenação de importância e à justificativa pela escolha da mais importante.

A participação no presente estudo foi de caráter voluntário. Dos 20 atletas que compõem a equipe masculina de Ponta Grossa Rugby, 17 deles concordaram em participar e responderam ao questionário. Para a análise dos dados, utilizou-se do *Software interface de R*

pour les analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ) (CAMARGO; JUSTO, 2019).

Como técnica de análise, foi utilizada Bardin (2011) a fim de:

[...] obter por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

A autora aponta três diferentes fases para realização desse processo, sendo elas: a pré-análise; a exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Na fase de pré-análise, é feita a organização, sistematização e verificação dos dados iniciais. Na exploração do material, ocorre a codificação e enumeração do material, utilizando-se de regras e categorias estabelecidas anteriormente. Por último, ocorre o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, quando os dados brutos são transformados em dados significativos através da apresentação de quadros e/ou diagramas, por exemplo. (BARDIN, 2011).

7.3 RESULTADOS

No primeiro momento, são abordados os dados obtidos na segunda e terceira seção do questionário com o intuito de categorizar a amostra com relação às características pessoais e com relação ao rugby e, na sequência, são apresentadas as representações sociais a partir da evocação de palavras.

As idades dos participantes da amostra tiveram diferença de 17 anos. O participante mais novo tinha 19 e o mais velho 36 anos, tendo como média do grupo aproximadamente 28 anos idade. Com relação ao local de nascimento, a tabela 1 contém as informações referentes ao tempo que vivem na cidade de Ponta Grossa.

Tabela 1 - Tempo que reside em Ponta Grossa.

| TEMPO | TOTAL | % |
|------------------------------|--------------|----------|
| Até 1 ano | 0 | 0% |
| De 1 a 5 anos | 2 | 11,80% |
| De 5 a 10 anos | 4 | 23,50% |
| Mais de 10 anos | 4 | 23,50% |
| Sempre morou em Ponta Grossa | 7 | 41,20% |

Fonte: Os autores.

Observa-se, a partir dos dados apresentados na tabela anterior, que a maior parte da amostra é natural de Ponta Grossa, correspondendo a 41,2%. 23,5% dos atletas são naturais de outras cidades, mas residem em Ponta Grossa há mais de 10 anos, a mesma quantia de atletas assinalou 5 a 10 anos. Os 11,8% restantes moram em Ponta Grossa entre 1 a 5 anos.

Aproximando agora a amostra com a modalidade, na tabela 2 estão contemplados os dados sobre como conheceram o rugby e a equipe de Ponta Grossa Rugby.

Tabela 2 - Primeiro contato com o rugby e a equipe de Ponta Grossa.

| PRIMEIRO CONTATO | RUGBY | | PG RUGBY | |
|---------------------------------|-------|-------|----------|-------|
| | TOTAL | % | TOTAL | % |
| Meios de comunicação | 4 | 23,5% | 1 | 5,8% |
| Internet e/ou redes sociais | 1 | 5,9% | 6 | 35,3% |
| Amigos/familiares que conheciam | 4 | 23,5% | 2 | 11,8% |
| Amigos/familiares praticantes | 8 | 47,1% | 6 | 35,3% |
| Escola/aulas de educação física | 0 | 0% | 0 | 0% |
| Outros | 0 | 0% | 2 | 11,8% |

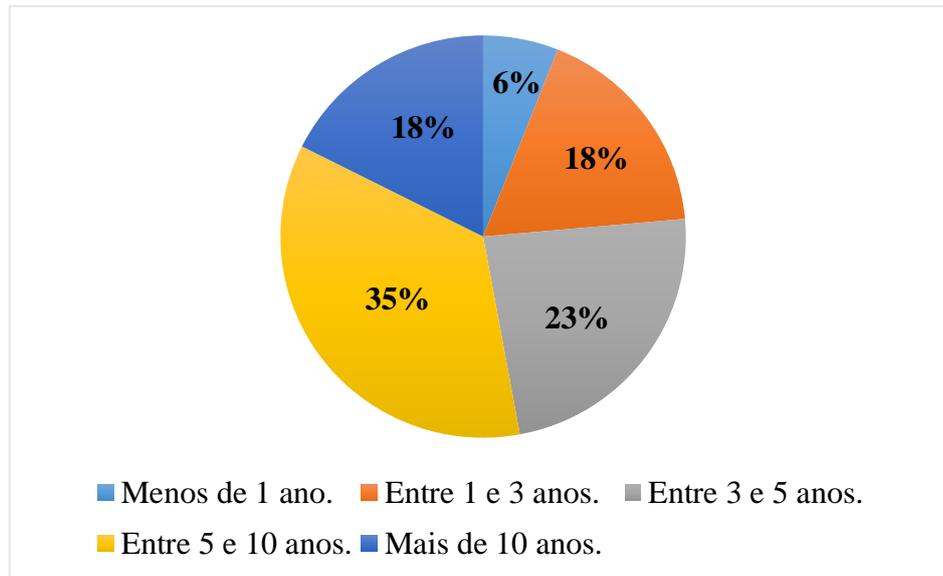
Fonte: Os autores.

Observa-se, a partir do quadro anterior, que o primeiro contato com a modalidade de rugby para 47,1% dos atletas foi através de amigos e/ou familiares que praticavam a modalidade, seguido pelos meios de comunicação e amigos e/ou familiares que conheciam o rugby em 23,5% cada um. Apenas 5,9% responderam pela internet e/ou redes sociais.

Com relação à forma como os atletas conheceram a equipe do Ponta Grossa Rugby, a maioria foi através da internet e redes sociais, e por amigos e/ou familiares que participavam da equipe, correspondendo a 35,3% cada uma. Empatadas em segundo lugar, encontram-se a opção dos amigos e familiares que conheciam a equipe e a opção “outros” com 11,8%. Vale destacar que os dois atletas que apontaram esta opção foram os fundadores da equipe. Por fim, 5,8% afirmaram que conheceram a equipe pelos meios de comunicação.

Após entender como conheceram a modalidade e a equipe, passa-se e apresentar as questões referentes à prática do rugby. No gráfico 1, estão apresentados os dados referentes ao tempo que os atletas treinam esse esporte.

GRÁFICO 1 - Tempo que praticam a modalidade de rugby.



Fonte: Os autores.

A partir do gráfico anterior, verifica-se que a maioria dos atletas pratica a modalidade há 5 e 10 anos, correspondendo a aproximadamente 35%. Representando 23% estão os que praticam o rugby entre 3 e 5 anos. Empatados com 18% estão os que praticam a modalidade há mais de 10 anos e entre 1 e 3 anos. Apenas 6% praticam o rugby há menos de um ano.

Após a verificação do tempo da prática da modalidade de rugby, a tabela a seguir corresponde aos dados referentes à participação nesse esporte antes de participarem da equipe do Ponta Grossa Rugby.

Tabela 3 - Prática do rugby antes do Ponta Grossa Rugby.

| PRÁTICA ANTES DE PONTA GROSSA | TOTAL | % |
|--|--------------|----------|
| Praticou pela primeira vez na equipe de Ponta Grossa | 11 | 64,7% |
| Jogou em equipes de outras cidades | 4 | 23,5% |
| Jogou com amigos/familiares sem representar equipes | 1 | 5,9% |
| Na escola | 0 | 0 |
| Outros | 1 | 5,9% |

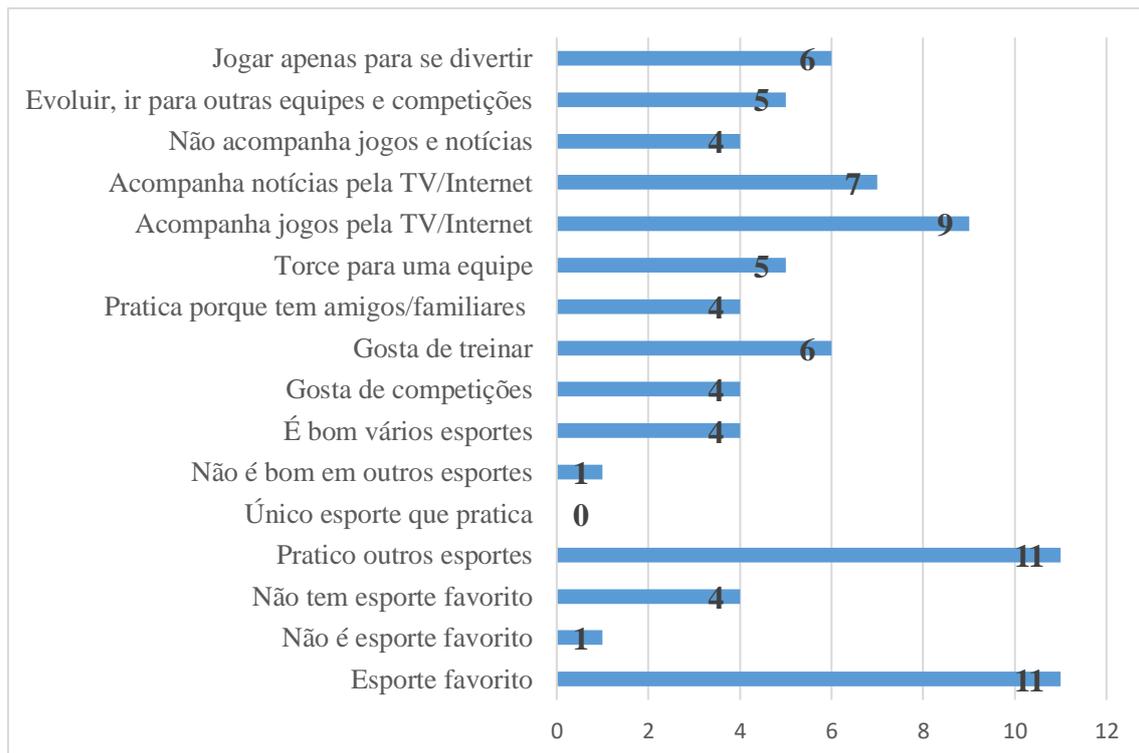
Fonte: Os autores.

De acordo com os dados anteriores, a maioria dos atletas praticou rugby pela primeira vez na equipe de Ponta Grossa, correspondendo a 64,7%; 23,5% já haviam praticado em

equipes de outras cidades; e 5,9% jogaram com amigos e familiares. A categoria “outros” também ficou com 5,9%, sendo que corresponde à prática da modalidade pela Universidade.

Tendo o entendimento a respeito da prática do rugby, a questão subsequente contou com 16 afirmativas a respeito do rugby e foi solicitado que os atletas marcassem as questões que representam a relação deles com a modalidade. No gráfico a seguir, estão contidas as opções que foram assinaladas por eles.

Gráfico 2 - Relação dos atletas com o rugby.



Fonte: Os autores.

As opções assinaladas mais vezes foram: Rugby como esporte favorito e, além do rugby, praticam outros esportes, totalizando 11. Na sequência, 9 atletas afirmam que acompanham jogos de rugby pela TV e internet, e 7 acompanham as notícias da modalidade.

Praticar rugby porque gosta de treinar e jogar rugby apenas para se divertir foram marcadas em 6 oportunidades. 5 atletas apontam que torcem para uma equipe de rugby, a mesma quantia alega que pretende evoluir como atleta e jogar em outras equipes e campeonatos.

Assinaladas por 4 vezes estão as questões: não acompanho notícias e jogos de rugby; gosta de praticar rugby porque tem amigos ou familiares que praticam; pratica rugby porque gosta de participar de competições; além do rugby é bom em outros esportes; e gosta de vários esportes, não tendo um favorito.

Um atleta afirmou que pratica rugby por não ser bom em outros esportes e que o rugby não é o seu esporte favorito. A opção “rugby é o único esporte que pratico” não foi marcada por nenhum dos atletas.

De maneira geral, a amostra é em grande parte de naturalidade pontagrossense ou reside há mais de 10 anos na cidade. Conheceram a modalidade por influência de amigos ou familiares e conheceram a equipe também por intermédio de pessoas próximas ou das redes sociais, sendo que jogaram rugby pela primeira vez na equipe e praticam a modalidade há pelo menos 5 anos. Os atletas apesar de terem o rugby como esporte favorito, praticam ainda outros esportes e também acompanham os jogos e notícias sobre a modalidade.

Tendo feita a caracterização da amostra, passe-se agora a apontar os dados referentes à evocação de palavras. No quadro 1, estão apresentadas todas as palavras evocadas e sua ordem de evocação.

Quadro 1 - Palavras evocadas pelos atletas.

| 1ª PALAVRA | 2ª PALAVRA | 3ª PALAVRA | 4ª PALAVRA | 5ª PALAVRA |
|--------------------|------------------------|-------------|--------------------|------------------|
| Respeito (4) | Integridade | Disciplina | Diversão (3) | Paixão |
| Disciplina (2) | Trabalho em equipe (2) | Vontade | Resiliência | Academia |
| Superação | Diversão | Respeito | Companheirismo | Força |
| Virtudes | Companheirismo (2) | Compromisso | Valores | Adrenalina (2) |
| Amizade (2) | Disciplina (2) | Evolução | Equipe | Saúde (2) |
| Companheirismo | Superação | Saúde | Amizade | Superação |
| Satisfação | Adrenalina | Amizade | Competição | Foco |
| Trabalho em equipe | Compaixão | Força (2) | Disciplina (3) | Tensão |
| Vontade | Dedicação | Paixão | Força | Diversão |
| Companheirismo | Respeito | Sacrifício | Raça | Comprometimento |
| Família | Comprometimento | Dedicação | Trabalho em equipe | Amor |
| Equipe | Esporte | Cavalheiros | Respeito | Determinação |
| | Amizade | Técnica | Adrenalina | Amizade |
| | Raça | Bola oval | | Confraternização |
| | | Treino | | Cerveja |
| | | União | | |

Fonte: Os autores.

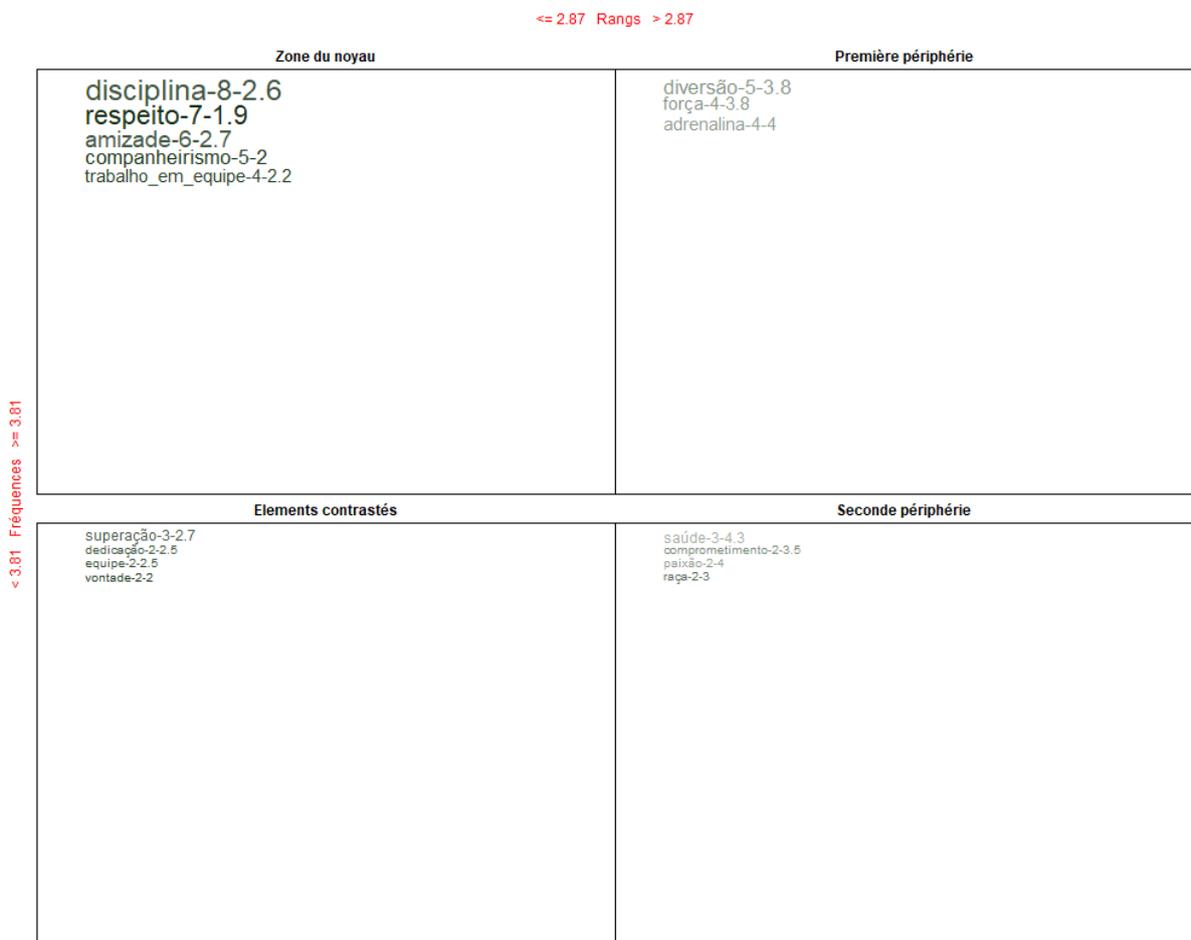
A partir do quadro anterior, é possível verificar a existência de 40 evocações diferentes. Entre elas, a que mais se repete é “disciplina” aparecendo 8 vezes, seguida de “respeito” por 7 oportunidades e “amizade” em 6. Com 5 evocações, estão as palavras “companheirismo” e “diversão”. Os termos “Trabalho em equipe”, “adrenalina” e “força” foram citados por 4 vezes.

As palavras que foram evocadas 3 vezes foram “superação” e “saúde”, e apareceram em duas oportunidades os termos “vontade”, “equipe”, “dedicação”, “comprometimento”, “raça” e “paixão”.

Os demais termos foram citados uma vez, são eles: “virtudes”, “satisfação”, “família”, “cerveja”, “amor”, “integridade”, “compaixão”, “esporte”, “compromisso”, “evolução”, “confraternização”, “tensão”, “sacrifício”, “cavalheiros”, “técnica”, “bola oval”, “treino”, “união”, “resiliência”, “valores”, “competição”, “determinação”, “foco” e “academia”.

Após a apresentação dos termos pelo caráter quantitativo, foi realizada a análise prototípica das evocações por meio do software IRAMUTEQ, essas informações podem ser observadas na figura a seguir.

Figura 1 - Análise prototípica do termo “rugby”.



Fonte: Os autores.

Essa análise utiliza da frequência e da ordem média de evocação de palavras para designar o quadrante na qual está contida. No primeiro quadrante (superior esquerdo), ficam os termos que apresentaram alta frequência e baixa ordem de evocação, essa característica indica

que esses elementos podem constituir o núcleo central. (CAMARGO; JUSTO, 2019). Neste caso, os termos que compõem o primeiro quadrante são “disciplina”, “respeito”, “amizade”, “companheirismo” e “trabalho em equipe”.

No segundo quadrante ou superior direito, ficam indicadas as palavras que obtiveram alta frequência de evocação, porém não foram tão prontamente evocadas. Essas podem representar o núcleo periférico e são os termos mais próximos do núcleo central. (CAMARGO; JUSTO, 2019). As palavras contidas no segundo quadrante foram: “diversão”, “força” e “adrenalina”.

Com relação ao quadrante localizado no lado esquerdo e parte inferior, Camargo e Justo (2019) apontam que essa é considerada a zona de contraste onde se encontram os termos que são prontamente evocados, mas que tiveram uma frequência abaixo da média. Os elementos da zona de contraste no presente estudo foram: “superação”, “dedicação”, “equipe” e “vontade”.

No último quadrante, estão contidas as palavras “saúde”; “comprometimento”; “paixão” e “raça”. Este quadrante localizado no canto inferior direito contém os elementos que apresentaram as menores frequências e a maior ordem de evocação. (CAMARGO; JUSTO, 2019).

Pode-se relacionar os termos encontrados no primeiro quadrante aos valores que são prezados durante a prática esportiva, no caso específico o rugby. Dessa forma, os termos “disciplina”; “respeito” e “trabalho em equipe” que compõem o núcleo central podem estar relacionados ao que o grupo entende com relação à conduta em uma partida de rugby. As palavras “companheirismo” e “amizade” podem estar compondo o núcleo central pela influência de pessoas próximas com relação ao rugby, como foi especificado na categorização da equipe, ou ainda expressar como se dá o relacionamento entre o grupo

Os três elementos encontrados no núcleo periférico são “diversão”, “adrenalina” e “força”. Com relação às duas primeiras, correspondem a sentidos e sentimentos dentro do jogo, já a força pode estar tanto relacionada ao esforço que é realizado ou considerada como uma característica física muito presente na modalidade devido ao contato físico.

Segundo Paula (2018), as palavras do núcleo periférico podem, com o tempo, se tornar parte do núcleo central, ou ainda, já podem ter pertencido aos elementos centrais de uma representação em momentos anteriores e se tornado periféricas.

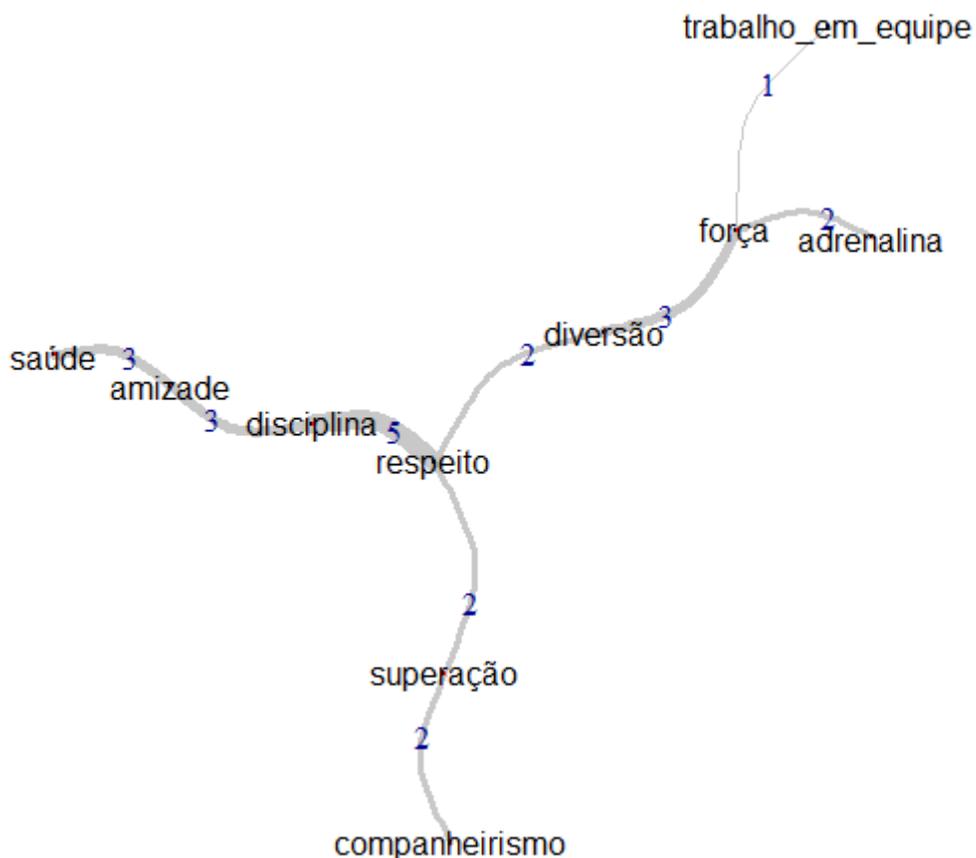
Segundo Abric e a Teoria do Núcleo central, os termos periféricos influenciam fortemente as que se encontram na localização central, os primeiros apresentam certa

flexibilidade, já os segundos são rígidos. Apesar de características diferentes, as representações sociais podem sofrer mudanças tanto periféricas, quanto centrais.

Diante disso, foi possível observar algumas pistas de como os atletas de Ponta Grossa compreendem o rugby e o objetivo do jogo, considerando que o núcleo central e o periférico correspondem a questões que podem envolver a prática da modalidade, como a questão da conduta e relacionamento (núcleo central), os sentidos e característica do jogo (núcleo periférico).

Para tentar verificar mais indícios dessas primeiras pistas e verificar a centralidade desses termos, também foi realizada a análise de similitude dos termos que foram citados. Essa análise pode ser observada na figura a seguir.

Figura 2 - Análise de similitude para o termo “rugby”.



Fonte: Os autores.

A partir da figura anterior, é possível verificar a centralidade do termo “respeito”, o qual encontra-se fortemente relacionado à “disciplina” e se liga ainda às palavras “diversão” e “superação”.

Essa análise salienta a ideia de que o termo "respeito", pensado como uma conduta a ser seguida dentro da prática do esporte, pode estar relacionado ao próprio esporte, aos companheiros e à equipe adversária, por exemplo, ou seja, o núcleo central pode estar relacionado às formas como os atletas acreditam que devem se comportar dentro de campo.

Prosseguindo com a análise, será abordada agora a justificativa dos atletas sobre a escolha da palavra mais importante relacionada ao termo “rugby”. A figura 3 representa a “nuvem de palavras” a respeito das palavras mais citadas.

Figura 3 - Nuvem de palavras das justificativas.



Fonte: Os autores.

É possível verificar que o termo “esporte” foi o mais significativo. O aspecto central “respeito” também aparece em destaque. Verifica-se ainda outros termos referentes ao rugby como: “jogo” e “campo”; um termo sobre os participantes da partida: “outro”; e o restante corresponde às condutas e ações como rugbier: “exigir” e “melhor”.

Em todas as análises, surgiram diferentes pistas, as quais direcionam a representação social do rugby para essa equipe para o que eles entendem como uma conduta a ser realizada dentro de campo.

No estudo de Aguiar (2011) em uma equipe de rugby de Porto Alegre, observou-se que o esporte é um meio de desenvolvimento e reprodução de condutas e ações. O autor aponta que os rugbiers apresentaram uma hierarquia de valores voltados a ideais como: jogo limpo,

honestidade, respeito a todos os que envolvem a partida, busca pelo atleta ideal, melhora como jogador e satisfação por praticar rugby.

Percebe-se que os discursos aproximam a prática do rugby atual de algumas virtudes apontadas historicamente. Bourdieu (2003) contextualiza esses valores como *fair play*, considerado como uma forma de jogar sem esquecer que é apenas um jogo, ressaltando assim o aspecto da classe burguesa relacionado ao cavalheirismo e à formação de virtudes através do esporte, sendo esse praticado como amador e com a existência de valores morais.

A própria modalidade do rugby manteve suas raízes amadoras e também impõe alguns valores para a sua prática. Através do manual apresentado pela Rugby Football Union, são apresentados os códigos para jogar o rugby, o chamado “espírito do rugby”, são eles: espírito de equipe, respeito, divertimento, disciplina, esportividade. (MELLO; PINHEIRO, 2014).

Dessa forma, o discurso dos atletas da equipe de Ponta Grossa Rugby direciona para representações sociais acerca da modalidade que condizem com esses valores, principalmente pelo aspecto central do “respeito”.

7.4 APONTAMENTOS FINAIS

O presente estudo teve como objetivo identificar as Representações Sociais que os atletas da equipe masculina de Ponta Grossa Rugby têm sobre o termo indutor “rugby”. Para tal, iniciou a análise a partir da definição do perfil desses praticantes.

A maior parte da amostra é natural de Ponta Grossa ou reside na cidade há mais de 10 anos. A influência de familiares e amigos foi o que aproximou os atletas do rugby, tanto no que diz respeito ao primeiro contato com a modalidade quanto com relação à equipe de Ponta Grossa Rugby. Os atletas em sua maioria jogaram rugby pela primeira vez na equipe de Ponta Grossa e praticam a modalidade há pelo menos 5 anos.

Verificou-se que o rugby para eles é tido como o esporte favorito, mas também praticam outros esportes. Os atletas também acompanham partidas de rugby transmitidas pela TV e as notícias sobre a modalidade.

Por meio da Teoria do Núcleo Central de Abric, foi possível verificar pistas de que os termos que compõem a centralidade da representação são relacionados a princípios que, segundo o discurso dos atletas, são condizentes com conduta para a prática da modalidade de rugby, tendo como elemento de maior destaque o “respeito”. Esse termo se relaciona a ideais burgueses do esporte amador, bem como aos códigos de conduta da modalidade de rugby, os chamados “espíritos do rugby”.

Através da fala dos atletas, é verificada a força que esses ideais apresentam para o grupo, entretanto apenas com o discurso não é possível afirmar que a conduta dos atletas dentro de campo condiz com os valores.

Acredita-se que este estudo trouxe contribuições no que diz respeito ao material acerca do tema, e afirma-se a necessidade da continuação e elaboração de estudos futuros que possam apontar outras pistas sobre representações sociais acerca do rugby.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. R. **Valores presentes na prática do rugby em um Clube de Porto Alegre**. 2011, 46 p. . Monografia (curso de Educação Física) – Escola de Educação Física da Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. Ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal LDA, 2003.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para o uso do Software IRAMUTEQ**. 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/0B1sJtjYHLc94fjFPZThMMIZEZkVIQV9fdU5nLUpBQ29nYVAtUU5RSm5Hc3M2TGhHYUFLQUk> . Acesso em: 12 dez. 2019.

CBDU. **Sobre a CBDU**. Disponível em: <http://www.cbdu.org.br/?pg=sobre> . Acesso em: 21 set. 2019.

CENAMO, G. C. **História do rugby**. 2010, 54 p. Monografia (obtenção do grau de Bacharel em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. **Conheça o Esporte**. Disponível em: <http://www.brasilrugby.com.br>. Acesso em 12 mar. 2020.

GUTIERREZ, D. M., ANTONIO, V. S. R.; KATER, T.; ALMEIDA, M. A. B. A study on the introduction and institucionalization of rugby in Brazil. **Journal of Physical Education**, v. 28, 10 p., 2017.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 17-44.

MAZZOTTI, A. J. A. A abordagem estrutural das representações sociais. **Psicologia da Educação**. São Paulo, SP, 2002, p. 17-37.

MELLO, J. B.; PINHEIRO, E. S., O rugby na educação física escolar: Relato de uma prática. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 20-32, 2014.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOURA, G. X. Retrospectiva histórica da expansão do Rugby: do mundo a Maringá. In: **VI Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte**, Maringá – PR, 2015.

NOGUEIRA, J. **Apostila rugby para todos**. Curso de capacitação de monitores. São Paulo: FS Digital Printing, 2007.

PAULA, E. F. **Políticas Públicas de Esporte e Lazer em Ponta Grossa/PR: Representações Sociais dos agentes públicos municipais vinculados à Fundação Municipal de Esportes**, 2018, 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110 p.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo compreender quais as representações sociais do termo indutor “rugby” para os atletas da equipe do Ponta Grossa Rugby, utilizando-se do modelo escandinavo, no qual ocorre a elaboração de artigos interdependentes.

Utilizando-se do estado do conhecimento acerca da modalidade em uma perspectiva social, buscou-se na literatura os elementos que compunham esses estudos nos últimos cinco anos, com o objetivo de compreender o que estava sendo produzido nessa temática. Diante disso, observou-se que esta produção acadêmica aparece em grande relevância em países da América do Sul, em especial na Argentina. Com relação aos anos de publicação dos estudos, é possível que o retorno da modalidade às Olimpíadas do Rio de Janeiro no ano de 2016 tenha contribuído para o aumento do interesse e da realização de pesquisas sobre o tema.

Pensando mais precisamente nos temas que apareceram nos estudos sobre o rugby na perspectiva social, destaca-se três categorias relacionadas às classes sociais: construção de classe, mudanças sociais e luta de classes. Essa relação é tida a partir do contexto histórico e da disputa entre o amadorismo e profissionalismo da modalidade, a primeira delas defendida pela elite e a segunda, pelas classes mais baixas.

Após este primeiro momento, houve a necessidade de pensar o rugby a partir da produção bibliográfica do Brasil sobre a modalidade, para isso foi realizado um estado do conhecimento buscando publicações nacionais. Foi constatado que, assim como no estado do conhecimento anterior, os Jogos Olímpicos deixaram a modalidade em evidência, gerando aumento de estudos nesse período. Com relação aos principais temas abordados, em sua maioria, foram referentes ao desempenho esportivo, nutrição e suplementação, e à organização e à gestão. Isso demonstra que, a partir da delimitação proposta, há uma carência com relação à utilização da modalidade em estudos sociais.

Para compreender o rugby assim como os demais esportes, optou-se pela utilização da teoria dos campos de Bourdieu, pensando na modalidade como um subcampo do campo esportivo, considerando as disputas referentes à manutenção de valores amadores, à popularização da modalidade e à profissionalização.

Para Bourdieu, a sua teoria é explicada a partir de três elementos centrais, são eles: “*habitus*”, campo e o capital, dessa forma, trata de espaços que possuem especificidades em suas características e leis, e ainda é onde ocorre a disputa pelo capital em questão. Pensando mais precisamente no rugby, os conflitos acerca da modalidade com relação à manutenção do

amadorismo e à conservação dos valores da elite podem ser considerados disputas que são constantes nesse campo.

Esses conflitos da modalidade, tais como profissionalização x amadorismo, aspectos violentos x as normas de conduta dos praticantes do rugby, e esporte massificado x esporte de elite, podem ser aspectos de investigação através da Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici.

Entre as possibilidades de pensar o rugby a partir dessa teoria, pode-se investigar esse esporte a partir da perspectiva de diferentes grupos, sendo eles praticantes ou não da modalidade, para a compreensão da representação desse esporte para esses grupos.

Ainda a respeito das representações sociais e o rugby, surgem diferentes abordagens que podem ser utilizadas para investigações. A grande teoria, apontada por Moscovici, explica que o objetivo das representações é de convencionalizar e prescrever objetos, pessoas ou acontecimentos, e o autor traz a comunicação como um elemento central acerca das representações.

A partir de Moscovici, foram desenvolvidas três abordagens acerca das representações sociais, foram elas: abordagem processual de Jodelet, abordagem societal de Willem Doise e a abordagem estrutural de Jean-Claude Abric.

Jodelet é a autora com maior aproximação da teoria inicial de Moscovici, abordando a influência do senso comum para o surgimento de uma representação social através do cotidiano. Outra contribuição da autora diz respeito à relação sujeito e objeto de uma representação social.

Doise, por sua vez, aproxima-se do aspecto sociológico, enfatizando a influência do grupo social no qual o indivíduo está inserido como um aspecto determinante para a variação de uma representação social. O mesmo autor desenvolveu três hipóteses para explicar essa relação: partilha de crenças entre os indivíduos do grupo; a natureza das posições do indivíduo com relação ao grupo; e a ancoragem na qual a tomada dessa posição é realizada.

A perspectiva de Jean-Claude Abric não foi apenas uma continuação da grande teoria, mas o autor desenvolveu uma nova teoria a fim de explicar como uma representação social é estruturada, chamada de teoria do Núcleo Central. Para o autor, uma representação social é dividida em dois núcleos: o central e o periférico. O primeiro deles é o responsável por gerar e manter a representação, sendo uma característica sólida; e o segundo permite a diferença entre os pensamentos individuais e permite contradições.

Pensando mais precisamente na perspectiva estrutural de Abric, é possível entender a estruturação da representação social do rugby, das disputas que ocorrem na prática do esporte a partir da concepção de grupos distintos, a fim de entender os aspectos concretos e flexíveis

dessas representações. Para tal, e ainda utilizando-se da aproximação com o aspecto regional, utilizou-se a equipe de Ponta Grossa Rugby para o entendimento da estruturação da representação social do rugby para esses indivíduos.

O rugby pontagrossense é um dos pioneiros no estado, tendo uma equipe representante no primeiro Campeonato Paranaense da modalidade. Foi fundada oficialmente em 2008 e atualmente conta com 20 atletas na sua equipe masculina. Como principal conquista, a equipe sagrou-se campeã da Copa Paraná em 2015.

Dos 20 atletas, 17 responderam a um questionário online que continha questões referentes à categorização da amostra e também a técnica de evocação de palavras, utilizada com o intuito de compreender a estruturação da representação social do rugby para essa amostra.

Diante disso, verificou-se que a maior parte da amostra é natural de Ponta Grossa ou reside na cidade há mais de 10 anos. Além disso, a aproximação para com a modalidade, assim como com relação à equipe, se deu a partir de influências de familiares e amigos. A amostra ainda demonstrou que a maioria deles jogou rugby pela primeira vez na equipe de Ponta Grossa e pratica a modalidade há pelo menos 5 anos.

Para o entendimento de qual a relação desses atletas com a modalidade, verificou-se que o rugby para eles é descrito como o esporte favorito, entretanto, a prática não se resume a essa modalidade esportiva, considerando a afirmação de que esses atletas também praticam outros esportes. Além disso, os atletas também acompanham partidas de rugby transmitidas pela TV e as notícias sobre a modalidade.

Mais precisamente sobre a representação social do rugby para este grupo, através da evocação de palavras e da Teoria do Núcleo Central de Abric, foi possível identificar pistas do que está contido na centralidade dessa representação, isso porque, a partir do discurso dos atletas, ficou enfatizada a relevância da conduta durante a prática do rugby. Entre os termos, destaca-se o “respeito”, o qual relaciona-se aos ideais burgueses que defendem o amadorismo esportivo e também corresponde aos códigos de conduta do rugby.

Utilizando-se do discurso dos atletas ainda não é possível comprovar a relação desses códigos com a representação social do rugby, para essa comprovação é necessária a realização de mais estudos partindo das pistas aqui encontradas, a fim de verificar se a prática desse grupo é condizente com a fala dos atletas.

Acredita-se que a presente dissertação trouxe contribuições para a temática do rugby em uma perspectiva social, entretanto pesquisas posteriores se fazem necessárias, principalmente devido à escassez de estudos acerca desse tema.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-37.
- ALMEIDA, A. M. O. Abordagem Societal das Representações Sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/05.pdf> . Acesso em: 23 jun. 2020.
- AGUIAR, F. R. **Valores presentes na prática do rugby em um Clube de Porto Alegre**. 2011, 46 p. . Monografia (curso de Educação Física) - Escola de Educação Física da Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- ASSUMPCÃO, L. O. T.; SAMPAIO, T. M. V.; CAETANO, J. N. N.; CAETANO JÚNIOR, M. A.; SILVA, J. V. P. Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, a. 2, p. 92-99, 2010.
- BADLEY, G. Academic writing: contested knowledge in the making? **Quality Assurance in Education**, v. 17, n. 2, p. 104-117, 2009.
- BARBOSA, J. C. Formatos insubordinados de dissertações e teses na Educação Matemática. In: D'AMBÓSIO, B. S.; LOPES, C. E. (org.). **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. Campinas: Mercado das Letras, 2015. p. 347-367.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 4, p. 101 -114, dez. 2006.
- BECERRA, M. A. G.; MANZINI, M. G.; MARTINEZ, C. M. S. Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. **Cad. Bras. Ter. Ocup.** v. 27, n. 3, São Carlos, 2019.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal LDA, 2003.
- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p.87-101, mai. 2003.
- BRANZ, J. B. Estar cerca de Europa. Deporte, clase social y prestigio en Argentina. **Rev. Reflexiones**, v. 95, n. 1, p. 131-142, 2016.
- BRANZ, J. B. Ser macho y jugar al rugby. Estudio sobre masculinidades y sociabilidad entre hombres de sectores dominantes de la ciudad de La Plata. **Masculinities and Social Change**, v. 4, n.3, p. 298-320, 2015.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para o uso do Software IRAMUTEQ**. 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/0B1>

sJtjYHLc94fjFPZThMMIZEZkVIQV9fdU5nLUpBQ29nYVAtUU5RSm5Hc3M2TGhHYUFLQUk . Acesso em: 12 dez. 2019.

CÂNDIDO, R. F.; BARBOZA, S. D.; ROGERIO, A. P.; MOTA, G. R.; MENDES, E. L. Dieta elevada em carboidratos complexos minimiza necessidade de suplementação durante jogo treino de rúgbi: foco no sistema imune. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 39, n.1, Porto Alegre, 2017.

CARVALHO, K. F. Os conceitos de *habitus* e campo na teoria de Pierre Bourdieu. **Diário de Campo: Revista de Ciências Sociais**, 2003.

CBDU. **Sobre a CBDU**. Disponível em: <http://www.cbdu.org.br/?pg=sobre> . Acesso em: 21 set. 2019.

CENAMO, G. C. **História do rugby**. 2010, 54 p. Monografia (obtenção do grau de Bacharel em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CHARTIER, R. **Pierre Bourdieu e a história**. Rio de Janeiro: Topoi, 2002, p. 139-182.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. Conheça o Esporte Disponível em: <http://www.brasilrugby.com.br>. Acesso em 12 mar. 2020.

CORAZZA, M.; DYER, J. A New Model for Inclusive Sports? An Evaluation of Participants' Experiences of Mixed Ability Rugby. **Social Inclusion**, v. 5, n. 2, p. 130–140, 2017.

COSTA, W. N. G. Dissertações e teses Multipaper: uma breve revisão bibliográfica. **Anais [...]** Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática, v. 8, n. 1, 2014.

DAMATTA, R., **Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DOISE, W. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, v.18, n. 1, p. 27-35, jan./abr. 2002.

DUARTE, C. B. F.; STREIT, G. S.; ALVES, M. K. Perfil antropométrico, consumo alimentar, uso de recursos ergogênicos e perda hídrica de jogadores de Rugby. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo. v. 11. n. 67. 2017, p. 843-850.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERREIRA, A. L. P. *et al.* Notas sobre o campo da Sociologia do Esporte: o dilema da produção científica brasileira entre as Ciências Humanas e da Saúde. **Movimento** (Porto Alegre), v. 19, n. 2, p. 251-275, 2013.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v.23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 06 out. 2018.

FUENTES, S. G. Rugby, educación solidaria y riqueza en las elites de Buenos Aires: la construcción de una classe moral. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 22, n. 1, 2018.

FUENTES, S.; GUINNESS, D. Nacionalismos deportivos con “clase”: el rugby argentino en la era profesional/global. **Antípoda**. Revista de Antropología y Arqueología, v. 30, p. 85-105, 2018.

FUENTES, S.; GUINNESS, D. “Good Players” or “Good People”: Masculinities, Mobilities, and Class in Argentinian Rugby. **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, v. 24, n. 2, p. 443–460, 2019.

GUTIERREZ, D. M., ANTONIO, V. S. R.; KATER, T.; ALMEIDA, M. A. B. A study on the introduction and institucionalization of rugby in Brazil. **Journal of Physical Education**, v. 28, 10 p., 2017.

GUTIERREZ, D. M., **O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil**. 2016, 113 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2016.

GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Produção de forma no esporte: sobre a estética do rúgbi. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, p. 347-354, 2017.

INTERNATIONAL RUGBY BOARD. **Guia de Principiantes do Rugby Union**. 2008, 16 p.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 17 - 44.

HALL, G.; REIS, A. A Case Study of a Sport-for-Development Programme in Brazil. **Bulletin of Latin American Research**, 2018.

HELAL, R.; AMARO, F. Construindo a Nação Arco Íris: esporte e identidade nacional em Invictus. **Lumina**, v. 5, n. 1, 2011.

JONCHERAY, H.; LEVEL, M.; RICHARD, R. Identity socialization and construction within the French national rugby union women’s team. **Sociology of Sport**. v. 51, n. 2, p. 162–177, 2014.

LÓPEZ, A. M. S.; MORALES, A. M. É rase una vez... la Nación Arcoíris: construcción de un mito de unidad nacional en la Sudáfrica postapartheid a partir de la ejecución de un dispositivo ritual extendido. **Pap. Polít. Bogotá**, v. 22, n. 2, p. 451-485, 2017.

LOVISOLO, H. R. Sociologia do esporte: temas e problemas. **Cadernos de formação RBCE**, v. 2, n. 2, 2011. p. 80-91.

MARQUES, J. C.; CAFEO, M. R. G. Mulheres fazem isso? Análise das estratégias de gestão do rúgbi feminino no Brasil. **Podium**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 26-40, 2014.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**: Porto Alegre, v. 13, n. 03, 2007, p. 225-242.

MAZZOTTI, A. J. A. A abordagem estrutural das representações sociais. **Psicologia da Educação**. São Paulo, 2002, p. 17-37.

MCDONALD, B.; RODRIGUEZ, L.; GEORGE, J. R. 'If it weren't for rugby I'd be in prison now': Pacific Islanders, rugby and the production of natural spaces. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 2018.

MELO, V. A.; GONÇALVES, M. C. À sombra do futebol: experiências com o rugby nas duas primeiras décadas do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, 2019.

MELLO, J. B.; PINHEIRO, E. S., O rugby na educação física escolar: Relato de uma prática. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 20-32, 2014.

MOLETTA JR, C. L. *et al.*, **Norbert Elias, uma nova abordagem para o estudo da história do futebol brasileiro**. 2005. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/comunicacao_oral/art5.pdf Acesso em: 29 set. 2018.

MOLINA, R. C.; MELO, H. C. A prática da accountability em uma organização esportiva: o caso da Confederação Brasileira de Rugby (CBRU). **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 6, n. 2, 2017.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. Porto Alegre. **Educação Por Escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOURA, G. X. Retrospectiva histórica da expansão do Rugby: do mundo a Maringá. In: **VI Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte**, Maringá – PR, 2015.

MULLER, C. B.; BORTOLAS, A. B.; COSWIG, V. S.; PINHEIRO, E. S.; DEL VECCHIO, F. B. Efeito da potencialização pós-ativação do agachamento com salto em teste de scrum no Rugby Union. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 12, n. 79, p.893-901, 2018.

NAVES, A. C. V. S.; ISIZUKA, K. M.; RUAS, O. M.; RAMADA, A. R.; NACIF, M. Avaliação nutricional de jogadores de rúgbi. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 10, p. 612-618, 2016.

NOGUEIRA, J. **Apostila rugby para todos**. Curso de capacitação de monitores. São Paulo: FS Digital Printing, 2007.

OLIVEIRA, S. F. M.; OLIVEIRA, L. I. G. L.; COSTA, M. C. Influência da resistência ao rolamento no desempenho de velocidade no rúgbi em cadeiras de rodas. **J. Phys. Educ**, Maringá, v. 30, 2019.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR., D.; *et al.* **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.89-98.

PARREIRA, P., MÓNICO, L., OLIVEIRA, D., CAVALEIRO, J., GRAVETO, J. **A abordagem estrutural das representações sociais**. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331866117_capitulo_5_a_abordagem_estrutural_das_representacoes_sociais . Acesso em: 23 jun. 2020.

PAULA, E. F. **Políticas Públicas de Esporte e Lazer em Ponta Grossa/PR**: Representações Sociais dos agentes públicos municipais vinculados à Fundação Municipal de Esportes, 2018, 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

PAULA, E. F.; SOUSA, D. P.; ANTUNES, A. C. Teoria das representações sociais e software IRAMUTEQ: uma possibilidade metodológica para estudos nas ciências sociais e humanas. In: FREITAS JUNIOR, M. A., RAUSKI, E, F. (org.). **Possibilidades metodológicas para a abordagem do esporte nas ciências sociais**. Ponta Grossa: Texto e contexto, 2018, p. 77-105.

PEREIRA JUNIOR, M.; MARTINS, L. C. Efeitos do excesso de treinamento em atletas de rugby: Uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v.10, n. 62, p.798-805, 2016.

PIERO, L.; RAMOS, P. V.; GONZÁLEZ, L. G.; LUNARDI, M.; PUPO, J.; FREITAS, C. R. Efeito de uma pré-temporada de treinamento sobre a capacidade aeróbia de jogadores de Rugby XV. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 12, n. 77, p. 734-742, 2017.

PINHEIRO, E. S.; COSWIG, V. S.; RIBEIRO, Y. S.; DEL VECCHIO, F. B. Aptidão física no rúgbi: comparações entre backs e forwards. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, p. 257-265, 2018.

PINHEIRO, E, S.; MIGLIANO, M.; BERGMANN, G. G.; GAYA, A. Desenvolvimento do rugby brasileiro: panorama de 2009 a 2012. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, n. 9, p. 990-995. 2013.

RICHARDS, H. **A game for hooligans**: The history of rugby union. Londres: Random House, 2011.

RODRIGUES, D.; MOTA, L.; ALVES, M. K. Perfil antropométrico, frequência alimentar e utilização de recursos ergogênicos em jogadores juvenil de Rugby de Caxias do Sul-RS. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo, v. 11, n. 68, p.1036-1041, 2017.

PRAYAG, G.; MILLS, H.; LEE, C.; SOSCIA, I. Team identification, discrete emotions, satisfaction, and event attachment: A social identity perspective. **Journal of Business Research**, n. 112, 2019.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110 p.

SÁ, C. P.; ARRUDA, A. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Série Especial Temática, Florianópolis, p. 11-32, 2000.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 2004.

SANTANA, K. C. L. **Relação professor-materiais curriculares em Educação Matemática**: uma análise a partir de elementos dos recursos do currículo e dos recursos dos professores. 163f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Faculdade de Ciências Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2017.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Movimento** (ESEF/UFRGS), v. 16, n. 2, 2010b, p. 45-70.

SOUZA, J., MARCHI JUNIOR, W., Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1., 2010a, p. 293-315.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Movimento** (ESEF/UFRGS), v. 16, n. 2, 2010b, p. 45-70.

SOUSA, N. M. F.; STINGUEL, H.; MAIRINK, R. S.; BAIA, D. P.; BERTUCCI, D. R.; MARTINS, R. A. S. Perfil antropométrico e aeróbio de jogadoras de uma equipe de rugby sevens: Diferenças entre posições táticas. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo. v. 10, n.58, p.282-289, 2016.

TADIELLO, G. S.; SANTOS, L. H. B. A.; SCOPEL, T.A.; ZARDO, B. S.; SCHMITT, V. M.; BONETTI, L.V. Desempenho muscular isocinético dos ombros em atletas de rúgbi. **Sci. med.** Porto Alegre, v. 27, a. 2, 2017.

THIRY-CHERQUES, H. R., **Pierre Bourdieu**: a teoria na prática. **RAP** Rio de Janeiro, v. 40, a. 1, 2006, p. 27-55

TOLEDO, L. E.; EJNISSMAN, B.; ANDREOLI, C. V. Incidência, tipo e natureza das lesões dos atletas do Rúgbi São José na temporada de 2014. **Rev Bras Med Esporte**, v. 21, n. 3, 2015.

TUBINO, M. J. G. Uma Visão Paradigmática das Perspectivas do Esporte para o Início do Século XXI. In: GEBARA, A. *et al*; MOREIRA, W. W. (org.). **Educação física & esportes**: Perspectivas para o século XXI. 9ª edição. Campinas: Papirus, 2002, p. 125-139.

VAROTTI, P. F.; MALAIA, J. M. A prática da governança corporativa e sua influência para os Stakeholders envolvidos no desenvolvimento de um projeto esportivo do SESI-SP. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 1. 2016.